

DM

**A Produção do Vídeo e seu Contributo
para a Aprendizagem em Educação Ambiental**
Um estudo de caso na educação fundamental

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Janete de Freitas Ribeiro

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Abril | 2021

**A Produção do Vídeo e seu Contributo
para a Aprendizagem em Educação Ambiental**
Um estudo de caso na educação fundamental

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Janete de Freitas Ribeiro

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

José Paulo Gomes Brasão
Gilvaneide Ferreira de Oliveira



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

A produção do vídeo e seu contributo para a aprendizagem em educação ambiental:
um estudo de caso na educação fundamental

JANETE DE FREITAS RIBEIRO

FUNCHAL

2021

JANETE DE FREITAS RIBEIRO

A produção do vídeo e seu contributo para a aprendizagem em educação ambiental:
um estudo de caso na educação fundamental

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da
Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da
Madeira, para conclusão do Mestrado em Ciências da
Educação, na área de Inovação Pedagógica.

Orientadores: Professor Doutor José Paulo Gomes Brazão

Professora Doutora Gilvaneide Ferreira de Oliveira

FUNCHAL

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente A DEUS, por ter me dado força e perseverança para concluir esta jornada.

A todos os professores, em especial ao professor Doutor Carlos Nogueira Fino pelo compartilhamento dos seus valorosos saberes; a professora Doutora Jesus Maria Sousa pela sua sensibilidade e presença educativa em nossa jornada e ao professor Doutor José Paulo Gomes Brazão pelo incentivo, simplicidade intelectual e importância de sua colaboração durante o processo de orientação.

Agradeço ainda, a toda minha família, meu pai José Avelino Ribeiro (in memória), minha mãe Eunice Maria Freitas Ribeiro, meus filhos Rafael e Rafaelly de Freitas, meu companheiro de vida Marcos Mergulhão, minha irmã Josenice de Freitas Ribeiro, meu sobrinho Kelvin Freitas e as minhas amigas e incentivadoras Selma Suely de Farias e Emilly Vasconcelos de Farias por terem sido meu sustentáculo nesta árdua e prazerosa jornada.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado propôs-se a desenvolver estudos no contexto da Inovação Pedagógica como proposta de ruptura de paradigmas no ensino e aprendizagem em sala de aula na educação ambiental, buscando analisar que contribuições a produção do vídeo traz para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental. O objetivo era analisar como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental? Foram enfatizadas as categorias Inovação Pedagógica, Aprendizagem e Educação Ambiental. Para tanto, discutimos os principais conceitos de ensino/aprendizagem, bem como, estabelecemos um estudo teórico sobre inovação pedagógica e suas possibilidades no desenvolvimento da prática pedagógica para o conteúdo de educação ambiental associado ao uso de tecnologias. Utilizamos como metodologia um estudo de caso de natureza qualitativa à luz da etnografia. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados questionários, pesquisas bibliográficas e a observação participante com anotação no diário de bordo. Constatamos ao final da pesquisa que apesar da utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos esse trabalho necessita de continuidade para que se verifique inovação pedagógica no contexto estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação pedagógica, Aprendizagem, Educação Ambiental.

ABSTRACT

This master's thesis proposed to develop studies in the context of Pedagogical Innovation as a proposal to break paradigms in teaching and learning in the classroom in environmental education, seeking to analyze what contributions the production of video brings to a reflective learning in environmental education . The objective was to analyze how the use and production of video by the apprentice contribute to a reflective learning in environmental education? The categories of Pedagogical Innovation, Learning and Environmental Education were emphasized. For that, we discussed the main concepts of teaching-learning, as well as, we established a theoretical study on pedagogical innovation and its possibilities in the development of pedagogical practice for the environmental education content associated with the use of technologies. We used as methodology a case study of a qualitative nature in the light of ethnography. We used questionnaires, bibliographic research and participant observation with notes in the logbook as data collection instruments. We found at the end of the research that despite the use of video in environmental education classes, it contributes to improving student learning, this work needs continuity in order to verify pedagogical innovation in the studied context.

KEY WORDS: Pedagogical innovation, Learning, Environmental Education.

RÉSUMÉ

Ce mémoire de maîtrise proposait de développer des études dans le contexte de l'innovation pédagogique comme proposition de briser les paradigmes de l'enseignement et de l'apprentissage en classe en éducation à l'environnement, cherchant à analyser les contributions que la production de vidéo apporte à un apprentissage réflexif en éducation à l'environnement . L'objectif était d'analyser comment l'utilisation et la production de vidéo par l'apprenti contribuent à un apprentissage réflexif en éducation à l'environnement? L'accent a été mis sur les catégories de l'innovation pédagogique, de l'apprentissage et de l'éducation environnementale. Pour cela, nous avons discuté des principaux concepts d'enseignement-apprentissage, ainsi que, nous avons établi une étude théorique sur l'innovation pédagogique et ses possibilités dans le développement de la pratique pédagogique pour le contenu d'éducation à l'environnement associé à l'utilisation des technologies. Nous avons utilisé comme méthodologie une étude de cas de nature qualitative à la lumière de l'ethnographie. Nous avons utilisé des questionnaires, des recherches bibliographiques et des observations des participants avec des notes dans le journal de bord comme instruments de collecte de données. Nous avons constaté à la fin de la recherche que malgré l'utilisation de la vidéo dans les cours d'éducation à l'environnement, elle contribue à améliorer l'apprentissage des élèves, ce travail a besoin de continuité afin de vérifier l'innovation pédagogique dans le contexte étudié.

MOTS CLÉS: Innovation pédagogique, apprentissage, éducation environnementale.

RESUMEN

Esta tesis de maestría propuso desarrollar estudios en el contexto de la Innovación Pedagógica como una propuesta para romper paradigmas en la enseñanza y el aprendizaje en el aula en educación ambiental, buscando analizar qué contribuciones aporta la producción de video a un aprendizaje reflexivo en educación ambiental. . El objetivo fue analizar cómo el uso y producción de video por parte del aprendiz contribuye a un aprendizaje reflexivo en educación ambiental. Se enfatizaron las categorías de Innovación Pedagógica, Aprendizaje y Educación Ambiental. Para eso, discutimos los principales conceptos de enseñanza-aprendizaje, así como, establecimos un estudio teórico sobre la innovación pedagógica y sus posibilidades en el desarrollo de la práctica pedagógica para los contenidos de educación ambiental asociados al uso de tecnologías. Utilizamos como metodología un estudio de caso de carácter cualitativo a la luz de la etnografía. Se utilizaron cuestionarios, investigación bibliográfica y observación participante con notas en el diario como instrumentos de recolección de datos. Encontramos al final de la investigación que a pesar de que el uso del video en las clases de educación ambiental contribuye a mejorar el aprendizaje de los estudiantes, este trabajo necesita de continuidad para verificar la innovación pedagógica en el contexto estudiado.

PALABRAS CLAVE: Innovación pedagógica, Aprendizaje, Educación Ambiental.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Diário de Campo

Tabela 02 – Diário de Campo

Tabela 03 – Diário de Campo

Tabela 04 – Diário de Campo

Tabela 05 – Entrevista com a docente

Tabela 06 – Entrevista com a coordenadora

Tabela 07 – Entrevista com os discentes (A1, A3, A5, A7 e A9)

Tabela 08 – Entrevista com os discentes (A2, A4, A6, A8 e A10)

SUMÁRIO

RESUMO.....	I
ABSTRACT	II
RÉSUMÉ	III
RESUMEN.....	IV
LISTA DE TABELAS	V
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL.....	10
1.1 A Evolução da Educação Ambiental.....	18
1.2 A Educação Ambiental na atualidade.....	27
CAPÍTULO II – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	37
2.1 Inovação pedagógica na escola.....	37
2.2 A Inovação Pedagógica no contexto de Educação Ambiental	46
2.3 Como usar a tecnologia a favor da inovação em educação ambiental? ...	49
2.4 A falta de formação adequada do professor quanto a utilização da produção do vídeo nas aulas.....	55
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	65
3.1 Revisão bibliográfica	69
3.2 Entrevista	70
3.3 Observação participante	71
3.4 Tratamento dos dados.....	73
3.5 Triangulação dos dados.....	74
CAPÍTULO IV – RESPOSTA ÀS QUESTÕES DA PESQUISA	77
4.1 Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?	86
4.2 É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?	88
4.3 A produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?	90
4.4 Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre educação ambiental?	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

APÉNDICES	VI
------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Antes de considerarmos a alfabetização como princípio fundamental na formação humana, podemos levar em conta o fato de que historicamente ela esteve presente em praticamente todas as formações culturais, ou seja, na sociedade e na vida profissional dos indivíduos.

Através dela o homem constrói o seu mundo e concretiza seus sentimentos não acessíveis à linguagem em formas expressivas. Nessa perspectiva torna-se imprescindível que a aprendizagem seja vista nas escolas como um elemento libertador, considerando que é na a valorização dos processos de produção dos educandos que eles têm a possibilidade de construir seu conhecimento a partir de suas experiências.

Nesse sentido, a aprendizagem pode ser mediada a partir das vivências dos alunos enquanto partícipes do processo de ensinoaprendizagem. Nesse contexto, os educandos estão imersos em uma diversidade de linguagens que nascem e se multiplicam lançando mão delas para se comunicar e se relacionar.

Essa perspectiva de aprendizagem se alinha a uma relação horizontal, sem hierarquias, onde todos são importantes nesse processo. Tanto professor, quanto aluno, ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem.

A nova tendência pedagógica que consubstancia essas teorias é chamada de sociointeracionista que preconiza o desenvolvimento cognitivo por meio da interação social. Sob essa visão a aprendizagem é uma experiência social que cria novos mundos, possibilita um olhar multifacetado, novas possibilidades, pluralismo de ideias e valores à medida que possibilita a correspondência entre o pensar e o agir.

Nesse contexto, a aprendizagem é tecida pela composição de diferentes linguagens entrelaçadas em função de uma intenção e os recursos tecnológicos têm sido vastamente utilizados como forma de expressar e comunicar imagens, ideias, pensamentos e sentimentos.

O clima de insatisfação dos professores com relação aos resultados apresentados pelos alunos no tocante a aprendizagem dos conteúdos sobre meio ambiente já chamou a atenção da maioria das escolas.

Por essas dificuldades é que se tornam tão importantes a introdução de atividades que tragam a tecnologia para a sala de aula, fazendo-se essencial realizar uma grande reforma curricular para modernizar e dinamizar a aprendizagem dessa temática.

Como atesta Sousa (2000) “a inclusão de ferramentas tecnológicas nas aulas facilita a aprendizagem dos conteúdos, pois servem como instrumento de desbloqueio aos discentes que acham as aulas sem sentido, difíceis de assimilar e, com isso, dificultam a aprendizagem dos conteúdos” (p. 58)

Assim, entende-se que essa má qualidade na aprendizagem sobre meio ambiente pode ser superada através da ajuda de ferramentas como o vídeo, tornando os conteúdos mais atrativos para os alunos. São muitos os esforços que vem sendo realizados para diminuir a chamada “crise na aprendizagem nas escolas públicas”.

Silva (2000) afirma que:

Tanto na escola quanto no meio familiar, a dificuldade de compreensão das relações entre aprendizagem e a atividade tecnológica parece refletir-se fundamentalmente na separação entre a “hora de aprender”, considerada mais séria, regrada e dirigida, e a “hora de brincar”, dita mais prazerosa, espontânea e livre, acarretando o desinteresse dos alunos pelas atividades escolares e a falta de motivação pelas tarefas de casa (p. 30).

Esta crise pode ser atribuída à metodologia utilizada, a má formação dos professores, a inadequação de livros didáticos ou a falta de recursos destinados à educação e dos conteúdos programados, que muitas vezes não possibilitam que os discentes notem as utilidades de tais conteúdos em seu cotidiano.

Para Freire (1997) “as ferramentas tecnológicas funcionam como uma atividade de valor terapêutico e são essenciais para a criança como uma forma simbólica, na qual ela aprende a ser e se conhecer como ser social” (p. 85).

É por esse motivo que se pretende verificar se a produção do vídeo pelo aprendiz contribui para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental.

Vygotsky (1991) não separa o intelecto do afeto, quando afirma “o homem é um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também é alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza” (p.08).

Diante do exposto nota-se que os desejos, necessidades, emoções, interesses, impulsos, inclinações do indivíduo é que dão origem ao pensamento, que por sua vez, exercem influências sobre o aspecto afetivo-cognitivo.

Nesse norte, o trabalho com o vídeo pode vir a contribuir na descentralização do grupo, uma vez que os alunos têm a oportunidade de atuar em função um do outro, respeitando e aprimorando o ponto de vista de cada um, se constituindo como uma ferramenta dinâmica que pode ser construída e pensada de diferentes formas.

Vygotsky (1991) “reconhece a importância atribuída a interação social nos processos educativos e como se materializam os processos educativos tanto em situações formais como informais” (p. 87).

Deste modo, o vídeo pode ser utilizado para introduzir, amadurecer conteúdos e preparar o discente para aprofundar os conteúdos já trabalhados. E assim, aprender educação ambiental por meio de processos de repetição, treinamento, descoberta, criação, encenação e experimentação. Nessa perspectiva, o vídeo não deve ser usado como instrumento de recreação, mas como um veículo para a construção do conhecimento crítico reflexivo.

Vários lugares no mundo implantaram nas escolas a educação ambiental sob a forma de projetos ou como conteúdos de disciplinas extracurriculares. Esses projetos apontam para uma melhoria no rendimento escolar dos discentes que deles participam.

Nota-se que é cada vez mais urgente que as práticas educativas tenham o intuito de gerar aprendizagens significativas nos discentes, o que será possibilitado a partir da inserção de práticas reflexivas ancoradas nos anseios da inovação pedagógica.

A educação tradicional por décadas predominou nas salas de aula, onde os alunos sentiam-se “forçados” a estudar numa obediência inquestionável, situação que não atende mais aos interesses da atualidade, já que hoje é essencial a discussão de pontos de vista diferenciados.

Segundo Papert (2008) “o conhecimento torna-se valorizado por ser útil, por ser possível compartilhar com outras pessoas e por combinar com o estilo pessoal do indivíduo” (p. 173).

Os anseios da era moderna levam as escolas a reverem suas práticas voltando seu olhar para as necessidades de aprendizagens dos educandos num contexto informal, ou seja, fora da escola.

Conforme Toffler (2007):

Cada nova civilização colhe ideias do passado e as configura de maneira que a ajudam a se compreender em relação ao mundo. Com essa ideia, os educadores devem estar atentos, pois as práticas tradicionais não mais correspondem aos interesses da atualidade e devem entender que a responsabilidade de mudança perpassa por todos os sujeitos envolvidos na educação abrindo principalmente as possibilidades de novidade lutando sempre pelo direito da liberdade de expressão dos alunos (98).

Dessa maneira, entende-se que todos os educadores devem contribuir para colocar em prática essas ideias, a fim de que se possibilite o encorajamento dos educandos, incentivando-os a serem autores de seus conhecimentos em diversas situações, já que o modelo tradicional não serve mais.

Assim, as atividades envolvendo a expressão verbal no ambiente escolar deve ser desenvolvida de duas formas básicas: uma, de estudos programados nos ambientes internos da escola e a outra em atividades livres que instiguem os alunos a serem autores de suas produções. Essa diversidade de ambientes de leitura possibilita aos educandos a assimilação de informações e conhecimentos integrando-os em um determinado conjunto coerente do saber.

Segundo Papert (2008), “as pessoas, na sua maioria, estão mais interessadas no que aprendem do que em como a aprendizagem ocorre. De fato, a maioria aprende sem sequer pensar sobre a aprendizagem” (p.41).

As mudanças ocorridas com o passar dos tempos ajudam as tecnologias a chegarem a todos os lugares do mundo. Na escola não seria diferente, pois ela é um espaço que compõe um instrumento para melhoria da sociedade essa instituição precisa acompanhar o progresso.

Conforme Toffler (2007), “as pessoas para cumprirem os imperativos de sua cultura, precisam de alguma certeza de que seu comportamento produzirá resultados. O ideal não é acumulação de conhecimentos, mas o desenvolvimento das capacidades” (p. 34).

Desta forma, necessita-se perceber continuamente o cenário atual numa visão organizada, onde o aprendiz possa desenvolver o conhecimento de maneira aprimorada.

Importantes pensadores vêm contribuindo com suas falas para o progresso do espaço de ensino a fim de amenizar os aspectos tradicionais que não permitem aos aprendizes a construção do conhecimento.

Assim, estes nos abrem o caminho para a compreensão sobre como deve acontecer o conhecimento no espaço escolar. Não obstante, identificar que caminho tomará para realização de um trabalho coerente com o tempo e com as necessidades dos discentes é algo muito significativo a se pensar.

O ensino tradicional já não tem o mesmo espaço, pois uma escola que apenas apresenta-se como instrucionista já é considerada como obsoleta, não atendendo mais o que necessita a sociedade. Dentre as diversas necessidades da escola existe a previsão do aprendiz ser bem trabalhado quanto ao conhecimento do meio onde vive.

Nesse norte, o construtivismo, assim como o construcionismo, tem ganhado espaço em boa parte das escolas. Muito embora ainda parece faltar muito para chegar a uma escola qualificada que apresente inovação pedagógica.

Sendo assim, questionamos como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental e se é possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental.

E procuramos observar como o docente utiliza os recursos tecnológicos, especialmente o vídeo e se esse uso se dá de maneira inovadora. Assim nasceu à ideia da presente investigação para apresentação a UMA.

Partindo do pressuposto que a quebra dos paradigmas existentes está vinculada a aplicação de práticas reflexivas e inovadoras que rompam com a metodologia tradicional, entende-se que o uso pedagógico do vídeo a serviço de uma educação voltada para a formação integral do ser, deve estar ancorado em práticas pedagógicas que promovam saberes significativos.

Frente a esses desafios contemporâneos a escola passa por um processo de mudanças que colocam em crise não apenas os conteúdos, mas a estrutura e o modelo de ensino. Independente da mudança tecnológica, essa manifestação de comportamento já ocorria, com o próprio acúmulo de problemas na história da educação.

Assim, a escola fragmentada, dividida em disciplinas, distante da vida dos professores e alunos, ao mesmo tempo se depara com um mundo que faz perguntas cada vez mais globais e urgentes.

Nosso modelo escolar sofreu grandes influências da escola que era voltada para o mercado de trabalho e ao mesmo tempo elitista, aonde só chegavam os melhores, para a escola que busca ultrapassar as barreiras deixadas por seu contexto histórico.

Neste contexto, entende-se que a escola por um longo período trabalhou com repetições de atividades preestabelecidas, esses significados e padrões culturais não foram suficientes para garantir a aprendizagem dos estudantes e para ampliar seus horizontes.

Guimarães (2000) assevera que é preciso:

Desconstruir para construir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer.
(p.18)

Deste modo, Toffler (2007) nos revela que:

Essas técnicas permitem a cada estudante avançar no seu ritmo próprio, puramente pessoal. Permite-lhe seguir um caminho traçado de acordo com a sua vontade, em vez de um programa

escolar rígido como na sala de aula tradicional da era industrial.
(p. 224)

A educação, numa visão contemporânea, tem como eixo central o sujeito, bem como seu desenvolvimento e criação, assim não se comportando como uma organização curricular estanque, onde seus conteúdos são programados para que todos os estudantes aprendam do mesmo modo e ao mesmo tempo.

É indubitável que a educação e suas múltiplas formas de expressão podem contribuir com esse movimento de ensinoaprendizagem. Contemporaneamente, não podemos ignorar outras formas e as inúmeras possibilidades de criação e fruição artísticas frente às tecnologias disponíveis.

Nesse sentido, realizamos esta pesquisa com os professores de Ciências Naturais e com alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho, localizada no centro da cidade, única Unidade de Ensino a ofertar os Anos Finais do Ensino Fundamental no município. A pesquisa contou com um efetivo de 30 alunos, que compõe o oitavo ano do ensino fundamental da escola campo de pesquisa. Buscamos compreender como a utilização e a produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental?

Bem como avaliar que aprendizagens os alunos demonstraram apresentar durante as atividades propostas com a produção do vídeo no contexto da inovação pedagógica e graduamos, após as produções do vídeo sobre as temáticas estudadas, se os discentes apresentaram aprendizagens significativas em educação ambiental.

A escolha deste tema deve-se ao fato de entendermos que este assunto precisa estar inserido no espaço educacional desde as séries iniciais, e desta maneira precisa ser trabalhado com os aprendizes de forma inovadora, com o emprego dos mais variados recursos, já que a sociedade tem avançado quanto a facilitação do acesso às tecnologias de informação e comunicação, principalmente dentro das escolas.

Nesse sentido, o docente pode utilizar o vídeo de maneira dinâmica, propondo até mesmo a produção do vídeo pelos próprios aprendizes, de maneira que estes possam, por exemplo, filmar o pátio da escola antes e depois do lanche, a rua antes e depois de uma chuva. Poderão igualmente, listar, refletir, registrar, relatar a respeito das mudanças que precisam acontecer em relação ao cuidado com o meio ambiente.

Procuramos compreender se a construção do vídeo propicia aprendizagem significativa em educação ambiental e se depois de compartilharem desta prática pedagógica para podemos dizer se a inovação pedagógica de fato acontece nessas aulas.

Desta maneira, questionamos se a produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma, bem como se os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora permite a ocorrência de inovação pedagógica.

Se isto de fato acontecer, será colocada uma nova forma de atingir à aprendizagem em educação ambiental, modificando a maneira como o conhecimento chega até o aprendiz, o que pode se traduzir como diferencial na prática pedagógica da escola campo de pesquisa.

Disso depreende-se que leitura e escrita não podem ser separadas de outras atividades que fomentem a criatividade dos discentes, tendo que ser trabalhadas lado a lado e, ambas precisam interagir em harmonia com as outras vertentes existentes, a fim de formar estudantes qualificados para atuarem em todas as esferas da sociedade. Isso significa dizer que a escrita precisa da leitura, bem como de outras atividades diversificadas, inclusive as tecnológicas.

No entanto, o que eles não consideram é que mesmo com atenção e esforço a aprendizagem não é construída do dia para noite. É preciso dar importância a linguagem como um todo e a linguagem oral, corporal e atitudinal também faz parte da formação acadêmica do aprendiz. Por isso se faz necessário incluir outras metodologias que não envolvam somente leitura e escrita, para que formemos alunos capazes de se expressar através das diversas formas de linguagens corporais.

Nessa direção, este trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo descrevermos marcos históricos da educação ambiental. O segundo disserta sobre a inovação pedagógica no contexto da educação ambiental. O terceiro capítulo explica como se deu a metodologia. O quarto capítulo expõe as respostas às questões da pesquisa e, por fim apresentamos as considerações finais.

Deste modo, a intenção do presente estudo quis refletir se é possível inovar e dinamizar as aulas através produção do vídeo durante os conteúdos relacionados a educação ambiental. Sendo assim, torna-se crucial criar e fortalecer hábitos que implementem um projeto de promoção a produção de vídeo na escola.

Não podemos proporcionar aos alunos uma aprendizagem que priorize o sentido imediato do que é lido, mas sim devemos permitir um trabalho de imaginação, a fim de que ele reinvente o que aprendeu. Espera-se ainda que o discente tenha a consciência de apreender autonomamente.

Com isso a ideia de só dar informações soltas e não trabalhar com debate, interação e discussões já se esvaiu. Deve-se priorizar o pensamento autônomo do aluno, oportunizar que ele fale e exponha seus desejos escolares, permitindo que eles alcancem suas metas e se sintam importantes com isso, dando oportunidade para que eles se desenvolvam de forma autônoma.

Quando o professor detecta uma dificuldade em um aluno, é seu dever entrar em contato com os pais para juntos solucionarem o problema. Se o aluno tiver um bom conhecimento sobre o meio em que vive, conseqüentemente terá uma facilidade para aprender. Com isso notaremos que qualquer desenho ou fotografia poderá ser decifrada ou comentada linguisticamente, sem que seja preciso o uso da escrita e sem que ocorra uma leitura necessariamente dita.

A presente dissertação foi organizada levando em consideração todos os argumentos apresentados e os temas analisados, sendo finalizado por meio das considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

A primeira parte refere-se aos Marcos históricos da educação ambiental e o disserta sobre A educação ambiental na escola A segunda parte disserta sobre Inovação pedagógica no contexto de educação ambiental. E a terceira e, última parte, refere-se a Metodologia e as Respostas as questões da pesquisa. Por fim, expusemos as conclusões marcadas pelas vivências da investigação e dos resultados alcançados por meio da análise dos dados.

CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

Os impactos ambientais vêm trazendo uma série de problemas para o nosso planeta desde os anos sessenta, passando assim a existir uma preocupação e inquietação internacional com a temática ambientalista. Por isso, começou-se a realizar eventos, conferências e documentos para discutir temáticas relacionadas a educação ambiental.

Conforme descreve Morales (2000) foi durante o andamento da conferência de educação que aconteceu na Grã Bretanha em 1965 que foi ouvida pela primeira vez a expressão *environmental education*, partiu daí a ideia de que a educação ambiental necessitaria se tornar parte principal na educação de todos os cidadãos.

No ano de 1968 foi realizado pela UNESCO um estudo comparativo que concluiu que a educação ambiental não deve constituir-se como uma disciplina, como também entendeu que o meio-ambiente não é apenas o que se diz físico, mas também os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos interrelacionados.

Os acontecimentos a partir da Revolução Industrial, no final do século XVIII, tiveram como produto o aumento quantitativo no processo de destruição da natureza. Isto provocou reações e organização de parcela importante da sociedade para a conservação da natureza, organizando o movimento ambientalista.

Assim, a educação ambiental surgiu quando se percebeu a importância de transformar o pensamento humano em relação às questões ambientais, a fim de fazer com que o ser humano venha a ser participante nas resoluções dessas questões.

Conforme descreve Jacobi (2003):

Foi com a Conferência Intergovernamental sobre educação ambiental que aconteceu em Tbilisi (EUA) em 1977 que teve início um extenso processo em nível global que encaminhou a criação dos requisitos que constituíram uma nova consciência quanto ao valor da natureza (p. 58).

Em 1983, na assembleia geral da ONU, foi criada uma comissão mundial para o meio ambiente e para o desenvolvimento sustentável, a qual inclui nos objetivos de

pesquisas os problemas ambientais em perspectiva global. Após seis anos de trabalho, esta comissão publica os resultados no “Relatório *Brundtland*”.

Dando prosseguimento aos marcos históricos da educação ambiental sabemos que:

Em 1987, sobrevém a Conferência de Moscou em alusão a educação como formação ambiental. Em 1992 aconteceu no Brasil, no estado do Rio de Janeiro, a segunda conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ficando conhecida como Rio 92 ou ECO 92. Contou com a participação de 178 países e deu origem Agenda 21, a declaração sobre o meio ambiente, a Carta da Terra, a Declaração das Florestas e as Convenções sobre o clima e biodiversidade (REIGOTA, 2006, p. 89).

A carta da terra foi apresentada como um documento mundial contendo 16 artigos que aborda uma espécie de código de procedimento universal, sendo estruturado em quatro princípios fundamentais: respeito à vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz.

A convenção climática tem por objetivo principal consolidar as concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera. A convenção sobre a biodiversidade tem a finalidade de compatibilização em meio a defesa dos recursos biológicos, do desenvolvimento social e econômico. Na Rio 92 a educação foi marcada como central para a ascensão do desenvolvimento sustentável e de uma concretizada participação na tomada de decisões.

A educação ambiental necessita voltar-se para a comunidade, devendo estimular o indivíduo a participar de maneira ativa da decisão na solução dos problemas no seu encadeamento das realidades específicas.

Já na visão de Dias (2001):

A educação ambiental é uma forma por meio da qual os indivíduos percebem o que ocorre no ambiente, uma maneira de estar sujeito a ele, de perceber como este é afetado e como é possível promover sua sustentabilidade (58).

De acordo com a carta de Belgrado de 1975 cada nação deverá definir, segundo a sua cultura e para sua utilização conveniente, o significado de conceitos de embasamento como “qualidade de vida” e “felicidade humana” diante do contexto global do ambiente, necessitando e apreciando estas noções.

Notamos que a questão ambiental é também uma questão social que traz à tona a discussão sobre o próprio sentido dos modelos de socialização que nos rege. Assim, a ética aproxima-se da postura hermenêutica no tocante às soluções para crise socioambiental.

Na visão de Trajber e Costa (2001):

O conceito de educação ambiental aparece de maneira abstrata sendo dificilmente compartilhado porque não está especificado de maneira abrangente. Ainda segundo o autor isto tem procedido por pelo menos duas ordens de dificuldade: a primeira, atrelada à inerente amplitude da problemática ambiental e a segunda, a maneira de enfoque interdisciplinar com que se é forçado a enxergar a imprescindível influência mútua dentre as ciências naturais e as sociais abrangidas na análise de tal problemática (87).

Notamos que entender e agir diante dos fenômenos complicados assim como aqueles acoplados na temática ambiental é um exercício que exige um interrelacionamento sucessivo e inovador entre as diferentes disciplinas científicas.

Na orientação do trabalho sobre o meio ambiente na escola o educador deve investigar o aprendiz a fazer uma reflexão sobre ressignificação de seus saberes. Falando sobre aprendizagem Vygotsky (1991) diz que se ela for trabalhada de modo adequado acabará tendo como resultado o desenvolvimento cognitivo, de outra maneira não haverá possibilidade de acontecer.

Sabemos que a imaginação é capaz, assim como um brinquedo, de satisfazer desejos irrealizáveis, mesmo que seja em uma dimensão imaginária. Com isto podemos pensar na educação ambiental como uma das formas de acesso aos pensamentos que permite libertar o espírito aventureiro de que tanto precisamos para crescermos e efetuarmos escolhas corretas no decorrer de nossas vidas.

Vygotsky (1991) afirma que “a imaginação nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar é um brinquedo sem ação” (p. 56). Dizendo isso o autor procura mostrar como é construída a imaginação e como ela não tem função se não for alimentada.

Faz-se mister que todos se juntem pela causa, a fim de fortalecer essa aliança e tornar realidade o projeto. Assim, além de deixar o aluno mais à vontade para se expressar, saberá se o projeto realmente está surtindo efeito. Possibilitar experiências com a

produção de vídeo pode despertar o encanto da aprendizagem, ou seja, o mais importante nesse trabalho é descobrir o que mais atrai os alunos.

É salutar valorizar a formação do caráter da criança, pois nesse momento ela passa a ser consciente, descobrindo um território para ser conquistado, ou seja, devemos procurar estimular e dar exemplos para que ele, com o tempo, possa se apegar ao adulto.

Obedecer às diversas etapas do desenvolvimento infantil, respeitar a natureza, as faixas etárias correspondentes a cada etapa do desenvolvimento, existindo diversas diferenças no desenvolvimento psíquico-intelectual das crianças.

É preciso inserir aprendizagens sobre educação ambiental desde a fase em que a criança está construindo suas ideias, seja estimulado o interesse e o hábito por aprender, a fim de que o aluno se torne um leitor crítico que saiba se autoanalisar e avaliar o mundo ao seu redor.

Nos últimos anos, o funcionalismo público vem desenvolvendo suas competências e adotando melhores práticas de trabalho, a fim de elevar a eficiência e a qualidade dos serviços públicos. Mesmo com condições materiais de trabalho bastante desafiadoras e, muitas vezes, insuficientes, a sociedade ainda rotula o servidor como o vilão da burocracia e o responsável pela baixa qualidade dos serviços públicos.

Sabemos assim que a alfabetização é muito importante para melhorar as possibilidades do indivíduo de exercer seus direitos e desenvolver suas potencialidades, porém ela não pode ser entendida somente como um processo de apropriação do sistema de escrita alfabético.

É preciso desassimilar os princípios que constituem todo o sistema de ensino, realizar reflexões acerca das relações entre escola e cotidiano para poder reconhecer e automatizar as correspondências existentes.

Portanto conclui-se que é necessário que a escola mude em profundidade considerando que as premissas fundamentais para a construção da aprendizagem dependem do sentido que os indivíduos dão ao meio de representar e compreender o mundo.

É fato que a escola precisa mudar porque a sociedade atual já não é a mesma, estamos vivendo com a sociedade do conhecimento, onde os educandos obtêm acesso à informação facilmente.

Nesse contexto, podemos afirmar que a escola, assim como todos os segmentos da sociedade teve de promover mudanças comportamentais a partir das mudanças sociais provocadas pelos avanços tecnológicos.

Não há dúvidas que o modelo tradicional não atende as necessidades atuais onde os indivíduos sabem mais ou menos de tudo e, pouquíssimo, em profundidade. Deste modo, o uso pedagógico das TIC ainda é um desafio nas escolas, portanto para obter os objetivos na aprendizagem depende de sua boa utilização.

Segundo Fino (2003) “a sociedade das tecnologias digitais, dos computadores e da telemática, da globalização e da pulverização das culturas locais, já não se compadece em esperar por uma instituição que, para prosseguir, tem que mudar de paradigma”. (p. 12)

A este propósito, não há dúvidas de que hoje a nossa escola prepara as pessoas para viverem os tempos passados. Ainda se vive no velho discurso, e nesse contexto, o professor passa de dar aulas para mediá-las.

Nesse percurso das mudanças necessárias, os professores desaprendem algumas verdades, mitos e crenças, e reaprendem outras formas de entender o mundo, o papel do homem na sociedade e a forma como cada um aprende.

Toffler (2007) alerta que “nossas escolas olham para trás, para um sistema agonizante, em vez de olhar para frente, para a nova sociedade emergente”. (p. 321)

Ao se produzir vídeos na escola nos deparamos com uma nova formatação de ensinar e aprender, abrindo-se uma discussão sobre a necessidade de o aprendiz ser ativo em sua aprendizagem, trabalhando em busca de significados, posicionando-se diante do fenômeno a ser aprendido.

A presente pesquisa terá como base fundamentos teóricos de alguns autores que darão um aporte teórico no que diz respeito a inovação pedagógica, produção de vídeo, investigação metodológica, tais como Freire, Fino, Toffler, Papert, entre outros.

Do ponto de vista histórico importa lembrar que apesar de ainda não existir bibliografia específica sobre o uso e o papel do vídeo na escola, exceto alguns livros técnicos contendo operação e manutenção de equipamentos, o volume de produção de vídeo é crescente entre os estudantes em todo o mundo.

Nos últimos anos, o vídeo assumiu uma posição de meio de comunicação e sua produção a nível grupal ou individual ganhou grande repercussão em trabalhos de expressão e criação, ou seja, permitir novas oportunidades de aprendizagem trata-se das condições necessárias para seu uso pleno e intenso consolidados na instituição escolar.

Como exposto no dicionário minidicionário Aurélio, “o vídeo é a parte do equipamento de televisão responsável pela gravação onde nos remete a uma tecnologia de processamento de sinais eletrônicos, analógicos ou digitais, que captura, armazena e transmite imagens em movimento.” (DIAS, 2001, p. 134)

Contudo, podemos considerar o vídeo como componente da chamada revolução eletrônica, assim não podendo ser desvinculado da história da televisão.

O vídeo em linha principal está dividido em político, quando produz documentários com objetivo de cunho social, imagético voltado para a criação de imagens por sintetizador e conceitual quando se mostra como uma atividade artística não documental, onde o vídeo tem como foco principal a performance e não a criação de imagens formais.

Ao final dos anos 60, o cineasta Jean – Luc Godard declarou que o vídeo poderia servir como instrumento para dizer e ver o que quiser e como quiser. Dentro desse contexto, essas práticas de vídeos poderiam evidenciar as diferenças e conseqüentemente as intencionalidades ideológicas imbricadas da época.

Nos anos 70, o vídeo passou a ser integrado nas escolas, como suporte para filmes, como meios de ensino e diversos projetos considerando o vídeo como objeto de ensino. Nesta perspectiva, o uso de vídeo na escola é uma prática antiga, principalmente como exibição para sensibilizar ou ilustrar algum conteúdo.

A afirmação de Fino & Sousa (2001) nos remete a questão que “mesmo quando, os meios de audiovisuais começaram a vulgarizar no interior dos estabelecimentos, eles

foram sempre considerados como “auxiliares de ensino”, colocados ao serviço de um desejo de maior rentabilidade do ato de ensinar.” (p.8)

Assim, não obstante as suas colocações, podemos refletir sobre o fato de que a escola moderna mesmo sendo pressionadas a incorporar as tecnologias, em nada mudou em relação a sua reorganização, nem tão pouco no discurso dos professores.

Ao se referir a estrutura da escola Dias (2001) infere a instituição escola que socialmente configura-se como instituição curricular, isto é, responsável pela garantia de um conjunto de aprendizagens e organização, permanece concebida em torno de princípios como; homogeneidade, segmentação, sequencialidade e conformidade. Essa estrutura, corporiza-se essencialmente na unidade base da escola que é a turma.

Do ponto de vista da autora, turma, é construída para agregar um máximo de alunos de características tão semelhantes quanto possível, que funciona sempre, no plano curricular separadamente das restantes.

Para a autora, essa estrutura, adequa-se relativamente a um público homogêneo de épocas anteriores. A escola que temos que discutir diante de uma perspectiva de inovação, rompe com a concepção e com a estrutura descrita aqui pela autora. Portanto, funciona mal para responder a uma realidade nova.

Acerca desta questão, podemos ser peremptórios quando afirmamos que a escola enquanto instituição perfaz a ideia de materialização de uma lógica excludente, uma vez que ainda não utiliza a tecnologia de forma adequada. Apesar de muitas delas estarem equipadas com ambientes informatizados, só os utilizam de modo a não romper com as abordagens tradicionais que são utilizadas exaustivamente em sua prática pedagógica.

Contudo, o foco nessa discussão é a produção e não apenas a exibição de vídeo na sala de aula, com atuação em oficinas dentro da escola. Pretende-se evidenciar a expressão artística através da produção do vídeo.

Segundo Reigota (2006) “o desafio de fundo está na construção de processos de comunicação com caráter autenticamente democrático, onde tais setores tenham um papel de protagonista e onde o objetivo fundamental seja a expressão.” (p. 31)

Hoje é indubitável que a tecnologia está mais acessível nas escolas, tanto como computadores, como câmera fotográfica e celular resta apenas ter boa memória. O que não podemos equivocadamente é lançar mão dessa tecnologia ancorada em ranços tradicionais e pensamos que estamos “inovando” no interior da escola. É preciso utilizá-la a favor de uma teoria crítica da educação em que os alunos sejam interativos na construção da aprendizagem, que sejam sujeitos.

Neste pressuposto, Toffler (2007) acrescenta que:

O mundo que está emergindo rapidamente do choque de novos valores e tecnologias, novas relações geopolíticas, novos estilos de vida e novos modos de comunicação, exige ideias e analogias novas, novas classificações e novos conceitos. (p. 34)

Torna-se assim relevante afirmar que se por um lado nossos alunos recebem tudo pronto, por outro, na sociedade ou mesmo na escola esses mesmos aprendizes são obrigados a interagir com o conhecimento, a reconstruí-lo e a serem críticos nesse contexto.

Silva (2000) defende que:

A participação do aluno se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetado pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido pelo professor com coerência e continuidade. O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor, já que o professor configura o conhecimento em estados potenciais (p. 199).

Face a este cenário, podemos perceber o quanto o mundo atual pede outro modelo de escola, a sociedade do conhecimento e da aprendizagem necessita de um sujeito muito mais ativo, pesquisador, um conhecedor que possua instrumentos para entendimento que possam resolver conflitos.

Nesse norte podemos concordar com Kenski (2008) quando assevera:

[...] é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamento do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases da educação (p. 43).

A este propósito, nos imbuem a responsabilidade de ampliar nossa concepção e admitir que na realidade, o processo educacional é predominantemente uma relação semipresencial. O espaço de mediação das TIC em educação é claro, as pessoas envolvidas no processo – professores e alunos – são conhecidas e os fins a que se destinam são determinados e estão diretamente articulados com os objetivos do ensino e da aprendizagem.

A resposta mais certa seria se essa contribuição estivesse dentro de valores humanos universais e de qualidade social, onde deixaríamos de lado a postura de resistência ao que é novo e assumirmos uma postura de proatividade que nos garanta a aprender fazendo, com significado.

Nesse sentido, a presente pesquisa será de natureza qualitativa e de cunho etnográfico, sendo realizada a princípio, uma revisão da bibliografia iniciada com um arcabouço teórico sobre Inovação Pedagógica para que possamos analisar em que aspectos a linha de investigação poderá contribuir para que o a utilização de vídeo contribua para contextos de aprendizagem em sala de aula.

Em seguida apontamos, um breve histórico sobre educação artística, procurando compreender de maneira sucinta sua origem, seus objetivos, assim como, verificar de que maneira essa vertente se apresenta na escola campo de pesquisa, como também, um estudo com pesquisa bibliográfica com relação a produção de vídeo como ferramenta pedagógica nas aulas de educação ambiental.

1.1 A Evolução da Educação Ambiental

Até meados dos anos 50, as correntes do pensamento científico aconteceram na cultura moderna, onde recusa qualquer possibilidade de conhecimento. Já nos anos 60, com o avanço da ciência com as descobertas da lógica científica, desacredita o enfoque realista superado pelo enfoque fantasista. A era da computação, do domínio do espaço sideral, lançamento de satélites, novas descobertas do conhecimento, o poder da mente e vislumbre da nova era.

O processo de letramento pode ser facilitado através da literatura, pois ao falarmos e escrevermos fazemos isso por meio de um gênero textual. Quando ouvimos ou lemos todo tipo de gêneros orais estamos inseridos em um contexto, ou seja, quando ouvimos uma conversa, quando estamos em uma palestra, quando lemos um livro, quando assistimos tv, a literatura está envolvida em todo contexto social, político e econômico.

Assim, pretendemos demonstrar que a criança faz parte do meio de informações e que seu desenvolvimento de letramento é aguçado pela sua busca pessoal de sempre querer mais, sempre saber mais, pois sabemos que as crianças são muito curiosas, sempre perguntando sobre aquilo que não sabem ou entendem. Sendo que, sendo o sujeito alfabetizado ou não, o letramento envolve um ou outro nas práticas sociais e escolares, pois o conhecimento é tudo para o indivíduo se libertar das amarras do sistema opressor.

Dessa maneira, entende-se que o educador deve conseguir perpetuar na sua prática pedagógica formas atraentes de ensinar aos alunos. Ensiná-los não somente a ler e escrever, mas fazer o estudante se interessar pelo que lê, incentivá-los a pesquisar o significado de palavras que não compreendam, pois assim a criança a cada dia crescerá progressivamente na vida acadêmica e pessoal.

Quando a criança entra em uma escola seu intuito é aprender a ler e a escrever, embora se espere que ela aprenda muitas outras coisas. Portanto, temos que desempenhar atividades que insiram as tecnologias na aprendizagem escolar. Por isso, faz-se necessário uma apropriação concreta com este universo, oportunizando aos educandos situações não exclusivamente atreladas a leitura e a escrita.

A falta de informação sobre a dificuldade na aprendizagem pode ser agravada pela falta de professores preparados para ofertar um trabalho adequado com alunos que apresentam essa dificuldade.

A criança quando chega na escola já traz consigo uma prática de linguagem e desempenho que vem dela mesmo, porém tudo se manifesta nos seus primeiros anos de escolarização.

As crianças podem ser alfabetizadas facilmente desde que elas descubram que a leitura e a escrita são objetos interessantes que merecem ser reconhecidos como acontecimentos de sua realidade, as quais precisam dedicar-se e esforçar-se para aprimorar seus saberes.

É necessário aprender a escutar quando a criança fala, nos referimos a professor, pai, mãe ou avó, porque quando a criança pega um livro ela tem o intuito de ler para alguém. No entanto, muitas vezes o pai ou a mãe não a escutam e a ignoram, desestimulando assim ato de ler.

É importante que o professor proporcione a interação do aprendiz com influências positivas, possibilitando a interação com jogos didáticos e tecnológicos, como o vídeo. O professor deve sempre estar se reinventando e buscando coisas novas que prenda a atenção do aluno.

As descobertas, a curiosidade e a vontade de aprender vão fazendo com que o aluno se sinta no mundo da leitura que é a chave para muitas experiências, é a porta para muitas novidades e onde quer que estejamos, ela estará sempre presente.

Um objetivo importante que a escola tem é formar um aluno maduro para que ele adquira saberes claros e significativos. Vale ressaltar que a tarefa da escola é privilegiar a aprendizagem no sentido amplo, ou seja, deixando bem claro, para o educando que aprender faz parte das atividades cotidianas.

O aluno não pode se sentir obrigado a praticar a leitura e a escrita. O professor deve passar confiança para os discentes e evidenciar que essa é só mais uma ferramenta de aprendizagem.

É importante salientar que é bom que se faça um questionamento das condições em que as crianças iniciam na escola, analisando se ela já adquiriu um desenvolvimento físico e outras habilidades necessárias para aprender. Pois, muitos educandos já chegam na escola preparados por terem acompanhamento em casa, o que facilita muito para os professores.

Assim, entende-se que quando o aluno não tem o acompanhamento dos pais, provavelmente não conseguirá aprender mais rapidamente, e irá passar de ano com muita dificuldade, já que não compreende o que lê, nem o que escreve.

Entende-se que se o professor utilizar metodologias que insiram a tecnologia nas aulas pode solucionar os problemas de dificuldade em aprendizagem apresentadas pelos discentes. Além do que é preciso motivar o aluno para que ele goste de estudar e sinta necessidade disso, evidenciando a importância de todas as ferramentas que existem para facilitar essa tarefa.

Tal prática deve ser considerada uma atividade para o desenvolvimento permanente de condições humanas, buscar conhecimentos e habilidades, resolver problemas são objetivos próprios ao indivíduo. Ter o domínio e habilidade de ler dará uma maior facilidade para que o aluno possa incluir-se na sociedade. Quando o leitor começa a perceber o significado e a importância da leitura, ele aplica suas ideias e faz diversas comparações.

É notória a grande importância da comunicação para o desenvolvimento de todas as atividades humanas. Para isso é preciso que ela interaja com os outros, interpretando, comparando, assimilando e construindo suas próprias concepções sobre o mundo.

O aluno crítico é aquele que não se reduz apenas a um objeto receptivo de informações, mas que interage com o texto, completando as suas lacunas e conferindo-lhe significado. Ele é, portanto, um reconstrutor daquilo que aprende, tornando-se assim capaz de compreender a nossa sociedade, suas relações histórico-sociais, sua estrutura hierárquica e suas desigualdades, bem como, nos fornecer subsídios para entender o papel que desempenhamos dentro dela.

Apreendemos aqui que é de extrema importância emancipar o aluno para que ele possa atuar de forma consciente e crítica diante da sociedade e buscar mudar sua realidade. Os métodos convencionais de ensino que se baseiam em tornar os alunos meros recipientes de conteúdos tem apresentado péssimos resultados.

Enquanto não rompermos com o paradigma tradicional do ensino estaremos compactuando com um sistema de formação que ao invés formar aprendizes autônomas, formam seres incapazes de compreender a sua própria inserção no mundo como capacidade de transformá-lo.

A escola e a família têm objetivos idênticos, que é fazer com que a criança se desenvolva em todos os aspectos e obter pontos positivos na aprendizagem. Para essa relação ser duradoura deve existir um companheirismo entre ambos.

Essa relação deve se basear em respeito; erradicando a prática de um colocar a culpa no outro, pois o correto é sentar-se e conversar para alcançar uma conclusão para solucionar tais problemas.

Para que exista o entrosamento familiar na escola nada melhor que os envolver na elaboração das propostas pedagógicas e para mostrar para família a tarefa dos educadores. Só se torna difícil a aproximação quando nos encontros marcados a escola só faz reclamações, o que causa antipatia nos pais.

O bom relacionamento não deve ser só na hora da matrícula, deve se estender por todo ano letivo, assim depende da contribuição dos professores, da escola e da família.

As crianças não têm a facilidade de aprender por si mesmas, mas aprendem reflexivamente, ou seja, alguém as coloca em situação para que elas reflitam e aprimorem sua aprendizagem.

Nesse sentido, o educador deve auxiliar seus alunos fazendo intervenções de acordo com os entraves dos educandos, considerando com clareza o que cada um aprende em casos diferentes.

As pesquisas realizadas por Ferreiro e Teberosky levaram a um redirecionamento sobre as questões da aprendizagem, colocando em pauta a ideia de “prontidão” para a alfabetização.

Nessa direção, a criança deve estar interessada em aprender e descobrir através da busca pela chave para sua alfabetização como sujeito de conhecimento. Podemos notar que para uma educadora responsável começar a refletir sobre o que as crianças leem e escrevem, verificando se os alunos já formulam as mais variadas formas sobre este objeto de conhecimento que é a língua.

Dias (2001) identificou quatro níveis de evolução da escrita pelos quais a criança passa em seu desenvolvimento cognitivo, superando as barreiras propostas do sistema alfabético.

Entende-se assim, que a hipótese de escrita que passam todas as crianças na fase de alfabetização consiste em que todo professor deve se basear nestas fases para propor atividades adequadas e que estimulem os estudantes a evoluírem dentro destas propostas de alfabetização.

O processo de letramento autônomo se baseia em atividades de processamento em que a leitura pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente na construção de sentido do texto. O processo de letramento ideológico consiste em estruturas mais sistemáticas e organizadas de conhecimentos que ajudam o sujeito a evoluir mais intensivamente, sendo que ele passou pelo processo autônomo de letramento.

Os avanços sobre letramento abordam uma visão de novos estudos nesse campo de aprendizagem, onde são necessários mais conhecimentos escolares nas atividades de leitura e escrita.

O aprendiz usa a leitura e a escrita como concepções de conhecimento, sua identidade e modo de ser e estar em práticas sociais ou contextos particulares. Nesse contexto o letramento e suas práticas abrangem episódios observáveis. Nesses processos, o texto escrito passa a fazer parte da interação do sujeito com o contexto comunicativo.

A partir das teorias estudadas pôde-se perceber que os profissionais da educação atual devem se voltar a um ensino pautado na valorização da interação do aluno com o objeto de estudo, pois essa metodologia permite a construção autônoma do conhecimento, sem a interferência do professor como fonte de saber.

O professor, cada vez mais, precisa assumir uma postura de mediador, formador, aquele que aponta direcionamentos com o objetivo de contribuir para a construção da autoaprendizagem dos educandos. Diante dessa perspectiva, faz-se necessário uma mudança qualitativa nas práticas pedagógicas apregoadas pelos educadores contemporâneos.

Sobre esta incorporação Fino (2008) conclui:

A mera incorporação de tecnologia na educação não é sinônimo de inovação pedagógica: os fatores críticos que determinam a inovação são exteriores à tecnologia. se quisermos colocar a questão em termos de paradigma, trata-se de colocar a tecnologia ao serviço da mudança de um paradigma instrucionista para um novo paradigma construcionista. a inovação pedagógica consiste na construção in situ de um novo paradigma (p. 13)

Um sistema educacional que tem como foco a inovação pedagógica o sujeito epistemológico (estudante) é o protagonista do seu conhecimento e o mediador (professor – educador) tem um papel secundário no processo educacional.

Ao sujeito epistêmico é concebida a autonomia necessária para que este seja autor das suas descobertas. O mediador (professor) assume o papel de assistente neste processo de aquisição do conhecimento, eliminando o antigo papel de apenas reproduzir o conhecimento tão comum na prática tradicional.

E desta forma não só a escola propicia o ambiente de conhecimento, mas este pode ser adquirido em diversos ambientes que são favoráveis. Conforme Fino (2008) defende. O caminho da Inovação Pedagógica raramente passa pelo senso comum, ou seja, a inovação é produto de um amplo estudo, pelo planejamento da mudança e pode nos dá resultados que não havíamos previsto.

Entendemos que a inovação pedagógica ocorre em locais que identificamos a quebra, ruptura, mudança, transformação da situação tradicional vivenciada. Mesmo com o desenvolvimento informacional muito crescente no hodierno, temos a presença de uma educação diferenciada, racionalista e técnica, proporcionando a existência de um invariante cultural nas escolas que torna um grande obstáculo, já que este invariante cultural na escola, de certa forma, dificulta o processo de inovação ou mudança dos paradigmas.

Exorcizar este invariante cultural, esvaziando o conhecimento tradicional e partindo para uma perspectiva em que o aprendiz (estudante) construa de forma autônoma o seu conhecimento, consiste em uma inovação pedagógica. Conforme Fino (2005) aborda que para haver uma inovação de fato, é necessário exorcizar o invariante cultural, ou seja, as representações enraizadas da escola e socialmente partilhada com forças que dificultam ou atrapalham o processo de mudança.

O uso da tecnologia como ferramenta que provoca maiores e mais profundas mudanças nos anseios educacionais vigentes como forma de flexibilizar os requisitos do currículo e permitindo a mais pura e real quebra paradigmática, possibilitando assim a ocorrência de inovação pedagógica propriamente dita, a fim de gerar de fato uma aprendizagem contínua e autônoma.

No sentido mais indicado, inovar poderia ser definido como tornar novo, renovar. No entanto, definir um conceito de inovação não é simples, uma vez que essa palavra pertence a um grupo de termos de difícil conceituação.

Na educação ainda é mais complexo, visto que é um processo cujo resultado depende de uma visão ancorada em dimensões de qualidade, integração e tendências e isso se torna intangível a partir de um olhar voltado a aprendizagem e não ao ensino.

Podemos então destacar que a inovação pedagógica e seus processos trazem consequências econômicas e sociais, dependendo do período que uma ideia foi desenvolvida, o olhar de quem está à frente do processo inovador, o contexto histórico e o ambiente, uma vez que a inovação é um movimento complexo e relativo, possuindo um considerável grau de incerteza.

Papert (2008) afirma que:

Os inovadores educacionais devem estar cientes de que para serem bem-sucedidos eles devem ser sensíveis ao que acontece na cultura circundante, usar tendências culturais dinâmicas como meio de atingir suas intervenções educacionais. (p. 215).

Deste modo, a inovação envolve diversos agentes, cenários e mudanças em diferentes espaços, principalmente nas formas de atuar, de se relacionar, de apreender a vida e de criar. Segundo Kuhn (2000) “quando os paradigmas mudam, ocorrem alterações significativas nos critérios que determinam a legitimidade, tanto os problemas, como das soluções propostas”. (p. 23)

Para o autor é necessário saímos da nossa zona de conforto, quebrar paradigmas, promover mudanças e tomarmos consciência de que para inovar não podemos ficar

no discurso e na teoria, é preciso mais, uma vez que a inovação passa pela criação de novos contextos de aprendizagem.

A este propósito, podemos refletir sobre a educação brasileira que traz questões básicas não resolvidas e que já não atende aos anseios de seus estudantes, está cada vez mais enraizada em ambientes que não despertam a curiosidade, nem tão pouco a criatividade dos discentes.

A educação do novo século incorpora novos âmbitos e atores, com novas estratégias para envolvê-los de forma participativa, ou seja, qualquer processo de inovação precisa refletir sobre a melhoria da qualidade da educação, cobertas de valores, respeito ao ritmo e as necessidades de cada estudante individualmente. Envolvimento, confiança, troca de experiências entre alunos e professores, são fatores indubitáveis para o surgimento de uma inovação pedagógica.

Nesse sentido, conclui-se que o autor considera que alguns componentes curriculares deveriam ser aprendidos como numa escola de samba, ou seja, em ambientes reais, onde houvesse a troca de saberes “aprender não é separado da realidade”. A escola de samba tem um propósito, e a aprendizagem está integrada na escola para atingir este propósito.

É nesse sentido que devemos pensar na inovação pedagógica, trazer o conhecimento para os nossos alunos o mais real possível, uma vez que no espaço educativo, movimentam-se aprendizagens concretas. Sob essa ótica, é indispensável o papel do educador em reconhecer as dimensões dessa prática pedagógica, da relação com os conhecimentos, das formas de ensinar e aprender, a escola como um lugar de construção e de vivência, de reflexão e de problematização.

Como sabemos os recursos e materiais disponíveis nas escolas não garantem que o professor aplique em sua prática segundo uma visão construcionista. Há uma necessidade de um olhar sobre a prática, não só do professor, mas também do aluno, uma vez que esse sim apresenta ritmo e tempo pedagógico cognitivo de aprendizagem, comportamentos e interesses diferenciados.

Assim, conclui-se que o construcionismo atua sob o pressuposto de que o aprendiz aprende descobrindo por si mesmo o conhecimento. A diversidade encontrada nas

escolas independente das diferenças entre os sujeitos, cada aluno chega à escola com um projeto de vida, do qual a instituição é parte integrante. Nesse sentido, entende-se que a integração das TIC na educação, apoiada pela teoria do construcionismo pode ser considerada como ferramenta capaz de proporcionar inovação.

Em síntese compreende-se que a escola deve ser um espaço em que o educador possa compreender que todos os alunos são capazes de se sentirem valorizados e reconhecidos como sujeitos de direito em suas particularidades e identidade. Deve-se constituir como um lugar de formação e pleno desenvolvimento humano que contribua para a construção de uma educação de qualidade social para aqueles que foram historicamente inferiorizados.

Assim, entende-se que se a educação for compreendida como um direito à formação e ao desenvolvimento pleno dos sujeitos de aprendizagens e os educadores se comprometerem com essa construção contribuirá com a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática.

Não podemos generalizar, mas as escolas estão em crise profunda e não vêm cumprindo com seu papel de emancipar seus aprendizes. O que se vê em muitas instituições de ensino é a não aprendizagem, sabemos que são múltiplos os fatores, no entanto o que chama atenção é esse verdadeiro desmonte da escola e dos educandos.

1.2 A Educação Ambiental na atualidade

Pensando em inúmeras ramificações das linguagens contemporânea, produção do vídeo teve grande influência na criação de outras linguagens, explorando principalmente as imagens em movimento por misturar contextos e mídias.

Nesse norte, a produção de vídeo se apresenta como um diálogo entre diversas linguagens que nos impulsiona a falar da possibilidade de despertar olhares, gostos, sentimentos e o olhar de vários ângulos.

Portanto, o vídeo não surge como veículo destinado a disputar à preferência de massa e sim um veículo capaz de socializar definitivamente a mensagem. O vídeo encontra-se ligado a uma releitura das relações sociais, desempenhando um papel de estimulador de criatividade e de imaginação.

Conforme Silva (2000) “as tecnologias têm acompanhado a evolução do sistema educacional formal e não formal principalmente com a expansão das chamadas tecnologias contemporâneas” (p. 65.)

Nesse contexto, a produção de vídeo na escola constitui-se em uma alternativa que possibilita a transposição do perfil do educando de mero expectador para uma atitude de construção de conhecimento, de interatividade, intersubjetividade de se comunicar e expressar a capacidade de pensar e fazer.

A intencionalidade do ato de aprender fazendo, interagindo com o outro, explorando e analisando os saberes já disponíveis como base para o processo de criação, não apenas como exibição de uso das TIC, mas com a construção efetiva do conhecimento para uma prática educativa com ênfase na interpretação e reinterpretação

Sabe-se que não é fácil modificar uma estrutura tradicional que se sustentava pela palavra falada ou impressa. Nesse contexto produzir vídeo nas aulas de educação ambiental tem soado como heresia aos segmentos mais resistentes e tradicionais. No entanto, no domínio das tecnologias os educandos reinam e tamanha intimidade seria arriscar dizer que há uma inversão de papéis.

Entende-se que a produção de vídeo, por diversificar a metodologia tradicional, leva os alunos a refletirem sobre suas vivências e conseqüentemente proporciona o desenvolvimento da criticidade dos aprendizes.

É esse desprezo que chamamos de "desinventar a alfabetização". O abandono, o esquecimento, o desprezo e à especificidade técnica da alfabetização nos levou a crer em nosso país que o construtivismo veio abolir as técnicas fundamentais da alfabetização.

Mas não foi isso que ocorreu, o que ocorreu foi uma nova teoria aliada nos processos sintéticos e analíticos de alfabetização, onde o tradicional se funde com a nova

concepção construtivista como inovação na forma de letrar os alfabetizados, entendendo que a alfabetização é algo que deveria ser ensinada de forma sistemática, e não devia ficar fora do processo de letramento.

A significação dos métodos tradicionais de alfabetização com a teoria construtivista se concretizou com a evolução através dos tempos de teorias que melhoraram o processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos nas séries iniciais.

O processo de alfabetização e letramento dentro do contexto social se insere nos aspectos diferentes do aprendizado da língua escrita, analisando que cada instituição pedagógica de ensino leva a construção de determinados conceitos de alfabetização. Dentre os quais discutimos a questões relativas à utilização das novas tecnologias no processo de letramento e alfabetização.

Entendendo-se que a escola tem como função principal a interlocução, é necessária uma abordagem que reconheça as diversidades existentes entre as diversas metodologias existentes.

Assim, vemos a importância de se alfabetizar letrando, ou seja, de levar o discente a se apropriar do sistema de escrita alfabético ao mesmo tempo em que se desenvolvem a capacidade de se fazer uso das novas tecnologias para estabelecer de forma competente e autônoma os diversos tipos de materiais presentes na sociedade para vincular o alfabetizar e o letrar de forma conjunta, a fim de transformar o quadro tão decadente que vemos em nosso país.

Nesse processo de alfabetização e letramento há uma grande responsabilidade em cada docente e não devemos nos ater somente a produções escritas. É necessário inserir ferramentas diferentes que prendam e chamem a atenção dos discentes

Primeiramente para se alcançar esse avanço no ensino fundamental temos que ter a responsabilidade com o objeto de estudo que se insere na criança para codificar e decodificar esse sistema alfabético.

Deve-se introduzir na sala de aula diferentes tipos ferramentas onde a criança faça uso de computadores, tablets, internet, entre outras tecnologias e onde o educador transmita um significado pedagógico para aquela atividade, prezando sempre pelo desenvolvimento cognitivo e não apenas para a memorização do que é transmitido. É

preciso levar o aluno a interagir e se envolver no processo de alfabetização e letramento.

O conceito de letramento é abordado também pela grande evolução dos livros didáticos com a chegada de perspectivas teóricas onde se passou a discutir e a questionar o ensino da língua escrita a partir da década de 80. Com a chegada do termo letramento advindo na década de 90 com a introdução a essa metodologia houve-se críticas dirigidas ao ensino da língua escrita no que dizia respeito aos processos de ensinoaprendizagem.

A análise que fazemos neste conceito de aprendizagem está ligada as práticas de ensino de alfabetização estritamente voltadas para o uso da leitura e da escrita. Na vertente tradicional, vemos que o livro didático é assunto de muita discussão nos meios educacionais, muito embora seus conteúdos só repassem os conhecimentos de maneira tradicional.

Podemos ver que em pleno século XXI há uma gama de livros didáticos espalhados por todo Brasil para o auxílio da prática docente e o pleno exercício da alfabetização. Observamos que estes se pautam numa visão de língua escrita meramente como um “código”, cuja aprendizagem consiste na capacidade de “codificar” e “decodificar” fincado em um sistema mecanizado e obsoleto.

Amparados em uma perspectiva teórica entendemos que a aprendizagem resulta de ações linguistas realizadas por sujeitos capazes de determinados feitos. Devemos utilizar todas as ferramentas que auxiliem o docente em sua prática pedagógica.

Procuramos evidenciar que a utilização das tecnologias, em especial o vídeo, é importante para o desenvolvimento do aluno, especificamente no que se refere aos processos de alfabetização e letramento. No que se refere a aprendizagem não podemos ter uma visão pequena, pois seus aspectos históricos evidenciam interesses diversificados.

Ressaltamos ainda sobre a importância dos processos que ajudam a criança a evoluir nos níveis da escrita que são reformulados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky para sua alfabetização plena nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em consonância com Soares que afirma que o processo de alfabetização tem uma natureza complexa,

envolvendo conteúdos de diversas áreas, visando, de fato, à aprendizagem dos alunos.

O letramento vai além da alfabetização e deve ser entendido como inserção social do indivíduo no mundo da escrita. Concluindo, nesse sentido, que a metodologia docente deve ser proposta de forma que o professor esteja preparado para inovar, dando margem sempre a construção de uma aprendizagem autônoma e significativa pelo discente.

A metodologia docente deve enfatizar o processo de alfabetização e letramento correspondendo as demandas sociais e transformando as crianças em indivíduos críticos, pensadores e autônomos de sua trajetória no mundo em que vivem.

Porém, em consonância com Minayo (1996):

Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de ferramentas metodológicas que deseja utilizar. É claro que a aquisição da leitura representa um marco na história do desenvolvimento social e cultural do ser humano. Essa aquisição acontece gradativamente a partir do momento em que as crianças entram em contato com os sinais gráficos, ao iniciar seu processo de escolarização (p. 62).

Na produção do vídeo podemos trabalhar a coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, do superficial e linear até a coesão, sem contar que pode ser explorado ainda a compreensão de mundo, instigando e amadurecendo a postura corporal.

O trabalho com crianças nesta faixa etária envolvendo expressão corporal e compreensão desperta o interesse pela questão de acreditar no ato de aprender como algo imprescindível para o ser humano. Nota-se que é através da produção de vídeo que o ser humano pode observar o mundo de uma maneira mais crítica, possibilitando novos conhecimentos e habilidades, e, despertando sentimentos e emoções.

Toda criança no decorrer de sua vida precisa vivenciar ideias em níveis simbólicos para compreender o real sentido da vida. O pensamento das crianças evolui a partir de suas ações e sentimentos. Nesse sentido o vídeo satisfaz suas curiosidades, por isso, deu-se a escolha do presente tema.

Observamos que a compreensão dos elementos que permitem uma aprendizagem significativa precisa estar latente nas escolas, uma vez que muitas vezes as atividades escolares são, normalmente, uma tarefa mal definida, enquanto fora da escola o estudante é capaz de planejar perfeitamente ações que levarão a um objeto pré-determinado.

O processo de aprendizagem envolve vários aspectos, tais como as características do ambiente e do momento em que ele é produzido, mas também características do aluno e do momento emocional em que ele se encontra.

Aprender significa compreender o sentido do texto, sendo ele verbal ou não verbal, com o objetivo de formar cidadãos capazes de compreender os diferentes modos de aprendizagens com as quais se defrontam.

Para a criança obter uma boa aprendizagem, ela precisa concentrar-se no fato de que a linguagem falada não é a mesma da língua escrita, ou seja, quando aprendemos verificamos que as linguagens são diferentes.

Porém, algumas crianças têm mais dificuldades do que outras. Esse fato pode ser verificado através dos testes de inteligência, onde é evidenciado que há crianças que apresentam mais habilidades para fazer e outras já apresentam resultados mais baixos.

É notável o grande teor educativo do vídeo, pois as tecnologias chamam a atenção dos discentes e desencadeiam nos alunos a busca por estratégias que os façam se sintonizar no mundo tecnológico de forma mais rápida.

O projeto surge com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem dos estudantes como possibilidade de mudança de atitude com a intencionalidade do ato de aprender fazendo.

Para conseguir mudanças paradigmáticas nas práxis pedagógicas devem ser incorporadas novas tecnologias que podem ser determinantes para uma inovação pedagógica. Esta só ocorre quando há uma ruptura de um Paradigma antigo e surge intencionalmente um novo paradigma que rompeu as correntes tradicionais e revelou uma nova visão de educar conectado com uma perspectiva construcionista no espaço escolar.

A inovação não ocorre apenas no ambiente escolar, esta pode ocorrer em qualquer espaço, isto porque, o conhecimento não é adquirido apenas na escola. O significado e campo de investigação, o campo de inovação pode ser considerado o espaço imenso de interação social, incluindo os ambientes formais, tal como os informais. (FINO, 2008, p. 34).

A Inovação Pedagógica desta forma implica em mudanças qualitativas das práxis pedagógicas e essas mudanças envolvem um posicionamento crítico, explícito ou implícito, diante das práticas pedagógicas tradicionais desenvolvidas. Para que ocorra a Inovação Pedagógica é imprescindível a ruptura do paradigma fabril.

Na perspectiva educacional contemporânea inovação é normalmente compreendida de maneira mais abrangente, no entanto não é qualquer mudança que pode ser considerada inovação, principalmente no campo pedagógico. A Inovação Pedagógica precisa ter um caráter intencional, onde é proposta de maneira deliberada e consciente uma inovação visando uma melhora na práxis educacional.

Na educação contemporânea vimos que é imprescindível a necessidade de se ter uma inovação na práxis educacional. Uma vez que, os alunos (estudantes) apresentam-se desestimulados com a metodologia tradicional que é desenvolvida nas escolas atuais. Diante desta situação, se faz necessário reavaliar os conteúdos que são programados nos currículos e que não atendem a necessidade real dos aprendizes (estudantes).

Faz-se necessário estimular os estudantes de maneira que estes possam ser protagonistas do seu conhecimento. É preciso romper com as estruturas tradicionais e inovar a realidade educativa, trazendo uma novidade na práxis educacional, esta inovação implica em mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem um posicionamento, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais (FINO, 2008, p. 23).

De fato, as dificuldades de aprendizagem neste caso ocorrem também pela não compreensão do que foi abordado no texto. Um texto não é apenas um conjunto de palavras, mas sim uma ligação coerente para que o texto tenha o sentido amplo.

O trabalho na sala de aula pode partir do uso de textos que chamam mais a atenção dos educandos e assim os incentivam a produzirem seus próprios vídeos sobre o que aprenderam, trabalhando assim a autonomia dos aprendizes.

Quando se fala em utilizar as tecnologias em favor da aprendizagem o intuito é que a reescrita das aprendizagens adquiridas pelos alunos contribua para a compreensão dos recursos que permitem a manifestação dessas propriedades de maneira significativa e autônoma.

De certa forma o vídeo possibilita que o leitor perceba a sequência em que adquiriu seu saber. No início do processo de aquisição do saber a criança lê vagarosamente, pois ela ainda está passando por uma fase de decodificar que é bem diferente do processo de leitura. A criança ainda tenta ir juntando as letras para tentar ler, embora consiga isto ainda não caracteriza o nível silábico-alfabético.

Nesse sentido entende-se que o professor pode ajudar a incentivar o gosto de aprender, buscando inovar e levando estratégias em sala que proporcionem uma aprendizagem significativa, para que os discentes possam descobrir a importância de aprender por toda sua vida.

Uma vez que o aluno aprenda a formular hipóteses independentemente, utilizando tanto seu conhecimento prévio como os elementos formais mais visíveis e de alto grau de informatividade, a aprendizagem passará a ter esse caráter de verificação de hipóteses, para sua confirmação, refutação ou revisão. (KENSKI, 2008, p. 43)

Tem se observado que o uso da tecnologia são questões pouco trabalhadas nas escolas ou trabalhadas de modo insatisfatório, ou seja, aplicam este método de uma forma não muito bem esclarecida para os educandos e ao longo da vida se prejudicam com este fato, pelo caso de não saber se expressar.

Podemos amenizar este problema muito vivenciado levando para os alunos diversos tipos de produções em sala de aula, lembrando sempre de verificar o processo de aprendizagens adquiridos durante as produções feitas pelo aluno, percebendo desta forma se o aprendizado é alcançado.

Neste mesmo processo é sempre fundamental para o domínio de tal assunto a repetição constante da leitura e da produção de vídeos, pois só assim eles irão a cada

dia se habituando ao método e se desenvolvendo neste processo para que não cresçam sem saber produzir autonomamente.

Geralmente pessoas do nosso convívio social não sabem o que quer dizer este tema abordado ou não sabem até se é viável inseri-lo nas aulas, isto acontece porque o convívio da escolaridade e da participação deste não foi bem desenvolvida ou talvez nem aplicada de forma clara a estes educandos são exatamente por estes tipos de problemas enfrentados que devemos mostrar, explicar e principalmente aplicá-lo de uma maneira clara e objetiva.

Para que as crianças de hoje possam crescer com um grau de escolaridade bem desenvolvido e ao longo de suas vidas possam chegar a um certo ponto de ajudar a uma pessoa que está precisando, da mesma forma que um dia ele precisou e teve alguém para poder ajudá-lo.

É importante que aspectos de produção de vídeo sejam discutidos e trabalhados com atenção nas escolas, para que se possa permitir interpretação competente e aquisição de saberes de maneira produtiva.

A criança no seu dia a dia, dentro de sua casa, a escola e o meio social passam por vários recursos de aprendizagem, ou seja, mesmo que ainda muito pequenas passam por diversos processos de aprendizagem. No convívio do meio social ele passa a perceber o que ocorre e assim adquire os saberes do cotidiano. O papel do professor, nesse caso, é passar para os alunos mais conhecimentos acadêmicos e aprimorá-los, valorizando, no entanto, os conhecimentos prévios trazidos pelos discentes.

Nos dias de hoje, podemos dizer que encontrar pessoas que realmente tenham prazer de aprender seria uma raridade, pois o que mais encontramos são pessoas que não buscam aprender.

A aquisição de saber autônomo tem demonstrado ser uma complexa tarefa no contexto escolar, pois muitas são as vezes que nos intimidamos com as críticas dos professores de outras disciplinas sobre a dificuldade dos alunos em compreenderem os assuntos propostos durante as aulas.

Assim, entende-se que a aprendizagem é um processamento de informações, onde é importante lembrar que compreender faz parte de uma atividade mental que não depende unicamente da palavra escrita, mas também dos saberes de mundo.

A escola atualmente representa um espaço privilegiado no qual deverá ser lançado às bases para a formação do indivíduo e, nesse espaço, deve-se privilegiar o uso das tecnologias, pois estes estimulam de forma mais abrangente que os outros o exercício da mente.

Tem-se observado nos dias de hoje que as escolas estão priorizando os livros como única forma de ensino. Este conceito prejudica a vida do educando, pois não é somente por meio dos livros que podemos proporcionar um mundo leitor.

É notório que a leitura transforma um indivíduo pelo simples gesto transformador de contar uma estória, por exemplo. No entanto, não se pode fechar as portas para outros tipos de saberes e para as demais ferramentas que podemos utilizar na sala de aula.

Compreendemos que os recursos materiais e tecnológicos disponíveis nas escolas não garantem a inovação pedagógica, mas é fundamental uma intervenção pedagógica mediante a perspectiva construcionista, pois se estes recursos materiais e tecnológicos não forem utilizados de maneira correta, serão tão somente estorvos nas escolas e não terão nenhum benefício para a formação do cidadão.

CAPÍTULO II – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

2.1 Inovação pedagógica na escola

Podemos pensar que a inovação pedagógica deve considerar os conhecimentos que fornecem dados para a compreensão do desenvolvimento intelectual da criança. Sabemos que são cinco as etapas do desenvolvimento da criança e que é no último estágio o momento mais provável que ela se liberta e pode apresentar momentos de aprendizagens inovadoras, pois nesse momento ela apresenta o pensamento hipotético-dedutivo, mantém diálogo, é cooperativo, interessa-se pelas transformações sociais, discute temas e considera pontos de vista.

A teoria construcionista elaborada por Papert (2008) está sendo alavancada através das discussões sobre a necessidade de transformação da educação contemporânea. É primordial a discussão sobre a aprendizagem autônoma pelos alunos, já que a falta de estímulo e a falta de atenção são as maiores causas de evasão e repetência na educação brasileira atual.

A palavra inovação provém do latim *innovatio* e significa novidade. Essa palavra é popularmente utilizada dentro de um contexto de ideias ou invenções que não são pautados nos padrões já conhecidos. Na educação o sentido atribuído a essa palavra deve ser trabalhado de maneira mais ampla, já que não pode ser considerada como inovação, uma mudança qualquer.

Nessa direção Fino (2008) escreve:

Para haver inovação é necessário que a incorporação de mudanças pelo professor, enquanto transmissor, e do aluno, enquanto receptor. Se quisermos colocar a questão em termos de paradigma, trata-se de colocar a aprendizagem a serviço da mudança de um paradigma instrucionista para um novo paradigma construcionista. A inovação pedagógica consiste na construção *in situ* de um novo paradigma. Se faz necessária a ruptura de um paradigma antigo, pautado na escola tradicional. Para isso é necessário que os educadores contemporâneos tenham uma formação que os permita absorver os fundamentos teóricos dos princípios do construcionismo e da inovação

pedagógica de modo a serem encorajados a romper com o modelo instrucionista instituído pela educação antiquada do passado que é utilizada pela maioria dos profissionais atualmente (p. 35)

O construcionismo conduz o aprendiz a tornar-se protagonista da sua aprendizagem e o professor exerce o papel de organizador dos contextos, interagindo e dinamizando as atividades sendo um facilitador do processo de ensinoaprendizagem. Nessa corrente Seymour Papert buscou evidenciar a importância do surgimento do aluno como autor do seu conhecimento criando, descobrindo, interagindo e aprendendo.

Nesse diapasão Papert (2008) afirma que “a via construcionista tornaria o ensino melhor, assim como menos necessário, extraíndo desse modo o melhor de ambos os mundos” (p.135).

Assim, entende-se que o construcionismo é uma reconstrução teórica do construtivismo e tem suas raízes fincadas na teoria elaborada por Piaget, com algumas adaptações feitas por Papert.

A teoria construcionista concebe a criança como um “ser pensante” e construtor de suas próprias estruturas cognitivas e se preocupa em proporcionar as condições para que o conhecimento possa ser adquirido por ela de forma autônoma.

A metodologia construcionista se dá quando o aprendiz constrói o seu próprio conhecimento, tendo como objetivo elaborar meios de aprendizagem que valorizem a construção de conhecimento autônomo pelos alunos. Essa aprendizagem deve ser apoiada em suas próprias experiências de mundo.

Nesse mesmo sentido Fino (2007) defende que “o professor não pode se considerar uma autoridade que leva o estudante a aprender, vertendo-lhe o conhecimento” (p. 23).

Entende-se, dessa forma, que o aluno deve interessar-se pelo que lhe é proposto. Sendo assim a escola deve oferecer projetos que estejam vinculados ao cotidiano do aluno, integrando as atividades em todas as disciplinas.

A partir daí o aprendiz desenvolve conceitos e pode formular suas ideias. A forma da construção de conhecimento se dá no relacionamento com objetos, observada por Piaget (1990) que ao analisar a interação da criança com um objeto percebeu a

construção das estruturas mentais pelas crianças. Nesse ambiente o aluno se insere em um contexto que pode ser utilizado como meio para direcionar a resolução de problemas contextuais.

Sugere Freire (1997) “o aprendiz pode aprender com a comunidade e auxiliar a comunidade a identificar problemas, resolvê-los e apresentar a solução para a comunidade” (p. 58). No tangente ao mediador, este deve entender as ideias do aluno e intervir apropriadamente na situação de modo a entender o problema em questão.

Piletti (2010) afirma:

Faz-se mister a ocorrência de uma mudança intencional pautada num posicionamento crítico do professor que deve buscar formar cidadãos críticos e sedentos pelo saber, pois só assim poderemos melhorar a educação brasileira atual. Diante disso, se torna evidente que os recursos e materiais disponibilizados nas escolas não garantem a presença de práticas inovadoras. Intensificar a interdisciplinaridade nas aulas e aproximar o aluno do conhecimento com o intuito de oportunizar o aprender fazendo. Nesse norte, é sabido que somente a presença de transformações na educação não gera por si só inovação pedagógica, por isso é preciso muita atenção e responsabilidade no momento de incorporar a inovação. Os objetivos pedagógicos para que os recursos utilizados se apresentem como ferramentas pedagógicas com objetivos pedagógicos (p. 56).

Nessa perspectiva é perceptível que a utilização de diversas atividades realizadas pelas crianças oportuniza a discussão de importantes aspectos do processo de aprendizagem, construindo novos conhecimentos a partir de propostas para resolver os obstáculos que surgem.

De uma maneira geral, o construcionismo elaborado por Papert (2008) é uma tentativa de caracterizar da melhor forma possível a construção do conhecimento de forma significativa e autônoma. Logo, nos moldes da teoria construcionista a aprendizagem pode ocorrer onde houver espaço para que ele ocorra, ou seja, onde houver inspiração para aprender.

Compreende-se que não é mais necessário a existência de um prédio e quatro paredes para que ocorra a aprendizagem. Atualmente a aprendizagem pode ocorrer dentro ou fora do ambiente escolar, podendo surgir onde haja espaço para que ela ocorra.

Segundo a teoria construcionista, proposta por Papert (2008), as dificuldades de aprendizagem da educação contemporânea estão associadas à utilização de metodologias ultrapassadas que são consequência da adoção das teses defendidas pelas escolas tradicionais, gerando desinteresse por parte dos estudantes em buscar o conhecimento e permanecer na escola tendo como meta o aprendizado.

O presente estudo busca verificar a inserção de práticas inovadoras nos currículos escolares para que se compreenda que é necessário que os docentes abandonem os paradigmas utilizados atualmente e adotem posicionamentos que provoquem uma mudança qualitativa nas práticas pedagógicas.

É necessário também uma abordagem diferenciada por parte dos educadores, que precisam despertar a “sede” pela aprendizagem nos alunos, deixando de lado a abordagem seca da escola tradicional oferecida atualmente.

A abordagem tradicional acaba por dificultar o entendimento por ter como característica o método instrucionista, onde o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é uma caixa onde esse conhecimento vai ser depositado. Isso bloqueia a interação do aluno com a aula, gerando o desinteresse por parte dos aprendizes nos assuntos trabalhados.

Segundo Vygotsky (1991):

Os signos ajudam nas ações concretas e nos processos psicológicos como instrumentos que facilitam e auxiliam a função psicológica superior, transformando o funcionamento mental e permitindo ao sujeito realizar operações mais complexas. De acordo com essa teoria a criança constrói suas ideias a partir das relações com experiências novas e o desenvolvimento mental ocorre espontaneamente a partir da interação do sujeito com o meio. Esse processo é lento e ocorre através de estágios que são considerados como períodos da inteligência que se dividem em sensório-motora, pré-operatória, operatória concreta e operatória formal (p. 95).

O construcionismo atrelado à inovação pedagógica constitui uma forma de modernizar a abordagem pedagógica atual. No modelo educacional contemporâneo as práticas pedagógicas ainda utilizam técnicas obsoletas, que não despertam nos alunos o interesse por aprender. Pelo contrário geram uma dificuldade de aprendizagem, pois bloqueiam a interação do aluno com o conhecimento.

O discente deve passar a ser o protagonista de sua aprendizagem e o professor deve assumir o papel secundário no contexto educacional. Ao aprendiz é dada a autonomia necessária para que ele seja autor nas suas descobertas. O professor passa a ser um assistente, tutor ou mediador, encerrando a reprodução costumeiramente praticada no contexto tradicional. A escola perde seu título de promotora de conhecimentos, pois estes agora acontecem em qualquer ambiente que lhe seja favorável.

Para Fino (2004) o caminho da inovação pedagógica deve ser produto de um amplo estudo, pelo planejamento da mudança e pode nos dar resultados que não havíamos previsto. Nesse sentido a produção de vídeo possibilita a aproximação do aluno com a aprendizagem, basta que seja utilizada de forma adequada a constituir inovação pedagógica.

Segundo essa perspectiva a inserção dessa ferramenta nos anseios da inovação pedagógica rompe com as abordagens tradicionais e gera ações pautadas na teoria construcionista.

Sendo assim, entende-se que o uso de ferramentas inovadoras pode resgatar a aprendizagem construtivista e tentar provocar transformações significativas na abordagem do trabalho nas escolas. Uma mudança que coloca a ênfase na aprendizagem e na construção do conhecimento, em vez de priorizar a transmissão de informação e a instrução.

A práxis pedagógica ao longo das décadas tem apresentado mudanças pouco significativas no contexto educacional. O modelo da escola fabril, mecanicista, fragmentada em partes, através das diferentes disciplinas, centrada nos conteúdos, priorizando a memorização e a compreensão de teorias já não é mais viável. O aluno educado deste modo torna-se um ser passivo, condicionado a receber informações como verdades absolutas sem questionar os conteúdos abordados.

No começo dos anos 80, surgiram entre os professores livros e artigos que mudaram a forma como os educadores pensavam sobre o processo de alfabetização, o modo como ensinar e aprender. Assim, entendemos por que crianças de famílias com condições financeiras altas aparentavam ter mais desenvoltura nas atividades em sala de aula, do que crianças de famílias de classe baixa.

Foi possível observar que as de famílias melhores estruturadas financeiramente já entravam na escola com um conhecimento prévio sobre leitura, pois tinham mais contato com atividades voltadas para a escrita. Assim, os resultados dessas observações foram muito importantes, pois foi possível aos professores observar que a alfabetização não se dá através da memorização.

Piletti (2010) ensina que

O ato de ler significa um processo dinâmico e ativo, ou seja, ler um texto implica não só em aprender, mas também em ampliar nossa visão de mundo. Assim, entende-se que não se deve valorizar o método tradicional na sala de aula, fazendo assim com que os alunos se tornem dependentes de seus professores. Na verdade, o correto é que os alunos se desenvolvam autonomamente (p. 17).

É importante alfabetizar bem as crianças nas séries iniciais, pois isso vai repercutir na sua vida adulta. A criança que não for bem alfabetizada terá dificuldade em dominar o sistema de escrita e, talvez, não compreenda o que está escrito. Por isso, todo planejamento escolar deve estar voltado para a leitura e para a escrita, deve ser planejado em cima do conhecimento prévio do aluno, sabendo que eles ainda não dominam a escrita. Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky consideram que a alfabetização constitui um processo amplo.

Descobriu-se que as crianças observam as sílabas e assim descobrem as vogais pelo fato de que a maioria das palavras que a criança tem contato na educação como pato, rato, bola contém as mesmas vogais mesmo que em posições diferentes. Assim, elas acabam preferindo as vogais ao escreverem palavras.

Freire (1997) aduz que “a alfabetização deve realizar-se em conjunto com práticas culturais promovendo a mudança emancipada” (p.10). Diante do exposto, pode-se afirmar que a criança não precisa apenas ser alfabetizada, o professor precisa ter a certeza de que a criança foi letrada, pois a criança letrada desenvolverá habilidades diferentes para usar em seu meio social. Daí está o grande problema direcionado ao professor cabe a ele, estar atento e observar se o aluno foi letrado ou alfabetizado.

Através da interação com o meio a criança não só aprende, ela também é capaz de mudar e transformar e a partir disso sabemos que ela será inserida na cultura e produzirá cultura. Essa iniciação da criança é muito relevante na escola, principalmente, nas séries iniciais quando o aluno inicia a concretização de conceitos.

É interessante que o professor faça um planejamento diário do que vai passar para os discentes, pois assim sobrarão mais tempo para repassar o que deve ser feito em sala de aula.

Sabemos que nem tudo pode ser planejado, mas quando se planeja, automaticamente, se terá uma noção do que passar para os discentes e dos objetivos que se pretende alcançar.

A partir de ações pautadas no construcionismo, os profissionais da educação dão um grande passo rumo a mudança do ensino tradicional, pois estão cada vez mais aderindo ações que promovem uma interação entre o educando e a aprendizagem. É evidente que essa mudança implica obstáculos e resistência perante os professores, pois muitos têm medo de adotar essa corrente e não direcionar o ensino de forma a constituir inovação pedagógica.

Contudo, é necessário que compreendamos que apesar da mudança ensejar medo, ela é necessária para a evolução da educação contemporânea. Diante disso, pense-se na importância da formação do educador que, infelizmente, ainda se pauta em perspectivas presas a teoria da escola tradicional, por esta ainda ser considerada como geradora de “resultados” eficientes.

Diante do exposto, é latente a necessidade de romper com o paradigma fabril, seguindo a sugestão de Toffler (2007) que almejava inovar na forma do trabalho significativo que desempenhou.

Sabe-se que esse modelo não é o ideal, pois já foi exaustivamente utilizado desde o século passado e não surtiu os resultados esperados pelos estudiosos contemporâneos. O modelo instrucionista concebe o aluno como um espectador passivo que deve aprender através da repetição sistemática dos conteúdos propostos. Assim, sua motivação exterior estaria voltada para a figura do professor.

O processo de ensinoaprendizagem sofre influência direta da teoria comportamentalista. Caracteriza-se, dessa forma, o tecnicismo como abordagem pedagógica que iria solucionar os problemas educacionais da época, quais sejam, adequar a prática escolar à proposta econômica e política do sistema capitalista vigente.

Atualmente a natureza humana vive uma demanda de transformações e de desenvolvimento tecnológico como nunca se observou noutro período histórico. Assim, é imprescindível que se introduza na educação novos modelos pedagógicos que erradiquem a visão do professor como detentor do saber e do aluno como mero receptor.

Verifica-se que as mudanças na educação ocorrem de forma lenta em virtude de muitos educadores terem se formado no auge da corrente instrucionista e, em consequência disso, resistem a mudança de paradigma por terem medo do novo.

Não obstante a tudo isso, verifica-se que a grande maioria dos profissionais da educação não compreendem que as transformações da educação, erradicando o método tradicional de ensino e instigando o aluno a edificar seu conhecimento.

Na visão construcionista o aprendiz constrói seus conhecimentos através do fazer e assim, destacam-se as estruturas intelectuais do discente. Essa teoria concebe o aluno como um ser pensante e construtor de sua aprendizagem. Nela procura-se evidenciar as estruturas cognitivas do aluno na elaboração do seu desenvolvimento intelectual e de seus conhecimentos de mundo.

Para Valente (1993) “a construção de conhecimentos no modelo construcionista ocorre através de um processo cíclico que pressupõe uma descrição-execução-reflexão-depuração de ideias na busca da solução para uma situação-problema” (p. 87).

Pode-se concluir então que embora a maioria das escolas esteja centradas num modelo ultrapassado de ensino é urgentemente necessário o rompimento com o método tradicional de ensino, pois ele não atende os anseios da educação contemporânea. Porém, é preciso cautela para inserir as práticas inovadoras tão esperadas, uma vez que pode ser que essas práticas não sejam capazes de possibilitar aprendizagens significativas para os estudantes se não forem bem trabalhadas.

Atualmente a educação tem como alvo prioritário a inovação pedagógica, a qual deve ser construída em detrimento do modelo fabril impregnado pela sociedade industrial. Vale ressaltar que nesta era é imprescindível que o processo de ensino e

aprendizagem surja num novo cenário educacional e vislumbre as necessidades de mudança nas práticas pedagógicas para atender os anseios da sociedade que está em constante mutação.

Estas dificuldades ficam evidentes quando encontramos nas escolas várias ferramentas pedagógicas que não estão sendo utilizadas de forma eficiente, dentre elas o vídeo. Este procedimento torna-se alvo de preocupação porque nestas mesmas escolas há muita desestrutura ainda.

Por meio da teoria construtivista é possível possibilitar novos parâmetros gerando dessa forma a tão sonhada inovação na área da educação, pois houve uma transformação na metodologia adotada pelo professor e criou-se um ambiente de interação e troca de saberes, no qual a construção do conhecimento se deu de maneira autônoma e significativa.

Nessa perspectiva, ela deve ser concebida como uma modificação intencional que rompa com a metodologia tradicional e dê lugar a práticas diferenciadas. Contudo, entende-se que a produção de vídeo deve ser empregada na escola como um instrumento causador da construção do conhecimento pelos discentes e que seu uso deve consistir no abandono dos métodos pautados em visões tradicionais de ensino para incorporar práticas inovadoras nas aulas com o escopo de facilitar o surgimento da aprendizagem significativa e autônoma.

Há grande interesse em pesquisar o ambiente natural, tendo este como fonte de dados, os quais são descritivos e despertam interesse mais pelo processo do que pelos resultados e dão essencial importância aos significados.

Nessa direção, essa pesquisa permitiu que o pesquisador observasse a realidade da cultura local que estava sendo explorada com uma maior intensidade, utilizando a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação e partilha determinadas características.

Os dados escolhidos foram designados através dos ricos em pormenores discretos, relativamente a pessoas, locais e conversas. As questões a investigar não se estabeleceram mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim,

formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

2.2 A Inovação Pedagógica no contexto de Educação Ambiental

Vivemos em uma sociedade globalizada, onde cada vez mais universalizamos as relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Uma sociedade que vivencia estas relações globalizadas, mas de forma individualista quando se trata de ser solidário com outro.

Não existem ocorrências frequentes de ações na sociedade que mostram a convivência de maneira compartilhada, fraterna, solidária entre as pessoas, mas é comum verificarmos pelo curso da história as ações na sociedade que privilegia o individualismo mais que o coletivo.

Este cenário pode ser modificado e a escola, nesse contexto, é um dos espaços de construção e partilha de conhecimentos que contribui para a formação cidadã ética, política e cristã numa reconstrução compartilhada de uma sociedade mais digna para se viver.

A escola que é uma instituição em que se materializa a educação, que é uma prática social coletiva de intervenção política, econômica, religiosa e cultural. Nesse sentido, a escola pode desenvolver um olhar inovador voltado para uma formação solidária na construção do cidadão, uma construção que passa a ocorrer de forma contínua na vida das pessoas.

As ações realizadas na vida cotidiana nas famílias promovem nos envolvidos um crescimento intelectual e humanitário que dá um sentido de amor ao próximo e abre caminho para uma vida mais digna e compartilhada.

Estas ações vivenciadas podem ser utilizadas na educação escolar, pois o exemplo é uma das melhores maneiras de educar para a vida. As ideias, atitudes, maneiras de pensar e agir influencia diretamente na vida e estas podem ser multiplicadas nas relações sociais nos diversos ambientes de convivência.

Numa visão de compartilhamento, é possível descobrir o seu potencial e desenvolver valores e atitudes que contribuem para uma vida em comunhão. Em síntese o essencial nas relações entre educador e educando, entre pais e mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

As crianças quando ingressam na escola trazem consigo vivências importantes de partilhas familiares de solidariedade que podem ser vivenciadas e a escola é um ambiente sadio e favorável ao desenvolvimento destas partilhas. O diálogo entre as crianças e os professores estimula a integração e propicia um clima de confiabilidade, respeitabilidade e cooperação, a escola neste contexto favorece estas relações familiares.

Para que ocorra Inovação Pedagógica se faz necessário mais que uma ruptura paradigmática como disse Kuhn (2000), “a inovação pedagógica pressupõe um salto, uma descontinuidade”. Assim, a inovação dá abertura para emergência de novas culturas, buscando caminhos em direção ao inesperado não somente em relação às reformas ou alterações curriculares ou programáticas. A inovação diz respeito as mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas.

Assim, dentro de um projeto inovador devemos estimular o processo de ensinoaprendizagem uma vez que o espaço favorece o contexto coletivizado e propicia o aprendizado interativo, permitindo navegar de acordo com os próprios interesses favorecendo a pesquisa, a busca, a descoberta, o conhecimento, a autoeducação e a autoinstrução.

Nas palavras de Toffler (2007):

A própria disposição do conhecimento em departamentos inflexíveis de disciplinas tinha como base pressupostos industriais. As crianças caminhavam de um espaço para outro e assentava-se em locais pré-determinados. As sinetas batiam para prenunciarem as mudanças dos horários. Nessa direção, tracejava-se uma visão tradicional de ensino.

O autor questiona o trabalho repetitivo feito com crianças e entende que a escola tem sido apresentada com procedimentos de inculcação e doutrinação ideológico por meio da transferência de conceitos e mensagens, seleção e organização de conteúdos de aprendizagem.

Papert (2008) diz que observa a sala de aula como um espaço de aprendizado artificial e ineficiente que a sociedade foi constrangida a inventar porque seus meios informais de aprendizado revelam-se inadequados para a aprendizagem de comandos essenciais do conhecimento, como a gramática, a escrita ou também a educação ambiental.

Sobretudo, delineando uma nova maneira de pensar o ensino Papert (2008) dá continuidade às ideias de Piaget (1990) apresentando o construtivismo como algo novo, como uma nova proposta pedagógica. Segundo ele, se existir externamente algo que enriqueça o processo cognitivo da criança, estas poderão lidar com conceitos que em outras situações não seriam possíveis. Ainda na visão do autor é preciso olhar a criança como sendo um construtor, pois, para o mesmo todos os construtores necessitam de materiais para a sua obra.

Nesses encaminhamentos abre-se caminho para a inovação pedagógica que pode ocorrer num espaço de interação social, incluindo os ambientes formais, tal como os informais. Mas o que é inovar? De acordo com o dicionário Houaiss (2010) “inovação é ação ou efeito de inovar, aquilo que é novo, novidade. Inovar é fazer algo novo” (p. 1000).

Se o docente consegue alcançar o entendimento da necessidade de um novo paradigma, e, diante desta nova concepção demonstra delinear as ideias construtivistas, construcionistas e inovadoras, com certeza mostrará que está apto a acolher qualquer indivíduo para conceber o conhecimento de forma aprimorada.

Existem abundantes meios de informações os quais se pode acessar, tais como biblioteca, internet, mas eles por si só não constituem inovação. Entretanto, andamentos que sobrevenham no interior da escola que supram as antigas práticas de ensino podem constituir-se inovação.

2.3 Como usar a tecnologia a favor da inovação em educação ambiental?

As tecnologias da informação e comunicação têm apontado diante das mudanças na sociedade e, em todos os lugares que podemos chegar, assim, é notável que a escola precise discutir também sobre como utilizar esses recursos tecnológicos no meio educativo, uma vez que usar o vídeo não significa essencialmente que houve inovação pedagógica, sendo muitas vezes necessária a ruptura de paradigmas.

Inovação compreende obrigatoriamente práticas novas. Deste modo, a inovação pedagógica não deve ser buscada nas reformas de ensino ou nas modificações curriculares ou programáticas, ainda que elas gerem mudanças.

Em consonância, Valente (1993) afirma que a mudança pedagógica que aspiramos não é possível ser resolvida com uma solução mágica como com a compra de equipamentos aprimorados. É muito mais complicada essa mudança e os desafios são muito grandes. Porém, se não forem considerados todos os recursos e energia que nós educadores possuímos corremos o risco de passarmos a nos contentar a trabalhar em um local antiquado e em desacerto com a sociedade atual.

Diante disto, é preciso que os docentes estejam atentos as mudanças necessárias em suas práticas a fim de que saibam introduzir verdadeiras inovações. Estar atento significa perceber que as mudanças podem também trazer consigo vários fatores tradicionais sem, no entanto, apresentar nenhum tipo de inovação ao passo que a inovação implica um ato de romper barreiras.

Sendo assim, é perceptível que as tecnologias têm alcançado espaço na escola, no entanto, é preciso compreender que a inovação pedagógica não deve consistir na mera exposição destes recursos tecnológicos ao ambiente escolar.

Na visão de Fino (2007):

A inovação não está exatamente na tecnologia quando se tratar de um trabalho pedagógico, mas no que ela nos consente fazer com o seu auxílio. A tecnologia somente será ferramenta de inovação

pedagógica partindo do instante em que admita fazer coisas diferentes e quando abrir portas para territórios inesperados que podem muito bem não ter nada a ver, sequer, com o currículo ou com a escola (p. 45).

As tecnologias com certeza por si só não trazem a inovação pedagógica, contudo instigam a curiosidade. Entendemos que as tecnologias contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem da criança e do adolescente, aprendizagens estas que deve acontecer partindo de uma prática pedagógica inovadora.

No mesmo sentido Fino (2008) descreve que a inovação pedagógica implica em mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças incluem sempre uma posição crítica, explícita ou implícita, face às práticas pedagógicas tradicionais. Assim, mudar, transformar, apossar-se do novo, desconstruir paradigmas dominantes, sair da zona do conforto constitui-se um desafio para qualquer educador que queira desenvolver bem suas atividades, contudo a mudança poderá ou não trazer consigo uma perspectiva inovadora.

Nestes conjuntos de mudança os recursos tecnológicos constituem-se ótimas ferramentas que podem ser utilizadas no espaço de ensino. Papert (2008) apresenta o computador como uma ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento. Para ele existe a necessidade de os seres humanos apresentarem sempre uma nova forma de pensar diante das tecnológicas da informação sendo, porém, necessária uma transformação na concepção do docente sobre como utilizar a ferramenta do computador.

Toffler (2007) já expunha porque o poder de danificar aumentou muito, a terra agora é considerada muito mais frágil. Essa fragilidade implica em mudanças no meio ambiente, mudanças essas que na sociedade têm sido grandes, levando o meio ambiente a sofrer alterações também quanto aos avanços tecnológicos.

Assim, Toffler (2007) aponta para uma nova imagem da natureza. Esta por sua vez sofre alterações provocadas pelo próprio ser humano com interferências criativas na construção de um novo cenário que traz consigo as novas tecnologias.

Entretanto, o mesmo autor descreve ainda que a tecnologia não é o único meio de transformação da sociedade. As experiências sociais podem ser possibilitadas por uma modificação na composição química da atmosfera, conforme as alterações do

clima, diante de alterações na fertilidade e por diversos outros fatores. Mesmo assim, a tecnologia é inquestionavelmente uma força maior da importância, atuante por detrás do impulso acelerado.

Quando o professor consegue integrar os conteúdos propostos com práticas pedagógicas inovadoras é perceptível que a aula flui de maneira mais harmônica, pois os alunos participam e se interessam pelo que está sendo exposto.

A necessidade de auxílio para implantar a abordagem construcionista na educação contemporânea é urgente. Esse paradigma deve proporcionar a construção do saber e erradicar a presença constante do ensino tradicional. Assim, conclui-se que de acordo com as teorias estudadas, o professor deve entender a educação com uma nova abordagem educacional que transforme o paradigma pedagógico defendido pelo instrucionismo e a inserção de uma prática docente voltada para o novo.

Nessa perspectiva, as ocasiões de ensino devem se organizar de forma a dar oportunidade para que os alunos possam utilizar o conhecimento sobre o meio ambiente e assim compreender sua realidade para atuar nela. Esta preocupação sobre como o conhecimento chega até o aprendiz traduz-se como um fator considerável na construção da aprendizagem em educação ambiental.

Na visão de Papert (2008) “como acontece o desenvolvimento do conhecimento é importante para uma aprendizagem significativa” (p. 07). Sendo assim, a maneira como a criança aprende é o que pode fazer o diferencial. Ainda segundo o mesmo escritor, a educação organizada e informal poderá ajudar mais se estiver apoiada na moral psicológica, material e intelectual.

É imprescindível então despertar no educando o desejo por pensar acerca da educação ambiental, para isso, o aprendiz necessita arquitetar suas próprias hipóteses. Nesse encaminhamento, o docente necessita ser um mediador, um provocador, levando dessa forma, o aluno a pensar sobre os objetos de estudos, acompanhando o raciocínio cognitivo dos discentes e suas hipóteses.

Entendemos então que o conhecimento quanto a educação ambiental precisa aparecer como resultado das interações construídas ao longo do processo educativo. Desse modo, o docente enquanto educador ambiental necessita perceber este

desenvolvimento e aprendizagem, a fim de fazer com que as competências sejam desenvolvidas de maneira satisfatória.

Piaget (1990) concorda que a aprendizagem é provocada diante de uma situação que advém externamente, portanto, o docente como um profissional pode vir a ser um agente importantíssimo na formação do indivíduo para a educação ambiental.

Sabemos que a construção da consciência quanto a educação ambiental deve principiar de cada indivíduo, prescindindo que desde as séries iniciais o aprendiz desenvolva uma percepção crítica quanto ao meio ambiente. Sendo assim, o ensino formal que acontece no espaço de ensino precisa acontecer de maneira prazerosa e inovadora, precisa acontecer de maneira dinâmica, também com o uso dos recursos mais variados possíveis.

Na escola, os alunos podem construir novos saberes e novas visões sobre a educação ambiental, o que pode ser adquirido a partir de ações e projetos elaborados com objetivos bem definidos.

Concluimos então que a educação ambiental não pode ser colocada ao aprendiz de maneira tradicional, como conhecimento pronto, acabado e entregue. Pelo contrário, é preciso que aconteça a ruptura com as velhas formas de ensino, ou seja, uma quebra de paradigmas.

Para Guimarães (2000):

A educação ambiental não consiste em lecionar ecologia como diversos livros didáticos e diferentes meios. Igualmente não significa exclusivamente relatar problemas ambientais, como por exemplo, as formas de poluição, os animais em extinção etc. (p. 98).

Entendemos que a educação ambiental tem por finalidade a participação de cada sujeito na resolução dos problemas, devendo aplicar metodologias que possibilitem ao aprendiz questionar dados e ideias em relação ao tema, sugerir soluções e apresentá-las de modo que os alunos possam fazer experiência. Assim, eles participarão de maneira ativa da construção de sua aprendizagem.

Sabe-se que a interação entre os alunos durante as produções favorece a aprendizagem, pois eles poderão desenvolver seu potencial por meio da participação, aprendendo a respeitar a opinião do outro. Os discentes têm a possibilidade de criticar

e ser criticado e de ouvir as opiniões e ideias dos outros. Essas atividades têm grande valia no processo de ensino aprendizagem, já que através delas, o aluno pode desenvolver suas habilidades cognitivas.

As ideias dos outros são importantes, pois promovem situações desafiadoras que levam o aluno a pensar criticamente sobre suas próprias ideias. É diante das outras pessoas que a criança vai sentir necessidade de pensar naquilo que irá dizer e fazer. Através da cooperação os indivíduos operarão juntos para chegar a um acordo que seja adequado a todos os envolvidos na produção do vídeo.

Diante disso é necessário que o aluno considere todos os pontos de vista, justifique suas decisões e ouça as opiniões dos outros. Observa-se que a produção do vídeo é um recurso pedagógico de grande importância na aprendizagem, já que é um modo onde vemos o que realmente o aluno aprende.

Assim, entende-se que o docente precisa trazer situações interessantes e desafiadoras para que os alunos participem dele ativamente a todo tempo. É preciso deixar que os alunos formem seus grupos como quiserem, pois eles irão formar com os colegas que mais tem simpatia e assim o aproveitamento será bem melhor do que se estivessem formando grupos com os colegas que não simpatizam muito bem.

Faz mister discutir com os alunos as estratégias, necessárias para produção dos vídeos, registrar isso em um painel e, depois discutir sobre o que deu certo ou não. Estimular o trabalho em duplas ou em grupo evidencia a importância de cada opinião e permite a ocorrência de várias sugestões, pedir para que os alunos comparem suas produções e expressem suas hipóteses verbalizando como chegaram aquela ideia ajuda a desenvolver o senso crítico e a criatividade.

Por outro lado, a socialização permite que os alunos desenvolvam suas habilidades também para dialogar na sala, e assim, acaba ajudando-os a desenvolver suas habilidades de comunicação em outras disciplinas, pois desenvolve a imaginação e estimula a mente.

Mesmo quando algo não dá certo o aluno se sente estimulado a iniciar do zero e realizar uma nova produção, o que eleva a autoconfiança e a autonomia do aprendiz. O erro é superável, pois é visto de forma natural e propicia novas oportunidades de

aprendizagens. Nesse norte, o aluno compreende o próprio processo de aprendizagem e continua aprendendo.

Diversos estudos apontam que a produção do vídeo colabora com um aprendizado prazeroso. Para gerar um desenvolvimento eficaz é necessário que se crie na sala de aula um ambiente apropriado para a inovação e, assim, os alunos terão um melhor rendimento na aprendizagem.

É necessário permitir um maior envolvimento de todos criando situações diferenciadas que ajuda o professor a proporcionar aulas diferenciadas a seus discentes. É uma atividade séria e só por meio do planejamento se consegue alcançar uma aprendizagem significativa, pois sem o planejar pedagógico o aproveitamento do aluno não será muito rentável.

Os educadores podem associar a produção do vídeo ao uso do computador, pois na maioria das vezes a criança sente prazer ao utilizar este equipamento e este por sua vez pode trazer inúmeros benefícios, pois a criança utilizando o computador desenvolve técnicas, tornando-se autônomo na construção do saber. Isso acaba sendo mais do que uma forma de brincadeira, pode se transformar em uma oportunidade de aprendizagem significativa.

Por outro lado, é preciso ter cautela quanto ao uso do vídeo na escola, para que não se torne um vício e vire um problema depois, isso vale para a produção com o uso do computador ou não.

Envolver os pais ou responsável pelo discente para que ajude o aprendiz no desenvolvimento não só em educação ambiental, mas também de outras disciplinas. Se o aluno ficar viciado, vai acabar deixando de lado os estudos e isso afetará sua produção escolar.

Se for utilizado pedagogicamente, a produção de vídeo permite ao aluno inventar, descobrir, imaginar e desenvolver habilidades cognitivas. A criança muitas vezes pode sentir insegurança quanto a sua capacidade, mas isso pode ocorrer devido à falta de oportunidade. Com o vídeo há essa oferta para que a criança experimente e, daí por diante, desenvolva sua aprendizagem autonomamente.

Como afirma Dias (2001) projetos com a utilização e produção de vídeo ainda são raros no cotidiano da escola de educação básica, pois a escola brasileira ainda guarda resquícios de uma educação tradicional, pensada apenas pelo produto estético.

As propostas pedagógicas na educação têm experimentado e apostado em mudanças significativas, mas temos visto os demais segmentos de ensino acompanhando essas transformações e com isso, a fronteira existente entre elas vem se alargando.

As dificuldades surgem, pois no ensino fundamental o educando tem diversos professores que, na maior parte do tempo, não trabalham em conjunto e de forma interdisciplinar. Daí, voltamos a uma concepção de ensino bancário, segundo a qual o aluno é quem deve fazer as devidas conexões entre as disciplinas.

Assim, apostamos numa formação que proporcione ao professor um contato com uma equipe que conhece a realidade de um trabalho conjunto e busca resoluções trazidas do diálogo, da aproximação entre teoria e prática e que aproxima os conteúdos dados à vivência dos discentes e suas manifestações da diversidade.

2.4 A falta de formação adequada do professor quanto a utilização da produção do vídeo nas aulas

O paradigma tradicional é caracterizado por uma postura pedagógica na escola onde se vê o aluno como um ser único e isolado, receptivo e passivo, obediente e sem questionamento.

Nesse processo educativo tradicional “a função real do estudante é tão somente realizar tarefas, sem levantar questionamentos sobre seus objetivos” (DIAS, 2001, p. 85).

O professor tradicional apresenta para os alunos os conteúdos prontos e acabados, ele repassa e transmite as informações de forma que os alunos meramente repetem e reproduzem o modelo atual.

A metodologia na escola tradicional é desenvolvida tão somente com aulas expositivas, onde não existe foco na aprendizagem significativa, mas no escutar, no ler, no decorar e meramente repetir.

Conforme Minayo (1996) “a reprodução dos conteúdos feita pelo estudante de forma automática e sem variações, na maioria das vezes é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve a aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado” (p. 98).

Porém, sabemos que isso está equivocado e que este paradigma tradicional fabril precisa ser quebrado. É necessário buscar novas metodologias que atendam às expectativas dos alunos.

Permeiar um paradigma inovador em que “o aluno seja visto como um ser individual, em que haja o reconhecimento da dualidade cérebro/espírito, levando a reintegração sujeito/objeto” (FREIRE, 1997, p. 25).

É nesta visão geral que empregamos um sentido mais amplo, o sentido de uma educação inovadora, pois a ruptura do paradigma tradicional para um paradigma inovador, principalmente em uma visão solidária, tem sido fruto de debates intensos por parte de estudiosos e autoridades.

O homem deve participar da construção do conhecimento não apenas com o uso predominante do raciocínio e da percepção do mundo exterior pelos sentidos, mas também usando as sensações, os sentimentos, as emoções e a instituição para aprender.

Novamente estamos diante do desafio enorme de implantar uma prática pedagógica que supere a fragmentação e a reprodução do conhecimento. O ensino/aprendizagem como produção de conhecimento significativo envolve uma ação pedagógica que forme sujeito crítico no processo em que professores e alunos sejam pesquisadores e produtores dos seus próprios conhecimentos.

Entendemos que para possibilitar uma formação calcada na prática reflexiva do fazer docente, ou seja, é necessário que o professor lide com a realidade escolar contemporânea durante a formação docente. Assim, quando for inserido no mundo de

trabalho já terá experiências e argumentos para propor rompimento com o ensino tradicional na escola.

Entendemos, contudo, que a formação docente é um processo permanentemente de construção que se realiza na estreita relação com as possibilidades de interação entre sujeito do conhecimento com o objeto a ser conhecido.

É por meio dos fazeres da sala de aula que é possível concretizar uma proposta de ensino aprendizagem que signifique efetivas interações no sentido de transformações dos conhecimentos. Nossa aposta é que o lado da moeda vire e o a produção do vídeo seja amplamente praticada no ambiente escolar, ganhando potência e se descobrindo para além do passatempo.

A criança aprende mais e melhor quando se trata de algo prazeroso, alegre, divertido e agradável. Práticas ricas em conhecimentos levam o aluno de encontro a aprendizagem significativa, bem distante da concepção errônea do uso da tecnologia como passatempo ou apenas como diversão.

Para Macedo (2010):

A falta de atenção e concentração é um forte componente dos distúrbios de aprendizagem, muitos discentes não conseguem concentrar sua atenção em determinadas tarefas. Sabemos que os motivos dos problemas de aprendizagens são muito variáveis, no entanto, um dos mais comuns é o desinteresse pela atividade proposta. Por isso, a utilização do vídeo prévia pode motivar a criança e despertar o interesse para a atividade na qual se concentrará. É possível exercitar essa habilidade por meio de tarefas que exijam um grau cada vez maior de atenção, para que a criança se acostume a trabalhar com a atenção seletiva como ato volitivo (p. 45).

A produção de vídeo didaticamente é de alta importância, ele não vai moldar a criança, ao contrário vai, levá-la a descobrir, criar, sonhar, realizar; aprender brincando a respeitar a individualidade do outro, bem como a sua; é indispensável no processo de ensino aprendizagem que seja garantida a construção do conhecimento e a integração entre os seres.

Vygotsky (1991) afirma que é por meio do uso da tecnologia que a criança transforma, imaginando objetos produzidos, ampliando limites de compreensão ao seu conhecimento. É através das TIC's que a criança aprende a solucionar conflitos,

negociação, ser leal e estrategista. Em todas as épocas entre os estudiosos e os povos a educação tecnológica sempre esteve presente, mostrando sempre muita importância no desenvolvimento do indivíduo.

A produção do vídeo deveria estar presente em todas as etapas da educação, pois assim a criança poderia construir as bases da compreensão, da confiança em si e no outro, da coordenação, da agilidade, da interação consigo e com os pares e poderia crescer quanto à sociabilidade e autonomia.

A escola necessita se dar conta que através da produção de vídeo os aprendizes crescem e se adaptam ao mundo da socialização. Através da produção de vídeo a criança expressa o que não consegue expressar com palavras.

Nesse norte, a prática da produção de vídeo na escola como um sistema de conhecimento relaciona-se à evolução do pensamento pedagógico. Daí emerge necessidades de responder questões levantadas pelo modelo de sociedade globalizada e complexa, na qual o uso da tecnologia na escola representa a ampliação das possibilidades de ação do sujeito ante os desafios do cotidiano.

A produção de vídeo abre novas perspectivas e permite a expressão ludo criativa, devendo ser oferecido à criança de acordo com o grau de desenvolvimento que ela se encontra. Portanto, se faz necessário que o professor conheça e trabalhe ancoradas ideias defendidas por Vygotsky (1991), Papert (2008), Fino (2007), dentre outros.

Na produção de vídeo, a criança está desenvolvendo a confiança em si e no outro, já que este eleva sua autoestima, seu autocontrole, sua imaginação e, conseqüentemente o aluno aprende construindo. Dessa forma, o aprendizado será mais significativo se a produção de vídeo estiver relacionada às situações da vida real dos educandos.

No entanto, para que a produção de vídeo seja praticada na escola e possibilite o desenvolvimento de funções reivindicadas pelos anseios da educação contemporânea, o fazer pedagógico do professor precisa envolver-se na construção de conhecimentos no sentido mais radical do termo (SOUSA, 2000, p. 24).

Sabe-se que isso não irá ocorrer como num passe de mágica, pois exige a transformação na maneira de compreender o processo de conhecimento, ou seja, demanda esforço para ultrapassar concepções de ensino.

O educador deve levar em conta as possibilidades de aprendizagem que podem ser desenvolvidas através da produção de vídeo e, principalmente, é preciso realizar um plano de ação com o objetivo de que este não acabe se tornando um mero momento de lazer ou passatempo.

Aprender educação ambiental por meio da produção de vídeo pode vir a estimular o pensamento independente, a autonomia, possibilitando a aprendizagem significativa. Os educadores devem procurar alternativas para aumentar a motivação dos alunos para aprender, desenvolvendo a autoconfiança, a organização, a concentração, a atenção, o raciocínio lógico-educativo, o senso cooperativo e a socialização, aumentando a interação do indivíduo com outras pessoas.

Para Sousa (2000) o novo paradigma da aprendizagem aponta que não é só construir o conhecimento, mas também forjar o sujeito capaz de ser o dono do seu conhecimento, ser autônomo, opinar, criticar, expor suas ideias e experimentar novos desafios, por meio da possibilidade de criar e fazer, com o apoio do professor.

Quando o professor propõe a seus alunos uma atividade diversificada, pode proporcionar uma aprendizagem significativa que instiga o interesse, favorece a concentração e o envolvimento mental dos alunos, podendo ainda estimular a autonomia, facilitando assim a aprendizagem.

Ao produzir os vídeos os alunos vivem situações que requerem soluções rápidas e o caráter lúdico dessa atividade pode vir a permitir que os alunos adquiram aprendizagens diferentes para que, posteriormente, as repitam eliminando o medo que sentem antes de cada novo conteúdo.

Assim, partindo da imensa importância que a educação ambiental apresenta no dia a dia de cada indivíduo, se faz necessário encontrar novos caminhos para possibilitar saberes necessários à sua preservação.

Diante do exposto, pretende-se verificar como o trabalho com a produção de vídeo contribui para uma aprendizagem de educação ambiental fundamentada no

desenvolvimento da criatividade e da autonomia dos estudantes e se constitui-se como uma prática inovadora?

Certamente haverá obstáculos e inúmeras justificativas para não prosseguir nesse caminho, mas devemos acreditar na persistência, pois com certeza será a melhor (e talvez a única) solução.

Segundo Fino (2007):

O mundo e o conhecimento que cada um tem são construídos historicamente e socialmente, conforme o seu entendimento da realidade, os cenários espaços-temporais moldam a natureza das construções do mundo, criamos a nós mesmos ferramentas, o conhecimento é pessoal, intransferível e não autossuficiente (p. 15).

A tecnologia dentro de um projeto inovador estimula o processo de ensino-aprendizagem uma vez que o espaço favorece o contexto coletivizado e propicia o aprendizado interativo, permitindo aprender de acordo com os próprios interesses, favorecendo a pesquisa, a busca, a descoberta, o conhecimento, a autoeducação e a autoinstrução.

A ênfase foi sempre colocada na construção de algo que possa ser partilhada, construída, para possibilitar a liberdade e o aumentar grau de autonomia dos aprendizes no ambiente informal. Projetos ambiciosos cuja fruição começavam nas salas onde os alunos se entregavam aos seus trabalhos com motivação intrínseca elevada, ambiente este em que aprender era um acontecimento que propiciava prazer.

De acordo com Fino & Sousa (2001):

Hoje a sociedade das tecnologias digitais dos computadores e da telemática, da globalização e da pulverização de culturas locais, dos genomas sequenciados, já não se compadece em esperar por uma instituição que, para prosseguir, tem que mudar de paradigma, tendo em vista que a escola hoje acumulou funções que não tem a ver com o desenvolvimento da sociedade. A escola hoje se encontra irremediavelmente ferida, e já nem é capaz de preparar para o presente quanto mais para o futuro (p. 02).

Assim, o construcionismo atua sob o pressuposto de que o aprendiz aprende descobrindo por si mesmo o conhecimento. Os jovens necessitam desenvolver atividades ricas, uma vez que de posse do “conjunto de peças para construção”, o

aprendiz reformula, constrói e reconstrói sua aprendizagem. A ação dos educadores, neste contexto, tende a ser o mínimo possível como diz Piaget (1990), “a via construcionista tornará o ensino melhor, assim como menos necessário” (p. 78).

Nesse diapasão, o construcionismo requer uma reconstrução pessoal, uma construção do fazer pedagógico na intenção de contribuir para uma aprendizagem significativa, oferecendo as coordenadas, viabilizando ao educando descobrir livremente, oferecendo-lhes ferramentas para descoberta de conceitos favoráveis a educação numa perspectiva atual e futurista.

O docente deve assumir diante dos aprendizes a postura de mediador, aquele que aponta direcionamentos com o objetivo de contribuir para a construção das autoaprendizagens dos educandos. Diante da perspectiva da Inovação Pedagógica a mudança qualitativa nas práticas pedagógicas.

As mais diversas informações que a criança recebe, somada à sua concepção de mundo e das suas experiências e interações sociais, criam de modo sutil, incipientes concepções ideológicas que ela utiliza para interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões no seu modo de interagir e reagir. A escola precisa inovar acompanhar o avanço aproveitando as mais diversas ferramentas e utilizando-as de maneira inovadora na prática docente.

Na orientação do trabalho com a produção de vídeo na aprendizagem de educação ambiental, o educador deve investigar o aprendiz a uma reflexão sobre ressignificação da atitude dos discentes, a fim de aguçar a criatividade e autonomia através da inferência do educador como propositor e dinamizador dos diálogos.

A tecnologia, em especial o vídeo, aparece como produto das interações construídas pelos aprendizes no curso do seu processo educacional. Enquanto ser inovador, o educador faculta ferramentas ao educando para que este possa explorar os campos cognitivos existentes.

Nessa direção, o educador precisa instigar o educando a participar da construção de seu processo ensinoaprendizagem, visto que a partir da construção e da desconstrução do saber é que acontece a aprendizagem.

Falando sobre aprendizagem, Vygotsky (1991) diz que “se a aprendizagem for trabalhada de modo adequado acabará tendo como resultado o progresso mental colocando em movimento as diversas questões de desenvolvimento. De outra maneira não haverá possibilidade de acontecer” (p. 23).

Assim, conclui-se que o conhecimento é construído pelo aluno por meio das coordenações do educador de maneira que apresente uma postura crítica e reflexiva. Diante dessas mudanças, diferentes impactos têm acontecido no mundo, tanto ao meio ambiente quanto no meio tecnológico. Ao mesmo tempo em que ocorrem transformações algo novo tende a aparecer.

Nessa condução, Toffler (2007) previa que sempre que uma onda de mudança predomina numa apontada sociedade é relativamente fácil ter uma visão do padrão de desenvolvimento futuro. Assim, na visão do autor, a sociedade vem transitando para o final de um industrialismo, trazendo consigo as tecnologias mais poderosas, educação em massa e coisas semelhantes.

Nas palavras do autor “o indivíduo deve tornar-se infinitamente mais adaptável e mais capaz do que qualquer outra época pretérita” (p. 25). Nessa direção, é imprescindível que os recursos tecnológicos sejam utilizados no processo de ensino aprendizagem para que o conhecimento sobre o meio ambiente possa ser concebido.

Diante de suas práticas, o docente deve ser cuidadoso e ter a intenção de empregar os diferentes recursos tecnológicos para uma verdadeira prática pedagógica inovadora. Diante destes contextos, notamos que é preciso romper com o paradigma fabril buscando fazer uma antecipação do futuro, deixando de olhar para trás e tendo um olhar reflexivo para o futuro.

Sobre isto Toffler (2007) argumenta:

Não é de modo algum suficiente o ato de investigar e vincular responsabilidades depois da ocorrência de fato. Devemos criar um painel do meio-ambiente com a finalidade de nos proteger contra as perigosas intrusões assim como um sistema de incentivos públicos para encorajar a tecnologia que fosse, ao mesmo tempo, isenta de perigo e socialmente desejável (p. 369).

Nesse contexto, é possível considerar sem incertezas, a situação da prática educacional, ou seja, a maneira como o docente se posiciona diante das tecnologias

inovadoras, pois, essas condições podem causar a eficiência na aquisição do saber pelo aprendiz.

O vídeo tem alta importância na vida didática do aluno, pois ele não vai moldar a criança ao contrário vai levá-la a descobrir, criar, sonhar realizar; aprender brincando sobre o respeito e a individualidade do outro, bem como a sua. É indispensável no processo de ensino aprendizagem garantir a construção do conhecimento e a integração entre os seres.

Por meio da produção de vídeo as crianças crescem e se adaptam ao mundo da socialização e que este deve ser considerado como parte integradora da vida escolar da criança, pois além de possibilitar a construção do conhecimento de maneira mais sadia, diminui as tensões e diverte.

Além disso, através da produção de vídeo a criança expressa o que não consegue expressar com palavras, pois ele abre novas perspectivas e permite a expressão ludo criativa, devendo ser oferecido a criança de acordo com o grau de desenvolvimento que ela se encontra, portanto, se faz necessário que o professor conheça e trabalhe essas atividades nas suas aulas.

Ao jogar, a criança está desenvolvendo a confiança em si e no outro, pois isso eleva sua autoestima, seu autocontrole e sua imaginação. Sabe-se que o aprendizado será mais significativo se a atividade proposta estiver relacionada às situações da vida real dos educandos. A importância das atividades que inserem a tecnologia na aprendizagem dos discentes já é debatida há um bom tempo, por isso questionamos se realmente os alunos aprendem os conteúdos em educação ambiental através da inserção de atividades práticas nas aulas.

O educador deve levar em conta as possibilidades de aprendizagem que podem ser desenvolvidas através da produção do vídeo e, principalmente, é preciso realizar um plano de ação com o objetivo de que este não acabe se tornando um mero momento de lazer ou passatempo.

Os educadores devem procurar alternativas para aumentar a motivação dos alunos, desenvolvendo a autoconfiança, a organização, a concentração, a atenção, o

raciocínio-lógico-educativo, o senso cooperativo e a socialização, aumentando a interação do indivíduo com outras pessoas.

A produção do vídeo tende a despertar o interesse, favorecer a concentração e o envolvimento mental dos alunos, podendo ainda instigar a autonomia, facilitando assim a aprendizagem. Os alunos vivem situações quando estão produzindo, que requerem soluções rápidas, o caráter lúdico dessas atividades pode vir a permitir que os alunos tenham ideias diferentes e posteriormente as aperfeiçoem, eliminando o medo que sentem antes de cada novo conteúdo.

Se faz necessário encontrar novos caminhos para possibilitar um novo quadro educacional e a referência ao uso do vídeo na aprendizagem tem sido uma constante, uma vez que a ideia de o utilizar como uma possível ferramenta pedagógica já era disseminada há algum tempo.

Diante do exposto, percebemos que surgem várias outras questões relacionadas à inovação pedagógica na educação. Essas questões dizem respeito aos objetivos que se tem na educação contemporânea, a saber, formar cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres e capazes de tomar decisões por si próprios e pelo grupo de maneira a beneficiar a todos. Lamentavelmente, muitos educadores ignoram as dificuldades dos alunos e logo os rotulam de preguiçosos.

Os educadores precisam entender a lógica do pensamento do discente e, a partir disso, compreender o aluno e vice versa, pois se os dois se compreenderem fica mais fácil a aprendizagem acontecer de forma significativa.

O que a autora ressalta é que o professor não deve apenas repassar o conteúdo, mas sim fazer com que o aluno exponha suas ideias e compreenda o que o aluno tenta passar com uma simples frase. Assim, deve-se dar oportunidade para que as crianças pensem e reconheçam as ideias lógicas como, por exemplo, em vez de focar só em livros porque não criar utilizar outras ferramentas.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Este estudo quis analisar como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental. Tivemos a pretensão de investigar a partir da abordagem qualitativa quando utilizamos o estudo de caso, uma vez que se trata de um dos empreendimentos mais desafiadores das ciências sociais com o intuito de entender os fenômenos sociais complexos a partir da elaboração de notas de campo.

Segundo Yin (2010):

O método de estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança de vizinhança, o desempenho escolar (p.24).

O estudo de caso constituiu em material de abordagem qualitativa fundamentada na realidade em seus vários facetes, oportunizando a pesquisadora a interpretação real dos fatos e não os manipular.

Assim, entende-se que em um estudo de caso, a importância da coleta de dados vem através de várias técnicas, garantindo assim a confiabilidade da pesquisa e a rigorosidade dos resultados adquiridos.

Optamos pela realização da pesquisa de campo através de observação participante e da realização de entrevistas com a docente e os discentes da turma em estudo. A entrevista foi aplicada com a educadora e com os educandos e suscitaram sobre a importância da produção do vídeo em educação ambiental e se o processo de aprendizagem melhorou depois dele.

As questões que nortearam a presente investigação foram:

- Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em educação ambiental?
- É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

- A produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
- Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre educação ambiental?

A contextualização da pesquisa concretizou-se através de uma análise documental na perspectiva de obter informações, publicações e opiniões atuais, verificando informações a partir de material já publicado na literatura, tais como livros, artigos, periódicos e materiais disponibilizados pela internet.

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza de materiais analisados e/ou publicados, a pesquisa documental vai em busca de documentos que possam traduzir informações mais apuradas do caso, tais como cartas, escrituras, ofícios, fotos, filmes entre outros.

Tal instrumento teve a função de subsidiar a pesquisa revelando aspectos mais aprofundados e assumiu diversas formas. Os documentos se mostraram de grande auxílio e trouxeram evidências para a pesquisa. Seu papel fundamental foi o de registrar fatos presentes e passados que contribuiriam na busca de informações.

Gil (2002) afirma que a análise documental possui uma série de vantagens por retratar fonte fidedigna, não ter custo e evitar o contato com os pesquisados, porém vale ressaltar que a subjetividade ou a objetividade nas análises podem não ser totalmente corretas.

Nessa direção, Yin (2010) faz um alerta para julgar a veracidade dos arquivos e procurar informações sobre que condições os documentos foram produzidos e seu grau de precisão.

De outro lado, as entrevistas foram um excelente recurso na função de coleta, assumindo caráter aberto. Constituíram-se numa forte fonte, pois retrataram individualmente o ponto de vista dos envolvidos.

Macedo (2010) afirma que este é um recurso metodológico fundamental por traduzir o real e os significados dos conceitos e, de fato, as entrevistas foram um pertinente

recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para a compreensão da realidade humana, na medida em que tomaram como premissa irremediável que o real é sempre resultado de uma conceituação.

A aplicação das entrevistas foi programada com a equipe gestora, a qual se encarregou de pedir autorização aos pais dos alunos que eram menores de idade na época da pesquisa.

Yin (2010) considera a entrevista uma das fontes mais importantes. Nesse sentido, afirma o autor:

No geral constituem uma fonte essencial de evidência para o estudo de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas. Essas questões devem ser registradas e interpretadas através dos olhos de entrevistadores específicos e respondentes bem-informados (p. 115).

Sendo assim, a condução se deu de forma espontânea para que a professora da disciplina e os alunos pudessem se colocar livremente sobre os questionamentos, podendo responder livremente e colocar suas impressões e interpretações da maneira mais natural possível.

Já a observação participante é uma técnica de coleta de dados que não consiste apenas em ver, ouvir e anotar dados. É, na verdade, uma modalidade especial onde o observador participa ativamente do ambiente, com funções determinadas, assumindo uma abordagem etnográfica.

Estando presente no local da pesquisa, o observador pôde partilhar do dia a dia da escola, tornando assim mais fidedigno, adotando uma participação ativa, de modo a fazer parte do grupo de trabalho, porém mantendo a distância necessária.

Através desse método o investigador teve a oportunidade de formular meu ponto de vista de “dentro” do estudo de caso, em consonância com a linha da inovação pedagógica que prima para que os investigadores impregnem na sua prática profissional o conhecimento necessário à sua transformação.

Foram realizadas anotações no diário de campo das observações realizadas. Vale a pena ressaltar que não se trata apenas de anotações, mas sim de uma convivência onde se procura obter mais informações, é fundamental que haja participação densa, não perdendo seu foco.

Tudo foi devidamente anotado em blocos ou folhas de protocolo, com rigor na veracidade das confirmações posterior da pesquisa escrita. Tudo separado com palavras chaves, citações textuais, além de todos os dados sobre o assunto.

Durante a observação participante a pesquisadora manteve a confiança e a intimidade com os pesquisados, ficando o máximo de tempo no local da pesquisa para poder se impregnar dos costumes, da linguagem e poder atingir a compreensão do caso pesquisado, podendo assim interpretá-lo com rigor.

O espaço escolar sobre o qual levantamos nossa pesquisa era um campo emergente de culturas locais e nele buscamos desenvolver uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso.

Em relação aos estudos de caso, concordamos com Yin (2010) que sugere a elaboração de notas de campos, indicando-as como o elemento mais comum de um banco de dados, assumindo uma extensa diversidade de formas.

Assim, foram realizadas anotações sobre as respostas das entrevistas, das observações e da análise dos documentos pesquisados. Ao final reunimos e as organizamos em um diário de campo.

Sendo a presente pesquisa de natureza qualitativa com estudo de caso, constitui-se óbvio para nós a necessidade de observação participante com notas de campo, optando por transcrevê-las num diário de campo.

Por meio dessa pesquisa observamos as práticas pedagógicas da Escola Municipal Monsenhor Estanislau que utilizava a produção do vídeo nas aulas sobre educação ambiental. A turma em estudo foi o oitavo ano do ensino fundamental, com um grupo de aproximadamente 30 aprendizes.

Macedo (2010) afirma:

Quanto mais o pesquisador estiver familiarizado com a linguagem do meio social investigado, mais apuradas podem ser as interpretações desse meio [...]. Faz necessário frisar, por outro lado, que a linguagem aqui toma o sentido de comunicação em toda a sua amplitude e todo o seu poder constitutivo (p. 94).

A finalidade da investigação foi descrever uma cultura que estava apropriada para participar de um estudo de caso, sobretudo quando a conduta das pessoas era analisada em seu contexto cotidiano. Assim, os dados desta pesquisa foram apanhados por intermédio de distintas fontes, que consistiram em análise documental, entrevista e observação participante.

O apanho de dados foi estruturado no curso da pesquisa e foram instituídas as categorias a serem utilizadas para entender o comportamento das pessoas, uma vez que os dados foram coletados em campo através de um critério tão inclusivo quanto possível.

Diante desse contexto, a coleta de dados aconteceu com anotações das informações coletadas durante as observações e as entrevistas na tentativa de refletir e conhecer a vivência dos sujeitos estudados. Logo após cruzamos os dados do diário de campo com as impressões obtidas por meio da análise documental.

Assim, utilizamos o diário como uma maneira de conhecer as vivências dos sujeitos observados, tendo ele se mostrado como um dispositivo de grande vantagem para acessar os imaginários contidos na investigação, pelo seu caráter particular.

Neste encaminhamento, visando observar como o docente do ensino fundamental trabalha a mediação do processo ensino aprendizagem para educação ambiental a partir da produção do vídeo é que direcionamos a presente pesquisa.

3.1 Revisão bibliográfica

Procuramos argumentos em distintos autores sobre como a produção do vídeo pode contribuir para uma aprendizagem significativa em educação ambiental. Na perspectiva de obter informações, publicações e opiniões atuais, verificamos informações a partir de material já publicado na literatura: tais como livros, artigos, periódicos; e materiais disponibilizados pela internet.

Assim, esse método foi de grande auxílio com as evidências e tiveram papel fundamental, pois registraram fatos presentes e passados que se mostraram de

grande valia para a busca de informações, colocando em evidências fatos que porventura tivessem ficado omissos nas entrevistas.

Para Gil (2002) esta possui uma série de vantagens por retratar fonte fidedigna, não ter custo e evitar o contato com os pesquisados, porém vale ressaltar que a subjetividade ou a objetividade nas análises podem não serem totalmente corretas.

Daí foi importante que a pesquisadora considerasse as mais diversas implicações relativas as referências bibliográficas antes de formular uma conclusão definitiva sobre o julgamento dos arquivos.

3.2 Entrevista

Sendo a pesquisa qualitativa aplicamos entrevistas semiestruturadas com a docente e com os aprendizes da sala campo de pesquisa, com o propósito de identificar que questões ambientais havia em torno do aprendiz, ao mesmo tempo, com o propósito de analisar como o docente normalmente tem utilizado o vídeo em sala de aula, assim como também, visando analisar que concepções estes têm quanto ao trabalho de educação ambiental antes da produção de vídeo. Em períodos semelhantes, realizamos entrevistas também com os aprendizes, a fim de analisar que concepções estes têm sobre a educação ambiental antes de produzirem o vídeo.

É um excelente recurso na função de coleta e pode assumir estruturas abertas, fechadas ou semiabertas, constitui-se numa forte fonte, pois retrata individualmente o ponto de vista de quem a descreve. Segundo Macedo (2010) é um recurso metodológico fundamental por traduzir o real e os significados dos conceitos.

Nesse contexto o autor aduz:

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para a compreensão da realidade humana, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultado de uma conceituação (p.104).

Dessa maneira, a investigadora participou ativamente da pesquisa e, através de conversas informais pode traduzir fatos importantes, até mesmo nas solicitações de informações, na busca por dados precisos a respeito dos recursos que cercam o objeto da pesquisa.

Além disso, as entrevistas foram programadas e coordenadas com o objetivo claro guiado sempre pela problemática a ser investigada. No entanto, não nos prendemos a uma única fonte de informação, por isso, lançamos mão da observação participante com anotações no diário de campo.

Conforme afirma Yin (2010):

No geral as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para o estudo de caso, já que a maioria delas trata questões humanas. Essas questões devem ser registradas e interpretadas através dos olhos de entrevistadores específicos e respondentes bem-informados. Sendo assim, a condução das entrevistas se deu de forma espontânea para que o professor da disciplina e os alunos se colocassem livremente sobre as perguntas. (p. 115)

Importante lembrar que foi necessário conduzir bem todas as perguntas e, principalmente, saber ouvir e armazenar, adotando requisitos de anotações e gravações para posteriormente poder interpretar com profundidade as informações coletadas.

3.3 Observação participante

É uma técnica de coleta de dados onde não consiste apenas em ver e ouvir e anotar dados, mas uma modalidade especial onde o observador participa ativamente do ambiente com funções determinadas, assumindo assim abordagem qualitativa. Estando presente no local da pesquisa o observador pode partilhar do dia a dia da escola tornando assim mais fidedigno, adotando uma participação ativa, de modo a fazer parte do grupo de trabalho, porém mantendo a distância necessária.

Em consonância com o que aduz Fino (2003) e com a linha da inovação pedagógica que aponta para investigação ação, abolindo as diferenças entre investigadores e

investigados, para que possa os investigadores impregnar na sua prática profissional o conhecimento necessário à sua transformação.

Para Macedo (2010), os sujeitos fazem parte do trabalho em comum, embora que possuam tarefas diferentes, sempre na tentativa de compreender a visão de mundo. Vale à pena ressaltar que foi fundamental que houvesse participação densa dos pesquisados, não perdendo seu foco. Tudo foi sendo anotado em folhas de protocolo, até mesmo como rigor para aferir a veracidade das confirmações posteriores da pesquisa escrita.

Na observação participante a pesquisadora manteve um grau de relacionamento com os sujeitos de forma a construir confiança, intimidade, permanecendo o máximo de tempo no local da pesquisa para poder se impregnar dos costumes, da linguagem e poder atingir a compreensão do caso pesquisado, a fim de poder interpretá-lo com rigor, uma vez que é essencial para a formação do Corpus que haja uma perfeita interação entre pesquisador e os pesquisados.

Sendo a pesquisa de natureza qualitativa tomamos como caminho também a observação participante, tendo em vista a análise direta da prática pedagógica com a construção do vídeo nos conteúdos de educação ambiental.

Macedo (2010) descreve que no que se refere aos momentos de participação, para algumas pesquisas podem tornar-se atraente se existir diferentes períodos breves de observação para verificação das mudanças havidas num determinado programa ou seu dinamismo ao longo do tempo.

Nesse encaminhamento, procuramos observar que atitudes os aprendizes apresentavam diante das questões ambientais trabalhadas através da produção do vídeo nas aulas sobre educação ambiental. Assim como, verificávamos a maneira como estes se comportavam durante a produção do vídeo e que curiosidades eram estimuladas enquanto realizavam a produção do vídeo.

Realizamos essas observações na Escola Municipal Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho, localizada no centro da cidade e sendo a única a ofertar Ensino Fundamental Anos Finais. Durante as aulas de ciências naturais, no 8º ano era trabalhado a produção do vídeo e foi possível perceber que nesses momentos ocorriam as principais parcerias para o desenvolvimento dos conteúdos sobre educação ambiental.

3.4 Tratamento dos dados

Para Yin (2010) “qualquer análise do conteúdo, passa pela análise da mensagem e está constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível” (p. 134).

Assim, entende-se que a análise e interpretação dos “dados” acontecem durante e após a coleta. E este é um movimento incessante do início até o final da pesquisa. É preciso realizar leituras exploratórias, analíticas e interpretativas dos documentos e da bibliografia disponível.

Algumas etapas são sugeridas por Macedo (2010) que ensina:

Inicialmente no sentido da tomada de consciência de quando se deve parar a coleta e iniciar a análise a este momento denominam-se “Saturação”, ou seja, a partir do momento que a densidade dos dados corresponde as respostas dos objetivos e da problemática. Inicia-se então a pré-análise, após a transcrição e a documentação dos instrumentos coletados, devendo-se realizar uma leitura minuciosa, permitindo assim que questões sejam bem focadas, lembrando sempre de não se afastar do norte da pesquisa. Posteriormente, vem a triangulação dispositiva que auxilia o pesquisador através das diferentes abordagens e fontes, dando valor e consistência as conclusões da pesquisa. Por fim, vem o momento em que o pesquisador irá fazer a comparação e o cruzamento dos dados, além de confrontá-los para chegar a uma interpretação mais minuciosa (p. 141).

Com o objetivo de impregnar e dar sentido aos dados realizamos a releitura atenta para garantir a integralidade e confirmar as categorias eleitas, também denominadas de noções subsunçoras ou categorias de análise, tais categorias serão elencadas a partir da confrontação dos dados e da análise dos instrumentos.

Segundo Macedo (2010) a análise de conteúdo é um recurso metodológico interpretacionista, ou seja, o pesquisador é parte fundamental no processo, pois parte dele a interpretação do “corpus” dos dados coletados.

A análise interpretativa deste estudo sempre esteve voltada para alguns fatores como o respaldo ao referencial teórico, os resultados alcançados a partir das respostas

obtidas nas entrevistas e dos dados anotados no diário de campo. Por fim, a interpretação conclusiva que formou o “corpus” da pesquisa, que nada mais é do que o campo onde deverá fixar sua atenção.

Vale ressaltar que a pesquisadora lidou com as ideias contemporâneas, portanto o texto produzido teve reflexo nas crenças e nos valores construídos pela sociedade estudada.

Constatamos ao final da pesquisa que a utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental, no contexto da inovação pedagógica, contribui para a melhoria da aprendizagem dos alunos, pois estes demonstraram atitudes coerentes com os conteúdos da referida disciplina.

3.5 Triangulação dos dados

Sabe-se que a triangulação é um procedimento que envolve diversos modos de coleta de dados. Ela se baseia em distintas teorias e em momentos diferentes da coleta de dados, pois para poder consolidar as respostas às questões da investigação é necessário comparar as respostas alcançadas.

Piletti (2010) afirma:

A triangulação de dados consiste em usar diferentes fontes de dados, sem usar métodos distintos. Neste caso, os dados são coletados em momentos, locais ou com pessoas diferentes. Já a triangulação de investigadores refere-se ao uso de diferentes observadores ou entrevistadores para detectar e minimizar eventuais vieses ou tendências do pesquisador. Pessoas diferentes examinam a mesma situação e são feitas comparações de dados. Tais comparações devem ser sistemáticas e devem dar conta da influência do pesquisador sobre o tema e os resultados da pesquisa. No caso da triangulação da teoria os dados são abordados usando-se perspectivas teóricas e hipóteses múltiplas, frequentemente tomando-se emprestados modelos teóricos de outras disciplinas para explicar a realidade (p. 69).

Essas respostas são encontradas através da coleta de dados por meio de diferentes instrumentos e pode viabilizar a interpretação dos dados para que seja possível alcançar o resultado almejado.

De acordo com Macedo (2010):

A triangulação metodológica tinha sido proposta inicialmente por Todd, em 1979, e consistia na combinação de métodos qualitativos e quantitativos de coleta, como a entrevista e o questionário. Neste último tipo de triangulação o uso de vários métodos exige que estes sejam congruentes com as perguntas de pesquisa (p. 98).

Nesse estudo realizamos a triangulação dos dados obtidos com o intuito de confrontá-los e constatar se de fato ocorre inovação pedagógica através da produção de vídeo nas aulas de educação ambiental.

O uso da técnica triangulação visa valorar as conclusões da pesquisa de forma consistente utilizando a multiplicidade de referências e probabilidades de uma realidade, oferecendo subsídios ao investigador de utilizar recursos metodológicos na pesquisa.

Enfatizando ainda, o pesquisador a partir deste momento deverá fazer comparação, encontro e confronto entre os dados para chegar a uma determinada interpretação. Com o objetivo de produzir significado aos dados, a releitura é fundamental para agregar e confirmar a categoria de análise a partir da comparação dos dados e das análises dos instrumentos, de modo que serão catalogadas através dos confrontos entre dos dados e análises dos instrumentos.

Macedo (2010) sugere que a triangulação é um recurso metodológico interpretacionista que visa descobrir o sentido das mensagens de uma dada situação comunicativa em que o pesquisador é o componente essencial em todo o procedimento, pois é dele que parte a interpretação do “corpus” dos dados.

A pesquisa serviu como apoio ao referencial teórico e aos resultados obtidos, a partir das respostas obtidas nas observações e nas entrevistas, dessa forma constituindo “corpus” da pesquisa. Vale destacar que as ideias contemporâneas marcam presença na composição do documento com o intuito de reflexo dos valores construídos da sociedade vigorante.

A análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo ocorreram durante a pesquisa de forma sistemática e ao término da coleta dos dados. Na sequência buscamos apontar as prováveis explicações e interpretações dos dados

que foram pesquisados com comparação das ligações entre o referencial teórico, dos dados levantados e com o levantamento das convergências e divergências.

Foi fundamental levar em consideração a cultura da qual os alunos fazem parte, esta cultura é de uma relevância enorme na interpretação dos dados. Essa etapa aconteceu durante e após a coleta e foi um movimento incessante do início ao final.

Realizamos leituras, exploratórias, analíticas e interpretativas dos documentos e da pesquisa bibliográfica. Inicialmente no sentido da tomada de consciência de quando se deve parar a coleta e iniciar a análise. Depois demos início a pré-análise, após a transcrição e a documentação dos instrumentos coletados, realizando uma leitura minuciosa, permitindo assim que as questões fossem mantidas bem focadas e lembrando sempre de não se afastar do norte da pesquisa.

Houve o cruzamento dos dados entre as respostas das entrevistas e os dados coletados por meio da observação participante. Constatamos ao final da pesquisa que apesar da utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos esse trabalho necessita de continuidade para que se verifique inovação pedagógica no contexto estudado.

Assim, no momento da triangulação pudemos fazer a comparação e o cruzamento dos dados, além de confrontá-los para chegar a uma interpretação mais minuciosa, com o objetivo de impregnar e dar sentido aos dados e a executar uma releitura atenta e de fundamental importância para garantir a integralidade e confirmar as categorias eleitas, também denominadas de noções subsunçoras ou categorias de análise, tais categorias serão elencadas a partir da confrontação dos dados e das análises dos instrumentos no próximo capítulo. A triangulação foi um recurso metodológico interpretacionista onde a pesquisadora foi parte fundamental no processo, pois partiu dele a interpretação dos dados coletados.

Dessa forma, a análise interpretativa deste estudo voltou-se para alguns fatores como, o respaldo do referencial teórico, os resultados alcançados através da interpretação conclusiva, que nada mais é do que o campo onde fixamos nossa atenção. Vale ressaltar que a pesquisadora lidou com as ideias contemporâneas, portanto, o texto teve reflexo das crenças e valores construídos da sociedade estudada.

CAPÍTULO IV – RESPOSTA ÀS QUESTÕES DA PESQUISA

Minayo (1996) assevera que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela se preocupa com um nível da realidade que não pode ser quantificada e responde a questões muito particulares” (p. 10).

Para a observação dos saberes e fazeres dos sujeitos da pesquisa pautamos- nos na observação participante que é uma técnica fundamental da investigação. Trata-se de uma pesquisa que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre pesquisador e os sujeitos pesquisados.

No decurso desse período dados foram sistematicamente coletados, momento em que a observadora mergulhou pessoalmente na vida das pessoas envolvidas na pesquisa e compartilhou experiências com elas.

Os dados coletados, ao longo da permanência da pesquisadora em campo, provêm de muitas fontes e principalmente da observação participante que se traduz naquilo que a observadora nota e anota sobre o tecido social e cultural da escola, observa ao vivo com as pessoas compartilhando de suas atividades, o que é confirmado pelos trechos das primeiras observações transcritos abaixo:

Tabela 01 – Diário de Campo

Diário de campo 15 de março 2016, primeiro contato:
Fazendo uma analogia sobre experiência da tecnologia de produção de vídeo pelos alunos, acredito que o vídeo em na sala de aula como “ideias da área de comunicação” em forma de narrativas digitais, foi uma ideia ótima, que poderá ser comunicada e os outros colegas poderão falar sobre isso. Os alunos ficaram muito mais interessados sobre o assunto, mais animados, não paravam de ter novas ideias.
Diário de campo 17 de março de 2016, observação nº 1:

Fiz uma explicação para sensibilizar os alunos sobre o assunto “Lixo”, convidar os alunos para duas atividades de observação do pátio, fazer uma visita antes do recreio e outra logo depois desse período, antes do momento da limpeza, começaremos com uma roda de conversa sobre as atitudes dos alunos. Por que devemos colocar os papéis, os sacos e os restos de comida no cesto do lixo? · O que acontece se todo mundo jogar o lixo na rua, na escola ou na sala? · Podemos aproveitar o lixo? · Para onde vão os restos de comida e os papéis que jogamos fora? E cada sua deu a sua opinião.

Diário de campo 22 de março de 2016, observação nº 2:

Apresentei a eles um filme sobre reciclagem. Após a exibição do filme pedi para falar sobre as cores utilizadas na coleta seletiva e que as 4 principais cores usadas são: amarelo, azul, vermelho e verde. Fui providenciar junto a equipe gestora da escola os lixos para coleta seletiva para serem colocados no pátio da escola. Para eles colocarem em prática tudo que aprenderam.

Diário de campo 24 de março de 2016, observação nº 3:

Através da ferramenta de vídeo mostrei a eles através de imagens o quanto é importante se preocupar e cuidar do meio ambiente. Formei grupos com 5 alunos, cada grupo foi em uma sala de aula ensinar aos outros alunos sobre a importância do meio ambiente. Os alunos ficarão no intervalo das aulas, corrigindo e orientando os alunos a depositarem seu lixo no local correto, a cuidar das plantas da escola, os lixos de coleta seletiva e as plantas nos pneus permanecerão no pátio para serem criados o hábito em toda a comunidade escolar, alunos, professores e funcionários.

A partir das observações acima transcritas notamos que o pesquisador se torna notadamente um nativo, porém com a capacidade de distanciar-se do objeto para ler criticamente os textos do terreno investigado.

Além da observação, as informações se originaram das conversas, das entrevistas, dos documentos oficiais e pessoais e daquilo que não estava dito, mas que podia ser captado nas entrelinhas dos textos.

Segundo Macedo (2010) “uma das bases metodológicas da pesquisa é a observação participante que termina por assumir sentido de pesquisa participante, a tal grau de autonomia e importância que assume em relação aos recursos de inspiração qualitativa” (p. 105).

Para realizar a observação participante relacionamos as visitas ao objeto de pesquisa, seguindo diversos momentos para analisar a prática pedagógica por inteiro e perceber qual atitude os educandos prestariam diante dos problemas em contexto tecnológico colocados por eles. Tendo visão de conjunto entre elementos como alvo de pesquisa, coletamos dados que abaixo transcrevemos, vejamos:

Tabela 02 – Diário de Campo

Diário de campo 29 de março de 2016, observação nº 4:
<p>Observei, que através da interpretação oral, se compreenderam o assunto sobre meio ambiente. Observei se, a partir do vídeo apresentado, se foram capazes de listar alguns objetos e materiais que podem ser reciclados. Analisar se conseguiram fazer relação entre os símbolos da reciclagem com seus respectivos materiais. Observei a participação e envolvimento dos alunos durante as visitas nas salas de aula.</p>
Diário de campo 31 de março de 2016, observação nº 5:
<p>Reuni a turma em círculo na sala, perguntei a eles se estavam gostando da nova forma de passar informações para eles, através da aula de vídeo, percebi que ficaram eufóricos, disseram que ficaram com bem mais interesse, com facilidade de criar ideias e de colocar em prática, falaram que estão bem satisfeitos agora, que podem aprender bastantes conteúdo em um tempo bem menor.</p>
Diário de campo 05 de abril de 2016, observação nº 6:
<p>Pedi para fazerem um trabalho com o seguinte tema: SISTEMA DE ÁGUA ESGOTO, DOENÇAS GERADAS PELA FALTA DE PREVENÇÃO, POLUIÇÃO DO SOLO. Fiquei muito surpresa com as respostas, pois eu vi o quanto foram sensíveis,</p>

o quanto estavam preocupados como: se não jogar lixo no local correto pode entupir alguma saída de água e ocorrer de inundadas as vias, ou até casas, por que a água não terá para onde ir, a não ser acumular daquele local, e foi ai que vi o quanto são atenciosos.

Diário de campo 07 de abril de 2016, observação nº 7:

Comecei a aula perguntando se em casa seus pais adotavam maneira de prevenções contra o meio ambiente? Como economia de água, lixo.....Falei da importância sobre esses cuidados, que não afeta simplesmente ao meio ambiente, nos afeta também por esta vivendo nele, a maioria falou que SIM, que adotaram todos esses cuidados em casa, a minoria falou que NÃO, e expliquei a esses que não podemos levar na brincadeira e que isso era coisa séria.

Sousa (2000) orienta:

Em meu entender, a auscultação dos diversos mundos culturais só pode ser feita através da chamada “observação participante”, no pátio do recreio, nos intervalos, nos “feriados”, nos jogos de bola, no café, fazendo uso de uma imensidão de técnicas bem ao alcance de cada um, se estiver, acima de tudo, etnograficamente implicado. São as entrevistas, os inquéritos, a recolha de desenhos, composições e poemas, a ida aos bairros, o contacto como os familiares, as festas na Escola, as competições desportivas, o registro em jornais de bordo, as histórias de vida, os estudos de caso etc. (p. 04).

Todas as particularidades que envolvem a observação participante tiveram fundamental importância no sentido de uma verificação mais apurada, uma vez que o objeto de pesquisa nos mostrou evidências do grau de envolvimento necessário para que a produção de vídeo nas aulas de educação ambiental possibilitasse a ocorrência de inovação pedagógica, o que é evidenciado nas observações abaixo transcritas.

Nos períodos de participação, foi interessante haver diversos períodos curtos de observação para podermos verificar as mudanças havidas num determinado programa ou em seu dinamismo ao longo do tempo. Assim, a pesquisadora, entre as conversas, ganhou conhecimento diante das informações por meio das mais diversas modalidades, conforme notamos nas transcrições abaixo.

Tabela 03 – Diário de Campo

Diário de campo 12 de abril de 2016, observação nº 8:
Fizemos alguns projetos específicos na escola, juntamente com ajuda de outros alunos e professores. Foi feito (horta comunitária, reciclagem de lixo, plantio de árvores), depois fizemos cartazes com fotos desse evento, apresentamos para a escola toda, como uma forma de conscientização e todos gostaram.
Diário de campo 14 de abril de 2016, observação nº 9:
Expliquei a eles que no mês de junho é quando ocorre a Semana do Meio ambiente, que os eles (os alunos) iriam fazer uma Mobilização de toda a comunidade escolar para o desenvolvimento de atividades durante esse evento, com finalidade de conscientizar a população sobre as questões ambientais; e também de poder levar essa informação de forma mais ampla possível.
Diário de campo 19 de abril de 2016, observação nº 10:
Apresentei em forma de vídeo o tempo de composição de alguns materiais como jornal, plásticos, tampas de garrafa e alumínio. Um deles não acreditou sobre o tempo de decomposição do plástico por exemplo: que é 450 anos, não sabia que uma coisa tão simples demorasse tanto tempo para evaporar. Então expliquei o porquê da importância de jogar esse lixo de forma correta.
Diário de campo 26 de abril de 2016, observação nº 11:
Comecei o dia falando sobre prevenção. Falei que devemos ter cuidado em algumas coisas, como fogo. Ex: a fumaça é um perigo para o meio ambiente e para a saúde também, perguntei se alguém queria fazer um comentário ou tirar uma dúvida, um falou que quando os pais deles jogavam lixos, madeiras, coisas sem muita utilidade ele fazia isso, colocava fogo, mas o mesmo disse que não sabia que era prejudicial, eu falei, mas agora você já pode evitar de seu papai fazer isso de novo.

A entrevista é abertura para captar as definições construídas de acordo com a coleta de dados, realizadas pelos atores da pesquisa e o espaço no seu contexto, abordando de forma verbal dependente a problemas e viés, ir além dos parâmetros de uma conversa simples, corriqueira, recuperando informações e de articulação duvidosa.

Para Macedo (2010) “a entrevista é um recurso metodológico que de fato é rico e pertinente para a apreensão de sentidos e significados e para a compreensão das realidades humanas” (p. 100).

Na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação do mundo. É aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome e as coisas existem mediante as denominações que lhes são emprestadas.

Por se tratar de um estudo de caso realizamos a entrevista aberta por fluir interação nos fatos, percepções, opiniões gerando espaços para novas investigações, o que corroborou com a investigação e fez a investigadora refletir sobre esse caso determinado.

Para Toffler (2007) “os pesquisadores qualitativos muitas vezes reservam parte de sua investigação para a entrevista e para os dados agregados. A vantagem é que por meio dela pode ser obtido de uma grande quantidade de entrevistados” (p. 112).

É uma técnica de custo razoável e atende as finalidades específicas da pesquisa, pois garante o anonimato. Se aplicada criteriosamente pode elevar a confiabilidade da pesquisa, sendo utilizada com intuito de aferir opiniões dos participantes.

No que diz respeito aos critérios para análise e interpretação dos dados, a interpretação seguiu em todo o decorrer da pesquisa, movimento incessante do início ao fim, estabelecendo ordenadamente os dados que permitam o prover das respostas em relação ao problema da investigação.

Conforme Macedo (2010) “a prática numa pesquisa crítica nos mostra que, na realidade, a interpretação se dá em todo processo de pesquisa” (p. 85). Seguindo esta trajetória apontamos os esclarecimentos mediante interpretações a partir do estudo

em foco, fazendo comparação, interpretando os dados levantados a respeito da investigação e visando aprofundar conhecimentos e ações vividas pelos aprendizes.

Tendo em mente que é necessário levar em considerações a cultura em que o aprendiz faz parte, é indispensável que sejam atendidos como relevantes.

a) as pessoas intervenientes e respectivos papéis sociais; b) a organização e rotinas de funcionamento; c) tipo de tarefas desempenhadas (pelos alunos e professores), as aprendizagens propostas e os seus pressupostos curriculares; d) os tipos de interação aceites ou estimulados entre os membros da turma (alunos e professores); e) as crenças e as convicções que se partilham (incluindo o que os professores pensam sobre educação) e o modo como o conhecimento é negociado e partilhado; f) os artefatos que se produzem e os utensílios (incluindo a linguagem) da cultura local à cultura circundante (p. 08).

Considera o autor que algumas etapas são essenciais no sentido da tomada de consciência de quando se deve cessar a coleta e principiar a análise, ou seja, a “saturação”, a partir do momento que os dados satisfazem as propostas dos objetivos e a questão problema.

Vejamos os dados obtidos nas últimas observações:

Tabela 04 – Diário de Campo

Diário de campo 28 de abril de 2016, observação nº 12:
Levei meus alunos em visita ao cruzeiro da cidade, dividi eles em grupos de 3 e pedi para que fossem em buscar de 5 tipos de plantas visto na aula de vídeo, pedi também para colarem um pedaço das folhas no caderno e descrever o modelo de cada uma, de acordo com o que se recorda e aprendeu.
Diário de campo 03 de maio de 2015, observação nº 13:
Coloquei um documentário sobre Aléssio & Ribeiro (2003) apresentam uma série de impactos que as tintas podem causar aos ambientes naturais. Como exemplos, eles citam o risco que a presença de metais pesados como cromo, chumbo e cádmio contido nas tintas pode causar à saúde humana. Esses autores também trazem a

utilização de solventes para a limpeza das tintas como outro risco à natureza e à saúde humana uma vez que eles contêm materiais derivados do petróleo como tolueno, xileno, nafta. Os alunos concluíram que as tintas quando dispostas de forma indiscriminada podem trazer riscos à saúde humana e à natureza.

Diário de campo 05 de maio de 2016, observação nº 14:

Em comemoração ao mês da família a escola promoveu um evento com o objetivo de trazer a família à escola. Dentre diversas atividades ocorreu uma palestra direcionada aos pais sobre a importância da família e sobre como a presença da família na escola ajuda o aluno a entender a escola como um espaço dele. A palestra falou da importância do dizer não e do valor da família em suas várias conformações. Apresentou-se conceitos de cidadania e explicou-se como o espaço escolar era o espaço de desenvolvimento de cidadania.

Diário de campo 10 de maio de 2016, observação nº 15:

Fiz um trabalho com eles de que muito útil aos professores, uma vez que muitas deles também cuidarem do lar. Com o tema de economia de energia no lar, os alunos apontaram como ações simples podem favorecer a economia de energia. Durante o projeto, através de dados estatísticos, os professores ficaram assustados e foram convencidos sobre coisas pequenas, como desligar aparelhos eletrônicos da tomada podem causar grandes mudanças no consumo de energia doméstica.

Diário de campo 12 de maio de 2016, observação nº 16:

Esse dia foi tirado não só para confecção com brinquedos com matérias recicláveis, mas para brincar com os alunos e, através da brincadeira, levar a incutir ideias de consumo sustentável e de reuso. Das atividades desenvolvidas nas salas foi possível notar a carência que alguns alunos tinham. Uma vez que dá àqueles alunos a sensação de quem tem mais alguém que se importa com eles. Nota-se que atividades simples trazem a esses alunos uma satisfação muito grande. Essa satisfação aumenta quando eles têm a oportunidade de criar algo por eles mesmos.

Já faz tempo que a inovação é percebida como uma das poucas, se não a única, que pode contribuir para a sustentabilidade da educação contemporânea. A percepção e o consenso da importância da inovação, pouco se entende do que ela trata e o que abrange. Ainda hoje, considera-se que a inovação se faz de grandes descobertas e de ideias genuínas concebidas por cientistas e tecnólogos, resultando em algo necessariamente revolucionário e de alta tecnologia.

Porém, ao contrário do que os leigos pensam, a inovação acontece muito mais como fruto de melhorias incrementais. No entanto, a prática pedagógica no decorrer das décadas tem oferecido mudanças pouco significativas no contexto educacional, pois a maioria das instituições de ensino continua enraizada no modelo da escola fabril, mecanicista, fragmentada em partes, através das diferentes disciplinas.

O aluno educado deste modo torna-se um ser passivo, condicionado a receber informações como verdades absolutas sem questionar os conteúdos abordados. Os educadores Steiner, Montessori, Dewey, Kilpatrick, Freire, Freinet, Papert, Sacristan, Toffler ressaltam a necessidade de uma mudança na prática da docência.

Vemos então que a educação necessita estar focada no aluno, visto que ele faz parte do processo permanente de construção, desconstrução e transformação. É um processo contínuo e, no contexto dos artefatos culturais dessa visão sistemática, o aluno precisa estar dotado e situado em busca dos projetos que produzam conhecimento.

Nessa perspectiva de avanço, faz-se necessário que o educador busque novos espaços de compartilhamento e interação para aprender de modo a facilitar o processo ensinoaprendizagem, sempre estimulando a troca de opiniões e a autonomia.

Sendo assim, focamos essa pesquisa nas quatro questões abaixo elencadas e neste capítulo trazemos as repostas obtidas para cada questão levantada, vejamos.

4.1 Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

No decorrer das observações notamos que a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem sim para a aquisição de saberes autônomos e não cabe mais o ensino ultrapassado e centradas no educador, permitindo que a inovação pedagógica transponha essa barreira, transformando ideias e realizando ruptura de protótipos.

O tripé que ampara a educação, qual seja, educando-saber-educador deve ser uma relação pedagógica que traga estratégias de aprendizagem em que o professor é o mediador do processo de ensinoaprendizagem.

Na escola pesquisada encontramos os meios formais de aprendizagem e a maioria dos professores já romperam com as práticas centradas no tradicionalismo. Como consequência a escola analisada pode constituir-se num campo para a inovação, uma vez que em seu interior ocorrem movimentos tendentes a substituírem as velhas práticas pedagógicas.

Percebemos que os alunos adquirem os saberes por meio das “janelas de aprendizagem e eles mesmos constroem seu aprendizado, obtendo o controle metacognitivo e sendo cada vez mais encorajados a buscar, construir, descobrir e interagir com outros.

No contexto estudado a atuação do professor é a de tutor e isso fica claro nas respostas da professora entrevistada.

Tabela 05 – Entrevista com a docente

Investigadora: Qual é a importância de se trabalhar com a produção do vídeo na educação ambiental?
É uma alternativa para substituir e complementar os materiais didáticos existentes, que, principalmente em escolas públicas, geralmente são escassos e muitas vezes

<p>defasados. Entre as mídias disponíveis, vale ressaltar a importância do vídeo como ferramenta didática. Ferramenta esta que pode contribuir para o trabalho do docente de diversas formas, gerando aulas mais atrativas, favorecendo a construção do conhecimento.</p>
<p>Investigadora: Você sentia falta desse tipo de prática na escola?</p>
<p>Sim, porque esse meio, possui uma grande capacidade de atrair e manter concentrado os alunos, além de ser capaz de passar uma grande quantidade de informações. Possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados.</p>
<p>Investigadora: O que lhe motivou a inserir uma atividade como a produção de vídeo nas suas aulas?</p>
<p>A possibilidade de o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados. O ensino fundamenta-se na estimulação que é fornecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem. Esses meios despertam o interesse e provoca a discussão e debates, desencadeando perguntas e gerando ideias.</p>
<p>Investigadora: O que você percebe que mudou após a inserção da produção do vídeo nas aulas?</p>
<p>Que as informações podem chegar aos alunos de forma mais rápida. O trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todo esse recurso para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo que vive. Para nós, professores, um filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de problemas ambientais.</p>

Sabemos que inovação pedagógica é uma ação crítico humanizadora, cabendo a cada educador construir essa inovação, interiorizando esses novos conceitos, na edificação de posicionamentos próprios. Por isso notamos que a professora da turma em estudo conduz o aprendizado de modo que as respostas das crianças forneçam dados significativos para o desenvolvimento adicional da teoria da aprendizagem.

A docente assumiu diante dos aprendizes a postura de mediadora, ou seja, aquela que aponta direcionamentos com o objetivo de contribuir para a construção da autoaprendizagem dos educandos.

4.2 É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Kuhn (2000) afirma:

A inovação pedagógica consiste em “exorcizar o invariante cultural” procurando esvaziar-se do conhecimento teórico-acadêmico superando o tradicional, redefinindo o ensino de maneira a levar ao aprendiz uma aprendizagem significativa, de modo que ele construa sua aprendizagem, participando ativamente deste processo com prazer tendo motivação própria. Para que ocorra inovação pedagógica se faz necessário mais que uma ruptura paradigmática, pois a inovação pedagógica pressupõe um o, salto, uma descontinuidade (p. 10).

Notamos que na escola estudada é possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental, pois os professores e aprendizes são agentes de mudança, de modo que em espaço físico e virtual se movem, criando contextos de aprendizagens incomuns aos já existentes.

Para Kenski (2008):

A função da pedagogia dos conteúdos é dar um passo à frente e transformador da escola, mas a partir de condições existentes, condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir uma boa aprendizagem, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares para ressonância na vida dos alunos (p.67).

As aulas possuem de fato mudanças significativas no contexto educacional., pois a maior parte da instituição não está mais enraizada no modelo da escola fabril, mecanicista e fragmentada em partes, uma vez que não prioriza mais a memorização e a compreensão de teorias.

O aluno educado naquele ambiente não é passivo, nem está condicionado a receber informações como verdades absolutas, ao contrário ele participa e questiona os

conteúdos abordados, o que é corroborado pela entrevista com a coordenadora pedagógica.

Tabela 06 – Entrevista com a coordenadora

Investigadora: Faz tempo que a escola vem inserindo a produção de vídeo nas aulas?
Sim, a escola está cada vez mais evoluindo, buscando inovações, para melhoria do aprendizado de seus alunos e professores.
Investigadora: É ofertado preparo ou formação tecnológica para que os professores e alunos consigam trabalhar com a produção de vídeo nas aulas?
Sim, possibilitamos aos alunos acesso aos recursos tecnológicos, acompanhando-os, monitorando e viabilizando a discussão, a troca de ideias e experiências para aquisição do conhecimento. Além disso, é necessário que o professor esteja preparado para lidar com os conflitos emocionais e éticos, uma vez que a dinâmica da sala de aula deixa de ser individualista e passa a ser um espaço de interação e colaboração, construindo vínculos entre os atores envolvidos.
Investigadora: Você percebe evolução em relação a aprendizagem dos alunos que se envolvem nas atividades com a produção de vídeo?
Sim, estão bem mais dinâmicos, com grandes ideias e projetos, melhoria na interação deles, bem mais atenciosos, super mais interessados na matéria.
Investigadora: Você considera a produção de vídeo uma atividade exitosa capaz de se considerada uma prática pedagógica inovadora?
Sim, os trabalhos expressam, sem dúvida, a superação cotidiana do ensinar e do aprender. Fortalecem a vivência de Experiências diferentes e desafiadoras para todos, preparando-os para a vida fora do contexto escolar.

Lá a inovação dá abertura para emergência de novas culturas, buscando caminhos em direção ao inesperado não as reformas ou alterações curriculares ou programáticas, dizendo respeito às mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas.

Conclui-se dessa maneira que apesar da utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos esse trabalho necessita de continuidade para que se verifique inovação pedagógica no contexto estudado.

As respostas dos alunos fornecem dados significativos para o desenvolvimento adicional da teoria da aprendizagem e por meio da inovação pedagógica propõe-se uma relação horizontal, de modo que docentes e discentes se veem como iguais no compartilhamento de saberes e na troca recíproca de informações. Os assuntos colocados em pauta para a discussão possuem significado para quem se encontra presente.

4.3 A produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Nessa perspectiva, de avanço, a escola permite a interação do discente na aprendizagem, além de facilitar o processo ensinoaprendizagem pois sempre estimula a troca de opiniões e a autonomia dos aprendizes.

Nesse sentido, vemos que a escola campo de pesquisa se pauta nos anseios construcionistas e atua sob o pressuposto de que o aluno aprende descobrindo por si mesmo o conhecimento. Lá as crianças desenvolvem atividades ricas, uma vez que de posse do “conjunto de peças para construção”, o aprendiz reformula, constrói e reconstrói sua aprendizagem.

Essas impressões são validades pelas entrevistas realizadas com os alunos da turma pesquisada.

Tabela 07 – Entrevista com os discentes (A1, A3, A5, A7 e A9)

ENTREVISTA COM A1

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?
Sim, contribuiu para que preveníssemos a deterioração ambiental, ajudar o meio ambiente.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, buscamos novos materiais, colocamos em pratica as ideias adquiridas com maior engajamento.
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, podemos expor nossas ideias de forma como bem entendemos, aumenta desenvolvimento de se expressar, seja em gestos, no falar.
Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?
Com certeza, é uma outra visão, outra forma de aprender, de absorver diversas informações de forma rápida e criativa.
ENTREVISTA COM A3
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?
Sim, nos conscientizamos sobre a melhoria, e sempre em busca da preservação ambiental.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, consideramos que uma das formas que permitem a construção desses processos, através dessa prática é a construção dos saberes, no caso, ambientais.
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, podemos reunir grupos com novas atitudes, ressaltando a prática específica como a produção de vídeo.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?
Sim, aprendemos desenvolvimento de capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas ambientais, mobilizar-se e comprometer-se.
ENTREVISTA COM A5
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?
Não só contribui como também ajuda muito na aprendizagem, temos noções de poder e querer ajudar, e de nós próprio se conscientizar.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, como por exemplo a reciclagem, é uma prática mais simples e muito eficaz, evitando assim entupimentos de bueiros etc.
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, podemos cada vez mais inovar, seja utilizando pneus, garrafas pets, tintas para decoração entre outras coisas.
Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?
Com certeza, vivemos em mundo que depende muito do ser humano, e cada informação passada de maneira rápida e eficaz, é um adianto enorme, pois conseguimos fazer com que os projetos sejam feitos e exibidos de maneira correta.
ENTREVISTA COM A7
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Devemos entender que se nós não mudarmos, o meio ambiente, vai se acabando, vai se poluindo, como exemplo as pessoas que deixam lixos sobre as calçadas das ruas.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, por exemplo o meio da reciclagem não é só feito com aqueles recipientes prontos, cada um pode fazer o seu da sua maneira, seja em casa ou na escola.
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, podemos construir projetos em busca de conscientização, em busca de diminuir o impacto ambiental.
Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?
Sim, pois esses recursos buscam encontrar novas alternativas, para controlar processos de consumo, para que tragam menos impacto ao meio ambiente.
ENTREVISTA COM A9
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?
Sim, com esse investimento não ficamos presos só a leitura ou livros. Temos um entendimento muito mais amplo.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, com um grupo de alunos com objetivos e ideias diferentes, podemos trazer novos modelos de produção
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, a preocupação com o meio ambiente não é algo recente, e nem fácil de levar isso as pessoas, então buscamos projetos que proporcione uma melhor reflexão no pensamento das pessoas.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Ajuda, pois esses recursos proporcionam uma interação, e conseguimos um entendimento de que preservar o meio ambiente não é um luxo e sim uma necessidade.

A comunidade escolar compreende que a educação deve romper com as práticas ultrapassadas e centradas no educador, visando transpor a barreira do tradicional e transformar ideias para permitir a ruptura de protótipos. Lá existe de fato a relação pedagógica da didática através de estratégias de aprendizagem, na qual o professor é o mediador, coordenador e orientador desse processo.

Nessa escola encontramos os meios formais de aprendizagem e vemos que eles não se fundamentam no tradicionalismo, conseqüentemente a escola construiu um campo para a inovação.

A ênfase foi colocada na construção de algo que possa ser compartilhado e que possibilite a construção da aprendizagem dos alunos de maneira autônoma. A escola valoriza todos os ambientes de aprendizagem, sejam formais ou informais, por meio de projetos ambiciosos cuja fruição começam na sala, mas perpassam todos os ambientes escolares. Os alunos se entregam aos seus trabalhos com motivação intrínseca elevada e isso propicia um ambiente em que aprender é um acontecimento prazeroso.

4.4 Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre educação ambiental?

Notamos que o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre educação ambiental. Essa

ferramenta requer uma reconstrução pessoal, um repensar do fazer pedagógico na intenção de contribuir para uma aprendizagem significativa, oferecendo as coordenadas e viabilizando ao educando descobrir livremente, oferecendo-lhes meios para descoberta de conceitos favoráveis a educação numa perspectiva atual e futurista.

Tabela 08 – Entrevista com os discentes (A2, A4, A6, A8 e A10)

ENTREVISTA COM A2	
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?	
Sim, as aulas se tornam mais dinâmicas, mais interessantes, podemos ir em busca de mudar a formas das pessoas agirem, para melhoria do meio ambiente.	
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?	
Sim, podemos criar projetos voltados ao meio ambiental, como uma forma de conscientizar as pessoas para o mundo melhor.	
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?	
Sim, a disposição para criar pensamentos sócio ambiental aumentam, conseguimos resultados rápidos e precisos para futuros projetos.	
Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?	
Sim, é um interesse diferente, é um engajamento melhor, conseguimos entender o que os nossos colegas têm de ideias diferentes para oferecer.	
ENTREVISTA COM A4	
Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?	

<p>Sim, conseguimos aprender muito conteúdo em muito pouco tempo, conseguimos traçar metas, alcançar objetivos para meio ambiente, como amenizar os lixos nas ruas.</p>
<p>É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?</p>
<p>Sim, dá para fazer muita coisa, usar as plantas de diversas forma, como a plantação vertical.</p>
<p>Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?</p>
<p>Sim, a capacidade de absorver os conhecimentos é grande, conseguimos inovar a cada dados adquiridos, conseguimos levar as pessoas informações de maneira dinâmica sobre o meio ambiente.</p>
<p>Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?</p>
<p>Sim, todo mundo tem uma visão boa sobre esses recursos, e que se for para a melhoria, para agilidade, não tem coisa melhor.</p>
<p>ENTREVISTA COM A6</p>
<p>Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?</p>
<p>Sim, muitas vezes não conseguimos mudar o jeito do agir ou pensar, mais com dicas, com apresentações seja, com a produção de vídeo, muda a visão de muitas pessoas.</p>
<p>É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?</p>
<p>Sim, como por exemplo a compostagem é o mais comum e prático de se fazer, sem contar que é muito bom para reduzir o aquecimento global.</p>
<p>Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?</p>

<p>Sim, sempre que alcançamos nossos objetivos e projetos, temos uma redução dos impactos causados ao meio ambiente.</p>
<p>Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?</p>
<p>Sim, a criança geralmente tende a fazer muitos gastos como desperdiçar água, ou até mesmo desplantar na inocência, e sendo explicado através de vídeos ou filme de forma dinâmica. A criança terá um comportamento totalmente diferente.</p>
<p>ENTREVISTA COM A8</p>
<p>Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?</p>
<p>Contribui primeiro para o meio ambiente, porque se a informação chega de uma forma mais clara, mais didática a pessoa tem mais rapidez para ir em busca dessa melhoria.</p>
<p>É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?</p>
<p>Sim, muita gente faz ação para fazer coleta seletiva, que visa controlar o desperdício de comidas e a poluição das águas.</p>
<p>Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?</p>
<p>Sim, porque podemos levar a sensibilização do indivíduo com a sociedade em busca da preservação ambiental.</p>
<p>Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?</p>
<p>Sim, principalmente pela agilidade de levar informação e logo, estabelecer comunicação entre os indivíduos.</p>
<p>ENTREVISTA COM A10</p>
<p>Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?</p>

Permite o desenvolvimento de capacidades e sensibilidades para identificar e compreender problemas relacionados ao meio ambiente.
É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?
Sim, como debates sobre a limpeza urbana, produção do vídeo na escola.
Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?
Sim, oferece ao aluno uma possibilidade de ampliar sua visão para as diversas realidades, ou seja, um conhecimento sobre diversas áreas do assunto.
Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?
Sim, os tempos estão mudando, e com essa tecnologia o acesso a informação e aos conhecimentos se tornam amplos e mais acessíveis, ou seja, as pessoas mudaram a forma de pensar.

As mais diversas informações que a criança tem acesso quando produz o vídeo, juntamente com a visão que ele tem da sociedade, bem como suas experiências e interações sociais, criam de modo sutil, incipientes e concepções ideológicas que ela utiliza para interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões no seu modo de interagir e reagir.

Por isso, notamos que a escola inovou e acompanhou o avanço, aproveitando as mais diversas ferramentas e utilizando-as de maneira positiva na orientação do trabalho com a produção do vídeo na aprendizagem em educação ambiental.

Nessa perspectiva, o educador investigou o aprendiz e fez uma reflexão sobre ressignificação da atitude dos discentes, a fim de aguçar a criatividade e autonomia através da inferência do educador como propositor e dinamizador dos diálogos.

Nas palavras de Piaget (1990):

O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem dos objetos já constituídos (do ponto de

vista do sujeito) que se lhe imporiam: resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas (p. 08)

Nesse sentido, a produção do vídeo em educação ambiental aparece como produto das interações construídas pelos aprendizes no curso do seu processo educacional. Enquanto ser inovador, o educador faculta ferramentas ao educando para que este possa explorar os campos cognitivos existentes.

O educador instiga o educando a participar da construção de seu processo ensinoaprendizagem, visto que é na construção e desconstrução do saber acontece a aprendizagem.

Notamos, por fim, que a aprendizagem é trabalhada de modo adequado e tem como resultado o progresso mental. Desse modo, o componente essencial para o desenvolvimento da aprendizagem de cada aprendiz é a autonomia e a ressignificação.

Essas impressões são confirmadas através das entrevistas realizadas com os alunos da turma pesquisada por meio das quais notamos é preciso mais tempo de pesquisa para que as situações de aprendizado dos alunos prevaleçam em virtude das demandas organizadas pelos docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As convicções dos professores influenciavam a disposição do contexto no qual transcorriam as aprendizagens e esses foram os subsídios estruturadores das culturas que surgiam nas atividades de produção do vídeo.

Não foi possível deixar de levar em conta todo conjunto de rotinas, crenças, artefatos, valores e outros fatores que, interagindo, permitiam o valimento e significado daquela turma em estudo. Não pudemos ainda deixar de levar em conta que cada cultura faz parte de um sistema dinâmico, no qual cada um dos seus membros se relaciona com os demais, decorrendo da modificação, ainda que exclusivamente de só um desses elementos.

Nesse contexto, compreendemos que a sala de aula estudada, mediante o seu espaço escolar é o local ideal para desenvolvermos o estudo. Por isso, a pesquisa focou-se neste espaço de construção do conhecimento e foi neste espaço que desenvolvemos a investigação a partir de um estudo de caso de natureza qualitativa.

Foi a pesquisa qualitativa que nos forneceu os subsídios necessários para o sucesso da investigação e a opção por esta nos deu uma dinâmica real da situação que investigamos.

O ambiente natural foi a fonte direta para coleta de dados e a pesquisadora o instrumento chave. Descrevemos todo o processo e seu significado foram os focos principais de abordagem.

A metodologia usada neste estudo mostrou que a realidade existente na escola campo de pesquisa com relação a produção do vídeo permite que o processo de construção da aprendizagem seja realizado de forma autônoma e significativa. A pesquisadora teve um leque considerável, levando em conta as múltiplas faces qualificação e quantificação desse estudo.

Foi de fundamental importância neste processo de pesquisa a fidelidade às fontes e aos autores consultado, uma vez que por meio deles entendemos que este estudo se tratou de um caso instrumental, único e holístico.

Foi a partir da pesquisa qualitativa realizada através de um estudo de caso que conseguimos enxergar o quão abrangente pode ser esse campo de atuação. Assim alcançamos os objetivos pré-estabelecidos por meio dos instrumentos de coleta de dados utilizados nesta abordagem.

Tivemos a pretensão de utilizar o estudo de caso a partir da abordagem qualitativa, uma vez que tínhamos o intuito de entender os fenômenos sociais complexos, a partir da elaboração de notas de estudo de caso. Nessa pesquisa as notas de campo assumiram uma extensa diversidade de formas, elas apareceram como rendimento de entrevistas e das observações.

O estudo de caso se constituiu como um material de abordagem qualitativa fundamentada na realidade em seus vários facetes, oportunizando a pesquisadora a interpretação real dos fatos.

Esse estudo representa a estratégia preferida quando se coloca questões e quando a pesquisadora tem pouco controle sobre os eventos. A importância da coleta de dados através de várias técnicas e autores se mostrou de grande valia, sendo necessárias diversas técnicas que garantiram a confiabilidade da pesquisa e a rigorosidade dos resultados adquiridos.

O progresso do estudo foi garantindo um aprofundamento dos conceitos de inovação pedagógica, através do embasamento literário e da visibilidade que a aprendizagem significativa ia ganhando no decorrer das observações. Vimos que ali havia a construção dos saberes que davam respaldo à investigação a partir da ambiência pedagógica.

A metodologia utilizada na pesquisa nos facultou um ensaio crítico de natureza qualitativa. As técnicas de coleta de dados utilizadas apresentaram os dados necessários à realização do estudo.

Utilizamos também a pesquisa de campo através da entrevista com a docente da turma em estudo suscitando diferentes opiniões sobre a importância da produção do vídeo na aprendizagem em educação ambiental.

Encontrar esta resposta e fazer uso dela com os alunos na construção do conhecimento foi possível mediante o desenvolvimento da pesquisa a partir do estudo de caso.

Segundo Vygotsky (1991):

O aprendizado é o aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Contudo, as escolas ainda têm muito a aprender no que diz respeito à inovação pedagógica, os professores ainda se sentem despreparados para utilizar as ferramentas disponíveis de maneira inovadora. Sendo assim, só podemos pensar em inovação a partir da fragmentação do paradigma atual. Certamente não podemos atribuir só aos professores a responsabilidade desse problema. Uma análise mais profunda nos remete às políticas públicas responsáveis pela educação que se reflete desde a falta de um planejamento conectado com a otimização dos recursos de ordens pedagógicas, até a formação inicial e continuada dos professores (p. 81).

Vemos assim que o letramento envolve sujeitos alfabetizados ou não nas práticas sociais e escolares, pois o conhecimento é tudo para o indivíduo se libertar das amarras do sistema opressor.

Dessa maneira, entende-se que o educador não pode se ater apenas ao estudo da leitura e da escrita, mas fazer o estudante se interessar pelo que lê, incentivá-los a pesquisar o significado de palavras que as compreendam, pois assim a criança a cada dia crescerá na vida acadêmica e pessoal.

Fiorollo (2012) aduz que:

Precisamos ter como intenção o aprender e o ensinar, oferecendo possibilidades ao aprendiz para construir e reconstruir o conhecimento, descobrindo novas formas para aprender. Essa aprendizagem deve ser baseada nas experiências e conhecimentos que os discentes já trazem consigo. Os alunos em semicírculos interagem uns com os outros. Essa formação favorece a interação das trocas de saberes e a aprendizagem mediatizada por pares mais experientes. A construção e o compartilhamento de conhecimentos resultam do processo de interação social, estimulando a reflexão dialética e crítica, fazendo com que os educandos sejam protagonistas de suas aprendizagens. Nessa perspectiva, tornam-se autônomos no seu processo de aprendizagem. Cabe ao professor não apenas educar, ensinar e problematizar situações de ensino, mas também ser um parceiro experiente, um agente dinamizador e mediador de informação e transformação, evoluindo através de práticas inovadoras nos contextos de modo que favoreçam a aprendizagem, tornando o ato de ensinar prazeroso e significativo. As mudanças de concepções

dentro de um projeto inovador estimulam o processo de ensinoaprendizagem uma vez que o espaço favorece o contexto coletivizado e propicia o aprendizado interativo, permitindo navegar de acordo com os próprios interesses favorecendo a pesquisa, a busca, a descoberta, o conhecimento, a autoeducação e a autoinstrução (pp. 59-60).

Sabe-se que o letramento é beneficiado pelo domínio das formas de interação, sempre mediada pelos gêneros. Assim, todo projeto de plano de aula estabelecido por normas a serem obedecidas e inserida na análise linguística, desenvolverá no educando uma fonte precisa de informações para que ele progrida no desenvolvimento do letramento.

Sobre as metodologias de alfabetização vemos que os velhos métodos sintéticos ou analíticos foram de grande valia para a evolução da escrita na transição entre o século XX para o XXI, enfatizando as novas perspectivas teóricas na criação da psicogênese da escrita, na psicologia, nas teorias da enunciação e do discurso e também na análise linguística, onde os modos tradicionais de alfabetização em alguns casos se referiam a experiências traumatizantes para as crianças, no fato de serem submetidas as atividades desenvolvidas com ênfase em repetições e memorização de códigos.

Dessa forma, quando o comprometimento do educador com o educando se abre através do diálogo, as atividades de análise linguística, de leitura e interpretação dos gêneros textuais apresentados em sala de aula trazem para a criança o necessário para o seu desenvolvimento no mundo letrado.

Papert (2008) argumenta que:

O construcionismo é uma abordagem na qual os aprendizes constroem o seu conhecimento de forma autônoma. Enquanto a educação tradicional codifica o que o cidadão precisa saber, no construcionismo o aprendiz descobre o conhecimento que necessita, se para isso forem dadas ferramentas adequadas e forem oportunizados os momentos de interações necessários (p. 89).

Compreende-se que nessa perspectiva de ensino a aprendizagem é construída num ambiente sociocultural no qual há troca, diálogo e mediação e que o termo “alfabetização” é muito conhecido da população em geral, visto que se trata de um conceito que podemos analisar sendo de muito conhecimento e familiarizado.

Como abordamos anteriormente a alfabetização se desenvolve em um estágio onde alfabetização e letramento se desenvolvem em um conjunto de ideias, onde os meios de alfabetização tradicionais se modificaram em decorrência das inovações pedagógicas de ensino.

Este é, portanto, um novo olhar para a alfabetização onde devemos estar em alerta, esses meios tradicionais não podem ser abandonados, pois sabemos que a língua escrita faz parte de uma análise científica e que esses métodos são edificadores para as crianças. A forma de se trabalhar a alfabetização dentro do letramento, é a inovação de levar gêneros textuais que estejam inseridos nos meios sociais.

Por causa disso torna-se fundamental a imersão dos sujeitos em contextos específicos de uso da linguagem. Essa imersão do sujeito depende de seu desenvolvimento cognitivo e busca de conhecimentos que proporcionam ao indivíduo o prazer de querer mais, de alcançar níveis mais avançados para o seu intelecto pessoal.

A coleta de dados ocorreu com anotações das informações ressaltantes em fichas de campo que foram transcritas para um diário de campo, estas informações nos deram subsídios para reflexão e conhecimento da vida dos sujeitos pesquisados, pois como afirma Macedo (2010) “quando situa que o gênero” diário é um instrumento reflexivo para o pesquisador.

Assim aproveitamos o gênero diário como uma maneira de conhecer as vivências dos sujeitos observados, quando a problemática da pesquisa visa à compreensão do que expressa os atores sociais a situação existida. O diário de campo se constituiu como um dispositivo com enorme vantagem para verificar os dados coletados na investigação, possibilitando observar que apesar da utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos esse trabalho necessita de continuidade para que se verifique inovação pedagógica no contexto estudado.

A verdadeira função da escola não pode ser tão somente o de ensinar, mas também de criar as condições necessárias e fundamentais para um ensino eficaz que resulte em uma aprendizagem significativa, uma aprendizagem que alcance uma transformação social, política, cultural e econômica.

O professor pode ser no processo educacional, um problematizador do conhecimento, criando condições para o aluno construir o seu próprio conhecimento, uma construção compartilhada entre professor e aprendiz.

O ambiente de aprendizagem deve ser por natureza, agradável e atrativo, onde os alunos despertem a curiosidade no desenvolvimento de ações e que estas ações sejam dirigidas por eles mesmos com o apoio sem medida dos professores.

O ambiente de aprendizagem desenvolvido a partir das ações solidárias e coletivas tem sido um dos meios de excelência no desenvolvimento intelectual dos alunos. As novas formas de aprendizagem eficiente são desenvolvidas com o uso de dinâmicas de tecnologias que facilitam a aprendizagem coletiva, uma vez que ocorre ajuda mútua.

O trabalho coletivo em sala de aula é uma ferramenta educacional indispensável na escola como modalidade de construção do conhecimento. Pois vivemos em uma época em que a individualidade é um forte aliado social.

Na verdade, nos deparamos na atualidade com uma sociedade capitalista e individualista, onde cada um é por si. A escola é a instituição de mudança de postura social desta realidade, é um dos principais veículos de informação e formação de pessoas, principalmente no aspecto solidário e coletivo, pois este é fundamental para uma sociedade justa e fraterna.

Como instituição educacional eficaz, o trabalho coletivo é um instrumento pedagógico que compartilha saberes. A escola permite ao aluno desenvolver suas potencialidades, suas habilidades e competências de forma construtiva, pois a sua dinâmica com inúmeras ações propicia aprendizagem para toda a vida.

O mundo se apresenta cada vez mais individualista, estamos vivendo numa época em que a solidariedade está cada vez mais ausente na maioria das pessoas apesar da globalização estreitar as relações entre os povos nos aspectos econômico e social.

Essa instituição pode criar condições de transformar esta realidade a partir de métodos de ensino inovadores na construção do conhecimento e um recurso eficiente que pode resultar em um ganho de aprendizagem de qualidade significativa na escola é o desenvolvimento de ações coletivas que propiciam a vivência solidária.

A escola pesquisada é na verdade uma instituição de educação solidária onde os alunos e professores compartilham aprendizagens e juntos constroem uma nova realidade de vida. As ações que a escola utiliza no processo de ensinoaprendizagem, de formação do cidadão, está intimamente ligada com a maneira de o professor atuar neste processo, ou seja, o desempenho do seu papel de mediador.

Este desempenho inovador resultará em sucesso para o aluno. A importância de desenvolver as atividades coletivas na escola no processo didático pedagógico é uma das formas mais eficientes para se atingir uma educação significativa, uma educação solidária que transforma vidas.

O papel do professor no compartilhamento, na construção do conhecimento, mediante o desenvolvimento de dinâmicas coletivas ao longo das diversas atividades propostas propicia uma nova forma de aprendizagem mais coletiva e humana, uma prática pedagógica inovadora que está a serviço de uma educação de qualidade.

O trabalho coletivo é uma dinâmica educacional que deve ser explorado pela escola e que prende a atenção dos envolvidos: alunos e professores, pela sua integração e compartilhamento das ações.

Nesta dinâmica, é visível a construção da aprendizagem, pois o estudante a partir da produção do vídeo constrói um novo saber baseado em conhecimentos prévios e que são interconectados com seu novo aprendizado.

Outro aspecto muito importante a ser destacado, diz respeito à interdisciplinaridade que é um objeto de construção de um ideal de totalidade e enriquecimento mútuo permitindo interação de várias disciplinas.

Nóvoa (1997) afirma que:

A interdisciplinaridade se coloca como o saber que foca além das ciências naturais, outras ciências como as sociais”. Verificamos que a interdisciplinaridade integra aspectos pedagógicos que nos propiciarão aprendizagem diferenciada. Uma aprendizagem construída de maneira prazerosa com os autores envolvidos, como destaca (p. 87)).

É necessário que sintamos prazer em estudar e aprofundar uma temática para o nosso crescimento pessoal. Afinal, é muito mais prazeroso e agradável estudar aquilo que nos atrai e dá sentido à nossa existência.

A necessidade de desenvolver uma nova maneira de aprender é imprescindível para a humanidade na atualidade. Precisamos quebrar o velho paradigma fabril e implantar um novo paradigma que resulte em uma mudança significativa da realidade social, política, econômica e cultural.

Essa necessidade se torna mais urgente quando tratamos da relação entre as pessoas, pois esta relação é a base imprescindível para a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Neste projeto pesquisa, identificamos uma maneira de enfrentar o problema da individualidade entre as pessoas com um novo paradigma direcionado para o conhecimento da realidade e intervenção nesta realidade com ações eficazes que visam o viver em coletividade, a construção da vida solidária.

A solidariedade está ligada inexoravelmente à qualidade de vida das pessoas na sociedade. Esta solidariedade pode e deve ser desenvolvida pela ação dos professores e alunos na escola, uma vez que eles são os autores que têm a missão de construção de um mundo melhor, mais humano e mais fraterno. Nesta construção social, as dinâmicas de grupos com as várias ações desenvolvidas por meio da produção de vídeo propiciam esta nova realidade de vida.

Mediante estudo de caso com alunos do Ensino Fundamental II, este projeto apresenta uma perspectiva interdisciplinar e favorece uma quebra de paradigma na escola, pois este está ofertando aos professores envolvidos subsídios suficientes para a transformação da educação tradicional.

De acordo com o caráter da pesquisa, da sua objetividade e racionalidade do método utilizado para a ocorrência de inovação pedagógica aborda os valores para as condições fundamentais da vida humana.

Preparar as futuras gerações para um novo modelo de vida social solidária é um desafio que pode e deve ser enfrentado dentro da escola e o professor deve ultrapassar a barreira do antigo e implantar uma nova forma de aprendizagem

baseada na construção do conhecimento, uma construção que concretize as proposições do viver em coletividade numa visão de educação vinculada à questão social, política, econômica e cultural.

O professor deve ser um mediador nestas mudanças de postura na construção do conhecimento solidário, o seu papel neste processo educativo envolve perspectivas na formação inicial do aluno, na formação em serviço e na formação continuada.

Conforme Nóvoa (1997) “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas” (p.54).

O trabalho educativo que resulta em aprendizagem significativa é utilizado na escola como ferramenta pedagógica de construção do conhecimento, é um mecanismo inovador no processo de uma aprendizagem autônoma.

Na escola pesquisada o aluno é conduzido a aprender fazendo, o que resulta em uma consciência frente à realidade de viver em comunhão com o seu semelhante. A escola é um setor importante na formação da classe social, ela precisa desenvolver mecanismos atrativos para conseguir esta formação social significante, a partir da dinâmica de grupo desenvolvida pedagogicamente.

Os alunos devem ser induzidos e conduzidos a uma aprendizagem transformadora da sociedade, uma aprendizagem que pode ser construída mediante uma prática educacional de autonomia.

Não é fácil romper com paradigmas que estão solidificados na base do ensino escolar na atualidade, mas é preciso causar esta ruptura que pode ser possível por meio de uma educação libertadora.

Os paradigmas atuais estão obsoletos e não produzem o efeito na construção do conhecimento por parte dos alunos; levar estes alunos à construção autônoma do saber resgatará esta desconstrução do conhecimento.

Com o desenvolvimento deste novo paradigma a partir das dinâmicas coletivas, onde se desenvolvem a solidariedade, afetividade, interação e usabilidade na escola,

identificamos uma aprendizagem autônoma, significativa e coletiva por parte de todos os envolvidos no processo de construção da aprendizagem para a vida.

Para conseguir mudanças paradigmáticas na práxis pedagógica devem ser incorporadas novas tecnologias que podem ser determinantes para uma inovação pedagógica, uma vez que ela envolve diretamente a prática promovendo mudanças nos conteúdos que são desenvolvidos nas escolas e não apresentam construção do conhecimento, mas apenas reprodução.

Constatamos ao final da pesquisa que apesar da utilização do vídeo nas aulas de educação ambiental contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos esse trabalho necessita de continuidade para que se verifique inovação pedagógica no contexto estudado. Para haver inovação será preciso deixar ocorrer mais trabalho de aprendizado dos alunos, onde os professores sejam orientadores.

A inovação pedagógica precisa ter um caráter intencional, onde é proposta de maneira deliberada e consciente uma inovação visando uma melhora na práxis educacional. Na educação contemporânea vimos que é imprescindível a necessidade de se ter uma inovação na práxis educacional. Por isso, no contexto pesquisado, é preciso deixar que o trabalho de aprendizado dos discentes se sobreponham a qualquer demanda mais focada no ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2001.

FINO, Carlos Nogueira. **FAQs, etnografia e observação participante**. Funchal, UMA, 2003.

_____. **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo**. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2004.

_____. **A aposta na educação sênior. Construção de uma nova profissionalidade**. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.

_____. **O futuro da escola do passado**. Funchal, UMA, 2007.

_____. **Inovação pedagógica: significado e campo (de investigação)**. Funchal, UMA, 2008.

FINO, Carlos Nogueira & SOUSA, Jesus Maria. **Alterar o currículo: mudar a identidade**. Revista de Estudos Curriculares, 2001.

FIOROLLO, Celso Antonio Pacheco. **Uma nova experiência de leitura**. Saraiva, São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental**. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2000.

HOUAISS, Ant. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2010.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, 2003.

KENSKI, T. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. São Paulo: Educação e pesquisa, 2008.

KUNH. Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica: etnopesquisa-formação. Brasília: Liber Livro, 2010.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORALES, Angélica Góis Müller. Processo de institucionalização da educação ambiental: tendências, correntes e concepções. Florianópolis, 2000.

NÓVOA, José Manuel. O uso do vídeo em sala de aula. São Paulo: Moderna, 1997.

PAPERT, Seymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PIAGET, Jean. Epistemologia genética. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PILETTI, Marcelo Luiz. A emergência do paradigma ecológico. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis, 2000.

SOUSA, Roosevelt Fidelis de. Um pouco da história, finalidades, objetivos e princípios da educação ambiental. São Paulo, 2000.

TOFFLER, Alvin. A terceira onda. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

TRAJBER, Rachel & COSTA, Larissa Barbosa da. Avaliando a educação ambiental no Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2001.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento. Campinas/SP: UNICAMP/NIED, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN. Robert K. Estudos de casos: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL
MONSENHOR ESTANISLAU**

Poção, 15 de março de 2016

Ilma. Sra. Diretora

Nos meses de março, abril e maio do corrente ano estarei comparecendo em visita a Escola Municipal Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho em constante presença, tendo por finalidade observar assiduamente a turma do 8º ano do Ensino Fundamental, com a intenção de dialogar com a professora e alunos da turma acima citada sobre a produção do vídeo como contributo para aprendizagem em educação ambiental, perante a missão do Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade da Madeira.

Diante desta conjuntura, venho solicitar de Vossa Senhoria autorização para realizar observações participantes, entrevistas e pesquisa documental no âmbito escolar em que esteja sendo empregado a produção de vídeo nas aulas de educação ambiental.

Saliento que todo o processo de coleta de dados será obtido por meio de registros fotográficos, entrevistas e observação participante das atividades concretizadas pelos educandos.

Agradecimentos antecipados,

Janete de Freitas Ribeiro

Pesquisadora

Ciente e de acordo em ____/____/____

Diretora da Escola

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS

Poção, 15 de março de 2016

Ilmo. Sr. Pai/Responsável,

Nos meses de março, abril e maio do corrente ano estarei comparecendo em visita a Escola Municipal Monsenhor Estanislau em constante presença, tendo como finalidade observar assiduamente a turma do 8º ano do Ensino Fundamental, com a intenção de dialogar com a professora e alunos da turma acima citada sobre a produção do vídeo como contributo para aprendizagem em educação ambiental, perante a missão do Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade da Madeira.

Diante desta conjuntura, venho solicitar de Vossa Senhoria autorização para realizar observações participantes, entrevistas e pesquisa documental no âmbito escolar em que esteja sendo empregado a produção de vídeo nas aulas de educação ambiental.

Saliento que todo o processo de coleta de dados será obtido por meio de registros fotográficos, entrevistas e observação participante das atividades concretizadas pelos educandos.

Agradecimentos antecipados,

Janete de Freitas Ribeiro

Pesquisadora

Ciente e de acordo em ____/____/____

Pai/Responsável pelo aluno: _____

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Investigadora: Qual é a importância de se trabalhar com a produção do vídeo na educação ambiental?

É uma alternativa para substituir e complementar os materiais didáticos existentes, que, principalmente em escolas públicas, geralmente são escassos e muitas vezes defasados. Entre as mídias disponíveis, vale ressaltar a importância do vídeo como ferramenta didática. Ferramenta esta que pode contribuir para o trabalho do docente de diversas formas, gerando aulas mais atrativas, favorecendo a construção do conhecimento.

Investigadora: Você sentia falta desse tipo de prática na escola?

Sim, porque esse meio, possui uma grande capacidade de atrair e manter concentrado os alunos, além de ser capaz de passar uma grande quantidade de informações. Possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados.

Investigadora: O que lhe motivou a inserir uma atividade como a produção de vídeo nas suas aulas?

A possibilidade de despertar a criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados. O ensino fundamenta-se na estimulação que é fornecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem. Esses meios despertam o interesse e provoca a discussão e debates, desencadeando perguntas e gerando ideias.

Investigadora: O que você percebe que mudou após a inserção da produção do vídeo nas aulas?

Que as informações podem chegar aos alunos de forma mais rápida. O trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todo esse recurso para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo que vive. Para nós, professores, um filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de problemas ambientais.

ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Investigadora: Faz tempo que a escola vem inserindo a produção de vídeo nas aulas?

Sim, a escola está cada vez mais evoluindo, buscando inovações, para melhoria do aprendizado de seus alunos e professores.

Investigadora: É ofertado preparo ou formação tecnológica para que os professores e alunos consigam trabalhar com a produção de vídeo nas aulas?

Sim, possibilitamos aos alunos acesso aos recursos tecnológicos, acompanhando, monitorando e viabilizando a discussão, a troca de ideias e experiências para aquisição do conhecimento. Além disso, é necessário que o professor esteja preparado para lidar com os conflitos emocionais e éticos, uma vez que a dinâmica da sala de aula deixa de ser individualista e passa a ser um espaço de interação e colaboração, construindo vínculos entre os atores envolvidos.

Investigadora: Você percebe evolução em relação a aprendizagem dos alunos que se envolvem nas atividades com a produção de vídeo?

Sim, estão bem mais dinâmicos, com grandes ideias e projetos, melhoria na interação deles, bem mais atenciosos, super mais interessados na matéria.

Investigadora: Você considera a produção de vídeo uma atividade exitosa capaz de se considerada uma prática pedagógica inovadora?

Sim, os trabalhos expressam, sem dúvida, a superação cotidiana do ensinar e do aprender. Fortalecem a vivência de experiências diferentes e desafiadoras para todos, preparando-os para a vida fora do contexto escolar.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A1

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, contribuiu para que preveníssemos a deterioração ambiental, ajudar o meio ambiente.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, buscamos novos materiais, colocamos em prática as ideias adquiridas com maior engajamento.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, podemos expor nossas ideias de forma como bem entendemos, aumenta o desenvolvimento de se expressar, seja em gestos ou no falar.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Com certeza, é uma outra visão, outra forma de aprender, de absorver diversas informações de forma rápida e criativa.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A2

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, as aulas se tornam mais dinâmicas, mais interessantes, podemos ir em busca de mudar a formas das pessoas agirem, para melhoria do meio ambiente.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, podemos criar projetos voltados ao meio ambiental, como uma forma de conscientizar as pessoas para o mundo melhor.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, a disposição para criar pensamentos sócio ambiental aumentam, conseguimos resultados rápidos e precisos para futuros projetos.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, é um interesse e diferente, é um engajamento melhor, conseguimos entender o que os nossos colegas têm de ideias diferentes para oferecer.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A3

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, nos conscientizamos sobre a melhoria, e sempre em busca da preservação ambiental.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, consideramos que uma das formas que permitem a construção desses processos, através dessa prática é a construção dos saberes, no caso, ambientais.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, podemos reunir grupos com novas atitudes, ressaltando a prática específica como a produção de vídeo.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, aprendemos desenvolvimento de capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas ambientais, mobilizar-se e comprometer-se.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A4

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, conseguimos aprender muito conteúdo em muito pouco tempo, conseguimos traçar metas, alcançar objetivos para meio ambiente, como amenizar os lixos nas ruas.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, dá para fazer muita coisa, usar as plantas de diversas formas, como a plantação vertical.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, a capacidade de absorver os conhecimentos é grande, conseguimos inovar a cada aula, conseguimos levar para as pessoas informações de maneira dinâmica sobre o meio ambiente.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, todo mundo tem uma visão boa sobre esses recursos, e que se for pra melhoria, para agilidade, não tem coisa melhor.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A5

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Não só contribui como também ajuda muito na aprendizagem, temos noções de poder e querer ajudar, e também de nós próprio se conscientizar.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, como por exemplo a reciclagem, é uma prática mais simples e muito eficaz, evitando assim entupimentos de bueiros e etc.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, podemos cada vez mais inovar, seja utilizando pneus, garrafas pets, tintas para decoração entre outras coisas.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Com certeza, vivemos em mundo que depende muito do ser humano, e cada informação passada de maneira rápida e eficaz, é um adianto enorme, pois conseguimos fazer com que os projetos sejam feitos e exibidos de maneira correta.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A6

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, muitas vezes não conseguimos mudar o jeito do agir ou pensar, mas com dicas, com apresentações e com a produção de vídeo, muda a visão de muitas pessoas.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, como por exemplo a compostagem é o mais comum e prático de se fazer, sem contar que é muito bom para reduzir o aquecimento global.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, sempre que alcançamos nossos objetivos e projetos, temos uma redução dos impactos causados ao meio ambiente.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, a criança geralmente tende a fazer muitos gastos como desperdiçar água, ou até mesmo desplantar na inocência, e sendo explicado através de vídeos ou filme de forma dinâmica. A criança terá um comportamento totalmente diferente.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A7

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Devemos entender que se nós não mudarmos, o meio ambiente, vai se acabando, vai se poluindo, como exemplo as pessoas que deixam lixos sobre as calçadas das ruas.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, por exemplo o meio da reciclagem não é só feito com aqueles recipientes prontos, cada um pode fazer o seu da sua maneira, seja em casa ou na escola.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, podemos construir projetos em busca de conscientização, em busca de diminuir o impacto ambiental.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, pois esses recursos buscam encontrar novas alternativas, para controlar processos de consumo, para que tragam menos impacto ao meio ambiente.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A8

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Contribui primeiro para o meio ambiente, porque se a informação chega de uma forma mais clara, mais didática a pessoa tem mais rapidez para ir em busca dessa melhoria.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, muita gente faz ação para fazer coleta seletiva, que visa controlar o desperdício de comidas e a poluição das águas.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, por que podemos levar a sensibilização do indivíduo com a sociedade em busca da preservação ambiental.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, principalmente pela agilidade de levar informação e logo, estabelecer comunicação entre os indivíduos.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A9

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Sim, com esse investimento não ficamos presos só a leitura ou livros. Temos um entendimento muito mais amplo.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, com um grupo de alunos com objetivos e ideias diferentes, podemos trazer novos modelos de produção.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, a preocupação com o meio ambiente não é algo recente e nem fácil de levar às pessoas, então buscamos projetos que proporcionem uma melhor reflexão no pensamento das pessoas.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Ajuda, pois esses recursos proporcionam uma interação, e conseguimos um entendimento de que preservar o meio ambiente não é um luxo e sim uma necessidade.

ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

ENTREVISTA COM A10

Como a utilização e produção de vídeo pelo aprendiz contribuem para uma aprendizagem reflexiva em Educação Ambiental?

Permite o desenvolvimento de capacidades e sensibilidades para identificar e compreender problemas relacionados ao meio ambiente.

É possível utilizar práticas que deem espaço à inovação pedagógica dentro da educação ambiental?

Sim, como debates sobre a limpeza urbana, produção de vídeo.

Trabalhar a questão da Educação Ambiental através da produção do vídeo no espaço escolar garante aos aprendizes a oportunidade de aquisição de conhecimentos significativos de maneira aprimorada e autônoma?

Sim, oferece ao aluno uma possibilidade de ampliar sua visão para as diversas realidades, ou seja, um conhecimento sobre diversas áreas do assunto.

Os recursos tecnológicos, em especial o vídeo, quando posto de maneira inovadora poderão realmente ajudar a modificar a percepção da criança quanto à visão sobre Educação Ambiental?

Sim, os tempos estão mudando, e com essa tecnologia o acesso à informação e aos conhecimentos se tornam amplos e mais acessíveis, ou seja, as pessoas mudaram a forma de pensar.

FOTOS







DIÁRIO DE CAMPO

Diário de campo 15 de março 2016, primeiro contato:

Fazendo uma analogia sobre experiência da tecnologia de produção de vídeo pelos alunos, acredito que o vídeo em na sala de aula como “ideias da área de comunicação” em forma de narrativas digitais, foi uma ideia ótima, que poderá ser comunicada e os outros colegas poderão falar sobre isso. Os alunos ficaram muito mais interessados sobre o assunto, mais animados, não paravam de ter novas ideias.

Diário de campo 17 de março de 2016, observação nº 1:

Fiz uma explicação para sensibilizar os alunos sobre o assunto “Lixo”, convidar os alunos para duas atividades de observação do pátio, fazer uma visita antes do recreio e outra logo depois desse período, antes do momento da limpeza, começaremos com uma roda de conversa sobre as atitudes dos alunos. Por que devemos colocar os papéis, os sacos e os restos de comida no cesto do lixo? · O que acontece se todo mundo jogar o lixo na rua, na escola ou na sala? · Podemos aproveitar o lixo? · Para onde vão os restos de comida e os papéis que jogamos fora? E cada sua deu a sua opinião.

Diário de campo 22 de março de 2016, observação nº 2:

Apresentei a eles um filme sobre reciclagem. Após a exibição do filme pedi para falar sobre as cores utilizadas na coleta seletiva e que as 4 principais cores usadas são: amarelo, azul, vermelho e verde. Fui providenciar junto a equipe gestora da escola os lixos para coleta seletiva para serem colocados no pátio da escola. Para eles colocarem em prática tudo que aprenderam.

Diário de campo 24 de março de 2016, observação nº 3:

Através da ferramenta de vídeo mostrei a eles através de imagens o quanto é importante se preocupar e cuidar do meio ambiente. Formei grupos com 5 alunos, cada grupo foi em uma sala de aula ensinar aos outros alunos sobre a importância do meio ambiente. Os alunos ficarão no intervalo das aulas, corrigindo e orientando os alunos a depositarem seu lixo no local correto, a cuidar das plantas da escola, os lixos de coleta seletiva e as plantas nos pneus permanecerão no pátio para serem criados o hábito em toda a comunidade escolar, alunos, professores e funcionários.

Diário de campo 29 de março de 2016, observação nº 4:

Observei, que através da interpretação oral, se compreenderam o assunto sobre meio ambiente. Observei se, a partir do vídeo apresentado, se foram capazes de listar alguns objetos e materiais que podem ser reciclados. Analisar se conseguiram fazer relação entre os símbolos da reciclagem com seus respectivos materiais. Observei a participação e envolvimento dos alunos durante as visitas nas salas de aula. .

Diário de campo 31 de março de 2016, observação nº 5:

Reuni a turma em círculo na sala, perguntei a eles se estavam gostando da nova forma de passar informações para eles, através da aula de vídeo, percebi que ficaram eufóricos, disseram que ficaram com bem mais interesse, com facilidade de criar ideias e de colocar em prática, falaram que estão bem satisfeitos agora, que podem aprender bastantes conteúdo em um tempo bem menor.

Diário de campo 05 de abril de 2016, observação nº 6:

Pedi para fazerem um trabalho com o seguinte tema: SISTEMA DE ÁGUA ESGOTO, DOENÇAS GERADAS PELA FALTA DE PREVENÇÃO, POLUIÇÃO DO SOLO. Fiquei muito surpresa com as respostas, pois eu vi o quanto foram sensíveis, o quanto estavam preocupados como: se não jogar lixo no local correto pode entupir alguma

saída de água e ocorrer de inundadas as vias, ou até casas, por que a água não terá para onde ir, a não ser acumular daquele local, e foi ai que vi o quanto são atenciosos.

Diário de campo 07 de abril de 2016, observação nº 7:

Comecei a aula perguntando se em casa seus pais adotavam maneira de prevenções contra o meio ambiente? Como economia de água, lixo. Falei da importância sobre esses cuidados, que não afeta simplesmente ao meio ambiente, nos afeta também por esta vivendo nele, a maioria falou que SIM, que adotaram todos esses cuidados em casa, a minoria falou que NÃO, e expliquei a esses que não podemos levar na brincadeira e que isso era coisa séria.

Diário de campo 12 de abril de 2016, observação nº 8:

Fizemos alguns projetos específicos na escola, juntamente com ajuda de outros alunos e professores. Foi feito (horta comunitária, reciclagem de lixo, plantio de árvores, etc....), depois fizemos cartazes com fotos desse evento, apresentamos para a escola toda, como uma forma de conscientização e todos gostaram.

Diário de campo 14 de abril de 2016, observação nº 9:

Expliquei a eles que no mês de junho é quando ocorre a Semana do Meio ambiente, que os eles (os alunos) iriam fazer uma Mobilização de toda a comunidade escolar para o desenvolvimento de atividades durante esse evento, com finalidade de conscientizar a população sobre as questões ambientais; e também de poder levar essa informação de forma mais ampla possível.

Diário de campo 19 de abril de 2016, observação nº 10:

Apresentei em forma de vídeo o tempo de composição de alguns materiais como jornal, plásticos, tampas de garrafa e alumínio. Um deles não acreditou sobre o

tempo de decomposição do plástico por exemplo: que é 450 anos, não sabia que uma coisa tão simples demorasse tanto tempo para evaporar. Então expliquei o porquê da importância de jogar esse lixo de forma correta.

Diário de campo 26 de abril de 2016, observação nº 11:

Comecei o dia falando sobre prevenção. Falei que devemos ter cuidado em algumas coisas, como fogo. Ex: a fumaça é um perigo para o meio ambiente e para a saúde também, perguntei se alguém queria fazer um comentário ou tirar uma dúvida, um falou que quando os pais deles jogavam lixos, madeiras, coisas sem muita utilidade ele fazia isso, colocava fogo, mas o mesmo disse que não sabia que era prejudicial, eu falei, mas agora você já pode evitar de seu papai fazer isso de novo.

Diário de campo 28 de abril de 2016, observação nº 12:

Levei meus alunos em visita ao cruzeiro da cidade, dividi eles em grupos de 3 e pedi para que fossem em buscar de 5 tipos de plantas visto na aula de vídeo, pedi também para colarem um pedaço das folhas no caderno e descrever o modelo de cada uma, de acordo com o que se recorda e aprendeu.

Diário de campo 03 de maio de 2015, observação nº 13:

Coloquei um documentário sobre Aléssio & Ribeiro (2003) apresentam uma série de impactos que as tintas podem causar aos ambientes naturais. Como exemplos, eles citam o risco que a presença de metais pesados como cromo, chumbo e cádmio contido nas tintas pode causar à saúde humana. Esses autores também trazem a utilização de solventes para a limpeza das tintas como outro risco à natureza e à saúde humana uma vez que eles contêm materiais derivados do petróleo como tolueno, xileno, nafta. Os alunos concluíram que as tintas quando dispostas de forma indiscriminada podem trazer riscos à saúde humana e à natureza.

Diário de campo 05 de maio de 2016, observação nº 14:

Em comemoração ao mês da família a escola promoveu um evento com o objetivo de trazer a família à escola. Dentre diversas atividades ocorreu uma palestra direcionada aos pais sobre a importância da família e sobre como a presença da família na escola ajuda o aluno a entender a escola como um espaço dele. A palestra falou da importância do dizer não e do valor da família em suas várias conformações. Apresentou-se conceitos de cidadania e explicou-se como o espaço escolar era o espaço de desenvolvimento de cidadania.

Diário de campo 10 de maio de 2016, observação nº 15:

Fiz um trabalho com eles de que muito útil aos professores, uma vez que muitas deles também cuidam do lar. Com o tema de economia de energia no lar, os alunos apontaram como ações simples podem favorecer a economia de energia. Durante o projeto, através de dados estatísticos, os professores ficaram assustados e foram convencidos sobre coisas pequenas, como desligar aparelhos eletrônicos da tomada podem causar grandes mudanças no consumo de energia doméstica.

Diário de campo 12 de maio de 2016, observação nº 16:

Esse dia foi tirado não só para confecção com brinquedos com matérias recicláveis, mas para brincar com os alunos e, através da brincadeira, levar a incutir ideias de consumo sustentável e de reuso. Das atividades desenvolvidas nas salas foi possível notar a carência que alguns alunos tinham. Uma vez que dá àqueles alunos a sensação de quem tem mais alguém que se importa com eles. Nota-se que atividades simples trazem a esses alunos uma satisfação muito grande. Essa satisfação aumenta quando eles têm a oportunidade de criar algo por eles mesmos.